



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**DAMIANUS PASKALIS LELO**

**O martírio como dimensão séria da existência cristã**

**Uma reflexão teológica baseada em Hans Urs von Balthasar**

**Dissertação Final**

**sob orientação de:**

**Professor Doutor Domingos de Paiva Valente da Silva Terra**

**Lisboa, 2016**

**«PODE MORRER-SE POR TODA A ESPÉCIE DE MOTIVOS. MAS MORRER POR AMOR DAQUELE QUE POR MIM MORREU NA TREVA DE DEUS É UMA DECISÃO DE TIPO ÚNICO, QUE CARATERIZA A UNICIDADE DA VERDADE E DA EXISTÊNCIA CRISTÃ».**

**H. U. von BALTHASAR, *CÓRDULA OU MOMENTO DECISIVO*, 111.**

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação, que corresponde ao primeiro grau canónico em Teologia, foi redigida com o apoio de muitas pessoas. Agradecemos a elas que, direta e indiretamente – pela sua presença, palavras, exemplo, fraternidade – contribuíram para o nosso amadurecimento da pessoa humana e da fé cristã. Neste sentido, estão de modo particular a família, os Missionários do Verbo Divino, os formadores - Pe. David Sampaio Dias Barbosa, SVD e Pe. Florianus Jaling, SVD -, e os colegas de turma da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa.

Ao docente Professor Doutor Domingos de Paiva Valente da Silva Terra, devemos dirigir a nossa gratidão do fundo do coração, pelo seu acompanhamento rigoroso, sugestões, análise crítica, dedicação infatigável. Reconhecemos a enorme dívida para com o nosso confrade, o Irmão José de Jesus Amaro, SVD, pelo seu apoio constante e dedicação a corrigir o texto desta dissertação. Expressamos a nossa gratidão ao Pe. Manuel Meneses, SVD, pela sua ajuda na tradução de alguns textos franceses. Agradecemos ao Pe. António Augusto Leite, SVD, superior provincial dos Missionários do Verbo Divino em Portugal, pela sua forma incisiva e fraterno estímulo em etapas cruciais do nosso caminhar.

Uma última palavra é devida a tantas outras pessoas que nos encorajam – entre muitas, o Pe. António Lopes, SVD, o Fidel Fallo, a Sara Filipe, o Gregório Duarte, o Rafael Gomes, a Teresa Rogado, o Elvino Reis -, impelindo-nos a alcançar o objetivo desta dissertação.

## SIGLAS E ABREVIATURAS

At	Atos dos Apóstolos
BAC	Biblioteca de Autores Cristianos – Biblioteca de Autores Cristãos
Cf.	Conferir
Col	Carta de Paulo aos Colossenses
Coord.	Coordenador/coordenação
Cor	Carta de Paulo aos Coríntios
Dir.	Diretor/direção
Edit.	Edição ou editor
Et al	E outro/outros
Fl	Carta de Paulo aos Filipenses
Gal	Carta de Paulo aos Gálatas
GS	Concílio Vaticano II, Constituição pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
Heb	Carta aos Hebreus
Jo	Evangelho de João/ quarto evangelho
1 Jo	Primeira carta de São João
Lc	Evangelho de Lucas
LG	Concílio Vaticano II, Constituição dogmática <i>Lumen Gentium</i>

Mc	Evangelho de Marcos
Mt	Evangelho de Mateus
Nº	Número
Pe	Carta de Pedro
Rm	Carta de Paulo aos Romanos
Tg	Carta de Tiago
Tim	Carta de Paulo a Timóteo
Ti	Carta de Paulo a Tito
Trad.	Tradução/tradutor
Vol.	Volume

## INTRODUÇÃO

Expor o que é o martírio é acentuar um *morrer*, pois o martírio está ligado à perda de vida, por amor a Cristo e em benefício dos outros, dos próximos, dos irmãos. O martírio comporta um testemunho de precioso valor. Manifesta a prova suprema de caridade. Encerra a fidelidade de seguir Cristo e aderir a Ele. Seguir Cristo e aderir a Ele deve-se a uma opção, e esta opção implica perder e ganhar. Eis o caso sério e decisivo. Contudo, perder a vida por dar primazia a Cristo é um tesouro. À medida que os cristãos perdem a sua vida por defenderem a fé em Cristo e pelos seus próximos, revestem-se de Cristo, o Filho Unigénito, configurando-se, ao mesmo tempo, com Ele.

A dissertação «*O martírio como dimensão séria da existência cristã. Uma reflexão teológica baseada em Hans Urs von Balthasar*» enquadra-se na área de Teologia Fundamental, tendo como objetivo a busca da autocompreensão da fé cristã no seguimento das pisadas de Cristo e na adesão a Ele. O acento colocado neste carácter do seguimento de Cristo e adesão a Ele leva-nos a compreender que o destino dos cristãos não é distinto do de Cristo. Assim, os que escolhem Cristo e os seus ensinamentos evangélicos como uma forma de vida escolhem a cruz, onde o *morrer* não é uma eventualidade que pode ou não ocorrer.

A nossa indagação baseia-se em Hans Urs von Balthasar, um dos maiores teólogos e pensadores do século XX. Porém, não nos isolamos dos outros contributos – Magistério da Igreja e estudos – a que fomos recorrendo ao longo da nossa investigação. A opção por basear a nossa indagação em Balthasar deve-se ao facto de, em primeiro lugar, o teólogo suíço pôr em evidência Cristo como centro e “norma

concreta” que estipula a existência cristã. Em segundo lugar, para Balthasar, a fé em Cristo implica dar-lhe preferência. Ela requer *perder* tudo, como entrega, dádiva, para *ganhar* Cristo.

A presente dissertação reúne três capítulos. O primeiro tem como objetivo mostrar Cristo, o mártir. Neste capítulo, intentamos salientar a centralidade cristológica, dando realce ao princípio de que o martírio cristão só se compreende a partir da morte sangrenta de Cristo na cruz. No segundo capítulo, procuramos enquadrar o conceito de martírio, cartografar a sua etimologia, traçar os seus traços predominantes. Por fim, o terceiro capítulo tem como base afirmar o martírio como dimensão séria da existência cristã. Justificamos que o martírio faz parte da essência da fé cristã, como elemento integrante e inseparável do ser cristão.

Do ponto de vista metodológico, consideramos necessário fazer algumas observações. Em primeiro lugar, estamos conscientes de que não nos situamos no campo da investigação histórica, nem no de Cristologia, nem no de Teologia Bíblica. A nossa dissertação também não é sobre a história do martírio e das perseguições. O nosso objetivo circunscreve-se a assinalar a reflexão teológica sobre o martírio.

Em segundo lugar, todas as obras de Balthasar estão em alemão. Contudo, servimo-nos das traduções em castelhano e português. A este respeito, temos consciência das nossas limitações da habilidade linguística. Em terceiro lugar, nas citações bíblicas usamos a tradução portuguesa *Bíblia Sagrada* da Difusora Bíblica. Contudo, não descuramos a *Bíblia de Jerusalém*, à qual recorreremos.

## **I CRISTO, O MÁRTIR**

Com a reflexão que se segue procuramos afirmar que a morte sofredora de Cristo constitui o fundamento do próprio martírio cristão. Deste modo, a questão do martírio terá de remontar à origem cristológica.

Dividimos este capítulo em três partes. Na primeira, falamos da centralidade cristológica. Justificamos que o princípio básico e sólido da compreensão do que é martírio procede da morte sangrenta de Cristo. Na segunda parte, acentuamos a teologia da Sexta-Feira Santa, que ajuda a compreender a paixão de Cristo. Na terceira parte, sublinhamos os motivos, seja de cariz religioso, seja de cariz político, que levam Cristo à morte sangrenta, a partir da qual se formula a designação “Cristo, o mártir”.

## 1. A centralidade cristológica do martírio

A centralidade cristológica do martírio justifica e constitui o âmago do próprio martírio. O fundamento cristológico que sugere, corresponde tanto à veracidade da morte de Cristo na cruz, como às próprias palavras de Cristo que aludem ao martírio<sup>1</sup>. A veracidade da morte de Cristo, bem como as suas palavras que dizem respeito ao martírio, permitem-nos compreender que Cristo é a “norma concreta” que determina a compreensão do martírio. Trata-se de uma “gramática” que serve para elucidar este último. Assim, não se pode entender o martírio, «se Cristo não for a norma concreta»<sup>2</sup>, pois Ele é, a título eminente, o mártir de Deus<sup>3</sup>.

O martírio comporta o postulado cristológico. Deste modo, ele não tem base numa doutrina nem numa filosofia<sup>4</sup>; excede significativamente a conceção filosófica e antropológica. É independente de qualquer tendência predominantemente antropológica; não se coaduna com a centralidade antropológica que faz do homem o critério e o pano de fundo da fé cristã<sup>5</sup>. Na verdade, o martírio não se fundamenta numa antropologia, antes assenta no Filho do Homem (Mc 8,27) que padeceu na cruz. Isso significa que o martírio tem a sua base sólida em Cristo que morreu martirizado na cruz. O martírio está, portanto, enraizado em Cristo, Verbo encarnado, oprimido pelos

---

<sup>1</sup>Cf. H. SCHÜRMAN, *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte? Reflexiones exegéticas y panorámica*, trad. Víctor Abelardo Martínez de Lopera, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1982, 13-14. No que diz respeito às palavras de Cristo acerca do martírio, abordaremos no segundo capítulo.

<sup>2</sup>H. U. von BALTHASAR, *Teologia da história*, trad. Maria Manuela da Conceição Dias de Carvalho, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2010, 16.

<sup>3</sup>Cf. C. AUGRAIN, “Mártir”, in Léon-Defour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 562.

<sup>4</sup>Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, trad. José Manuel Lozano-Gotor Perona, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1978, 37-38.

<sup>5</sup>Cf. J. MOLTMANN, *Homem a desvendar*, trad. Ruth Delgado, Edições Paulinas, São Paulo, 1976, 166.

homens, perseguido e eliminado da terra<sup>6</sup>. Assim, o martírio «tem no seu centro [Jesus Cristo] que “encarnou por nós e pela nossa salvação, foi crucificado, morto e sepultado por nós”»<sup>7</sup>.

O conceito de martírio cimenta-se, portanto, no *Ecce Homo* (Jo 19, 5), no Filho do Homem que sofreu uma morte cruel (At 5,30; 10, 39) e não é *super-homem* que acabe com o sofrimento pela violência<sup>8</sup>. Este facto está muito patente na sua vida e nos seus ensinamentos. Estando suspenso na cruz, pediu perdão a Deus para os que O martirizaram: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34). Durante a sua vida pública, ensinou os seus discípulos a amarem os inimigos, a fazerem bem aos que odeiam e a orarem pelos que perseguem e caluniam (Mt 5,43-44). Se o martírio assenta em Cristo e na sua atitude e exigência de não pagar o mal com o mal, não espanta que Ele seja o critério hermenêutico e o ponto central de referência da compreensão do martírio. Ele é o centro, no qual o martírio se baseia. Segundo Balthasar, o martírio cristão «só é possível mediante Jesus, pois Ele próprio diz: “sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5)»<sup>9</sup>. Vemos, assim, que o martírio só se esclarece verdadeiramente a partir d’Ele. Há razões que mostram e explicam a centralidade cristológica do martírio.

Em primeiro lugar, a própria existência de Cristo assumida livremente e levada conscientemente até à morte na cruz, como preço de resgate por todos. Mateus narra que «o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão» (Mt 20, 28b). Ele dá a sua vida em benefício dos outros. O

---

<sup>6</sup>Cf. X. PIKAZA, *A perseguição religiosa na Sagrada Escritura*, trad. Luís João Gaio, Edições Paulinas, São Paulo, 1984, 129.

<sup>7</sup>H. U. von BALTHASAR, *Puntos centrales de la fe*, trad. José Luis Albizu, BAC, Madrid, 1985, 369-370.

<sup>8</sup>Cf. J. MOLTSMANN, *Homem a desvendar*, 166.

<sup>9</sup>H. U. von BALTHASAR, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, trad. Vicente Martín/Felipe Hernández, Ediciones Encuentro, Madrid, 1989, 179.

próprio Jesus declara-se ao serviço das suas ovelhas: «ofereço a minha vida pelas ovelhas» (Jo 10,15b). O dar-se de Cristo culmina na cruz. A morte de Cristo na cruz proporciona a chave devida, pois o martírio cristão supõe uma morte violenta correspondente à d'Aquele que morreu previamente por nós<sup>10</sup>. Em consequência, o martírio só se esclarece na *via crucis* de Cristo. É a cruz de Cristo que abre e desvenda a compreensão do martírio.

Em segundo lugar, na cruz de Cristo crucificado encontra-se o sentido do sofrimento do homem e esclarece-se o enigma da sua morte. A cruz de Cristo é o ponto focal da fé cristã e do martírio<sup>11</sup>. A cruz não é só o acontecimento histórico que Cristo sofreu. Designa também uma linguagem, um *logos* que dá sentido ao sofrimento do homem. Face ao sofrimento, o homem, muitas vezes, coloca perguntas, o porquê e o para quê, até ao ponto de questionar a presença de Deus. Contudo, a pergunta mais profunda encontra-se no grito penetrante e marcante do Filho do Homem na cruz: «Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?» (Mt 27, 46). É a única pergunta válida, em contraste com toda a pergunta filosófica que o homem possa construir face ao sofrimento<sup>12</sup>. O grito de Cristo penetra como flecha no coração de Deus, e é neste que o homem encontra a resposta definitiva e permanente<sup>13</sup>. Vemos, assim, que o homem só pode encontrar a resposta acerca do enigma do sofrimento na esfera da cruz de Cristo<sup>14</sup>, através da qual Deus manifestou o amor ilimitado, porque não poupou o seu próprio Filho Unigénito.

---

<sup>10</sup>Cf. IDEM, *Puntos centrales de la fe*, 362.

<sup>11</sup>Cf. IDEM, *Mysterium paschale*, in *Mysterium Salutis*, vol. 3, trad. Dom Mateus Rocha, O.S.B, Editora Vozes, Petrópolis, 1974, 8.

<sup>12</sup>Cf. IDEM, *Teodramática*, vol. 4, *la acción*, trad. Eloy Bueno de la Fuente/Jesús Camarero, Ediciones Encuentro, Madrid, 1980, 126.

<sup>13</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>14</sup>Cf. *Ibidem*.

Não espanta que Deus revele o seu amor não apenas pela ação poderosa, mas também pela cruz. A cruz não representa um sofrimento qualquer, mas a morte, a que cabem muitos predicados: terrível por sofrimento, abominável por humilhação e desprezo da vida e da dignidade por ser execução duma condenação infame<sup>15</sup>. Porém, por cima de todas estas classificações, está o princípio credível da fé cristã de que a morte de Cristo na cruz é a prova e a manifestação do amor de Deus<sup>16</sup>. Este amor de Deus revelado por Cristo na cruz é um amor redentor. Cristo não realizou apenas a redenção do mundo através do sofrimento; redimiu também o sofrimento humano<sup>17</sup>. A cruz de Cristo torna-se, então, fonte de vida para o homem e para todos aqueles que a Ele aderem e O seguem até à efusão do sangue<sup>18</sup>. Cristo, «sofrendo por nós, não só nos deu o exemplo para que sigamos os seus passos, mas também abriu um novo caminho, em que a vida e a morte são santificadas e recebem um novo sentido. [...] Por Ele e n'Ele, esclarece-se o enigma da dor e da morte»<sup>19</sup> do homem.

Em terceiro lugar, Cristo é o único mediador entre Deus e o homem. É o único mediador, por quem Deus se revelou plenamente. Afirmar que Ele é o único mediador leva a destacar o facto de que não há nenhuma medida geral e exterior que baste para O medir<sup>20</sup>. A primeira carta de Paulo a Timóteo afirma que «há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, um homem: Cristo Jesus» (1 Tim 2, 5). Só Ele unifica o homem e une-se a cada homem pela sua encarnação. A Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, nº 22, afirma nitidamente: «[...] pela sua encarnação, Ele, o Filho

---

<sup>15</sup>Cf. G. A. COLL, “La Cruz ¿Sabiduría humana? Puntos de vista antropológicos sobre la Cruz”, in Dionisio Borobio-Abundio Martínez (coord.), *La Cruz camino de luz*, XLI Jornadas de Teología 2008, Publicaciones Universidad Pontificia, Salamanca, 2009, 40.

<sup>16</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>17</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*, 1984, nº 19.

<sup>18</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Principia, Cascais, 2011, 138.

<sup>19</sup>CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 1987, nº 22.

<sup>20</sup>Cf. B. SESBOÜÉ, *Jesús Cristo el Único Mediador. Ensayo sobre la redención y la salvación*, Tomo I, trad. Alfonso Ortiz García, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 2010, 113-114.

de Deus uniu-se de certo modo a cada homem»<sup>21</sup>. Ele, sendo o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6), unifica a relação do homem com Deus e de Deus com o homem<sup>22</sup>. Santo Agostinho salienta que Cristo, sendo «o mediador entre Deus e a Humanidade: o mediador entre Deus e os homens, [...] é o caminho»<sup>23</sup>.

A mediação de Cristo é a da nova Aliança selada pelo seu sangue<sup>24</sup>. A Carta aos Hebreus apresenta-a: Cristo «é o mediador duma nova Aliança, dum novo testamento; para que, intervindo a morte para a remissão das transgressões cometidas sob a primeira Aliança, os chamados recebam a herança eterna prometida» (Heb 9,15). Pela efusão do seu sangue, Cristo estabelece a relação fidedigna de Deus com o homem e do homem com Deus. Por isso, n'Ele estabelece-se a fidelidade à Aliança entre o convite divino e a resposta do homem a este último. Cristo cumpre, portanto, dois aspetos de mediação. Por uma parte, concede-nos o dom da Aliança<sup>25</sup>. Por outra parte, é n'Ele e por Ele que temos acesso a Deus<sup>26</sup>. Balthasar afirma que «Cristo é a única porta de acesso a Deus»<sup>27</sup>. Assim, «na única Pessoa – Jesus Cristo – realizam-se o convite e a resposta da fidelidade plena, e, por Ele, [...] tanto o convite como a resposta se convertem no conteúdo constitutivo da revelação plena de Deus»<sup>28</sup>.

Podemos, deste modo, entender que Cristo não é só o enviado do Pai, mas também o representante eleito da Humanidade. Ele não só revela o amor divino que dirige ao homem, mas também conduz até Deus a resposta do amor humano<sup>29</sup>. Em

---

<sup>21</sup>CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 22.

<sup>22</sup>Cf. S. P. I NINOT, *Tratado de Teología fundamental*, Agape, Salamanca, 1989, 292-293.

<sup>23</sup>AGOSTINHO DE HIPONA, *A cidade de Deus*, vol. II, (livro IX a XV), trad. J. Dias Pereira, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000, 990.

<sup>24</sup>Cf. B. SESBOÜÉ, *Jesús Cristo el Único Mediador*, 114.

<sup>25</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>26</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>27</sup>H. U. von BALTHASAR, *Meditar cristianamente*, trad. Felipe Hernández Rodríguez, Ediciones Encuentro, Madrid, 2002, 10.

<sup>28</sup>H. SCHILLEBEECKX, *Los sacramentos como órganos del encuentro con Dios*, in *Panorama de la Teología actual*, trad. Andres Pedro Sanchez-pascual, Guadarrama, Madrid, 1961, 471.

<sup>29</sup>Cf. *Ibidem*, 472.

Cristo, há, portanto, um movimento descendente do amor, derivado de Deus em direção ao homem, e um movimento ascendente que conduz o homem em direção ao Pai. É por Cristo que os homens podem aproximar-se de Deus. A Carta aos Hebreus diz: «Cristo pode salvar de um modo definitivo os que por meio d'Ele se aproximam de Deus, pois Ele está vivo para sempre, a fim de interceder por eles» (Heb 7, 25)<sup>30</sup>. Em consequência, não espanta que a relação de comunhão com Deus só seja possível e alcançável na medida em que se constrói a relação intersubjetiva com Cristo, pois sem Ele, ninguém pode aceder ao Pai<sup>31</sup>. Tudo isso denota que o martírio cristão não se pode desvincular da própria existência de Jesus: todo o seu ser, o seu corpo entregue e o seu sangue derramado<sup>32</sup>. A sua existência é o próprio conteúdo do martírio cristão.

Em última análise, a conceção do martírio só adquire sentido a partir de Cristo crucificado<sup>33</sup>. Se o martírio não tiver enraizamento n'Ele, perde a sua credibilidade e torna-se, então, absurdo e difícil de compreender. Não admira que, portanto, a teologia do martírio tenha de basear o seu conteúdo na própria *via crucis* de Cristo ou na *theologia crucis*. Daí vemos a importância da teologia da Sexta-Feira Santa. Importa, por isso, indagar a noção de Balthasar: «caminho para a cruz: teologia da Sexta-Feira Santa».

## **2. «O caminho para a cruz: teologia da Sexta-Feira Santa»**

A morte de Cristo na cruz apresenta-se na história da Humanidade como facto indubitável. O facto da morte de Jesus na cruz é admitido em nossos dias por todos os homens<sup>34</sup>. No âmbito do Cristianismo, a paixão de Cristo é o coração central da

---

<sup>30</sup>Cf. A. VIARD e J. DUPLACY, “Mediador”, in Léon-Defour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, 567. Cf. B. SESBOÛÉ, *Jesús Cristo el Único Mediador*, 114.

<sup>31</sup>Cf. H. SCHILLEBEECKX, *Los sacramentos como órganos del encuentro con Dios*, 472.

<sup>32</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teodramática*, vol. 4, *la acción*, 420.

<sup>33</sup>Cf. X. PIKAZA, *A perseguição religiosa na Sagrada Escritura*, 132.

<sup>34</sup>Cf. B. FERRARO, *A significação política e teológica da morte de Jesus à luz do Novo Testamento*, Editora Vozes, Petrópolis, 1977, 49.

teologia cristã, pois é o próprio núcleo da fé da Igreja<sup>35</sup>. Quem adere a Ele sabe e professa que Ele, sendo Filho de Deus, morreu na cruz de forma cruel. No cristianismo, dá-se especial relevo à morte de Cristo na Sexta-Feira Santa. Esta desempenha um papel crucial na fé cristã, pois introduz plenamente o cristão no mistério da paixão do Senhor. A paixão significa aquilo que se experimenta; diz respeito àquilo que se sente e ao sofrimento que se vive<sup>36</sup>. A Sexta-Feira Santa equivale à Paixão. Recorda o sofrimento do Servo justo martirizado na cruz.

Cristo termina a sua vida pública de forma trágica na cruz<sup>37</sup>. A crucificação de Cristo na cruz é o culminar do seu messianismo. A cruz, porém, não é algo exterior à sua vida, antes é intrínseco e inerente à sua vida. A vida de Cristo no seu todo é vista sob o ângulo de um caminho para o martírio<sup>38</sup>. Desde o seu nascimento, Ele está sempre acompanhado pela ameaça de morte. Isso vê-se claramente referenciado no evangelho de Mateus. José e Maria tiveram de fugir com o recém-nascido para o Egipto a fim de escapar da raiva e crueldade de Herodes (Mt 2, 13-14). Este facto visa dizer que toda a vida de Jesus, desde o princípio, está orientada para a cruz. A sua vida destina-se à cruz. Vemos, portanto, que o fim último da vida de Cristo é a cruz<sup>39</sup>. Por isso, Balthasar obstina-se em afirmar que «toda a vida de Jesus deve ser considerada como uma marcha para a cruz»<sup>40</sup>. A vida de Jesus é um caminho para a cruz<sup>41</sup>.

---

<sup>35</sup>Cf. G. VERMES, *The passion*, Penguin Books, London, 2005, 9.

<sup>36</sup>Cf. J. DOR, “Pasión”, in Jean Yves Lacoste (dir.), *Diccionario crítico de Teología*, Ediciones Akal, Madrid, 2007, 912.

<sup>37</sup>Cf. C. DUQUOC, *Cristologia, o Messias. Ensaio dogmático*, II, trad. Atico Fassini, Edições Loyola, São Paulo, 1980, 16. Cf. R. FABRIS, *Jesús de Nazaret, historia y interpretación*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1985, 203.

<sup>38</sup>Cf. H. U. von Balthasar, *Mysterium paschale*, 11.

<sup>39</sup>Cf. *Ibidem*, 13.

<sup>40</sup>*Ibidem*, 57.

<sup>41</sup>Cf. B. FORTE, *Jesús de Nazaret, historia de Dios, Dios de la historia. Ensayo de una cristología como historia*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, 251.

A afirmação de que a vida de Jesus é um caminho para a cruz levanta questões que carecem de esclarecimento. As questões que se podem levantar prendem-se com o facto de saber até que ponto todos os acontecimentos de Cristo anunciam a cruz. Como viu o próprio Cristo a sua morte? Ou seja, como entendeu e viveu Jesus a sua morte?<sup>42</sup> Toda a vida de Cristo deve ser entendida sob a realização do projeto messiânico em favor do Reino de Deus ou da vontade do Pai e em favor da Humanidade. Este projeto messiânico é considerado como amor incondicional do Filho ao Pai e à Humanidade. A existência de Cristo depende totalmente da vontade do Pai. Por isso, não é de admirar que essa existência se caracterize pela obediência à vontade do Pai desde a encarnação até à morte<sup>43</sup>.

### **2.1. «A existência na *quenose* como obediência até à morte»**

A encarnação e a cruz de Cristo não são duas realidades que se excluem. Uma não está separada da outra. Tudo isso dá a entender que, de facto, quando se fala da encarnação fala-se, ao mesmo tempo, da cruz. A existência de Cristo, na *quenose*, expressa no hino de Fl 2,6-11<sup>44</sup>, alberga em si, desde o princípio, um carácter passional. A tradição da Igreja, tanto oriental como ocidental, afirma, de modo unânime, que o sentido da encarnação está orientado para a paixão, para a morte<sup>45</sup>. Atanásio afirma que o «Verbo que não podia morrer, porque é imortal, tomou para si o corpo que pode morrer, a fim de oferecê-lo por todos como seu próprio bem»<sup>46</sup>. Leão Magno salienta que «para o Filho de Deus não existiu outro motivo de nascer senão

---

<sup>42</sup>Cf. H. WALDENFELS, *Teologia fundamental contextual*, trad. Manuel Olasagasti, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1994, 332.

<sup>43</sup>Cf. C. MESTRES, *Curso bíblico*, Edições Paulistas, Belo Horizonte, 1983, 250.

<sup>44</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 57.

<sup>45</sup>Cf. IDEM, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, 175. Cf. J. J. FERREIRA DE FARIAS, *Da incerteza à esperança. Ensaio de uma soteriologia narrativa. Uma releitura teológica do motivo da Encarnação*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2012, 100.

<sup>46</sup>ATANÁSIO, *La encarnación del Verbo*, 20, trad. José C. Fernández Sahelices, Editorial Ciudad Nueva, Madrid, 1989, 64.

poder ser crucificado. No seio da virgem Maria, portanto, assumiu a carne mortal, na qual se cumpriram as disposições acerca da paixão»<sup>47</sup>. Em consequência, Bathasar articula ousadamente: «a encarnação não tem outra finalidade, a não ser a cruz. Quem diz a encarnação diz, por isso mesmo, a cruz»<sup>48</sup>.

A paixão de Cristo e a vontade do Pai estão mutuamente implicadas. Quer isso dizer que há uma unidade plena de vontade entre o Pai e o Filho<sup>49</sup>. A paixão de Cristo, considerada por Paulo em Fl 2 como consequência do aniquilamento e do rebaixamento do Filho, corresponde precisamente ao “mandamento do Pai”, ao qual Cristo dá resposta e põe em execução: «assim faço»<sup>50</sup>. O agir e o dizer de Cristo na sua doação livremente até à morte na cruz estão em correspondência com aquilo que o Pai ordena. Como João nos diz: «É por isto que o meu Pai me tem amor: por Eu oferecer a minha vida, para a retomar depois. Ninguém ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente. Tenho poder de oferecer e poder de a retomar. Tal é o encargo que recebi do meu Pai» (Jo 10,17-18). «Porque não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, é que me encarregou do que devo dizer e anunciar. E Eu bem sei que este seu mandamento traz consigo a vida eterna; por isso, as coisas que Eu anuncio, anuncio-as tal como o Pai as disse a mim» (Jo 12, 49-50). Estas afirmações de Cristo dão a impressão que, na sua vontade inquebrantável de se doar, existe algo como uma “inspiração” vinda do Pai<sup>51</sup>. É por isso que a paixão de Cristo como serviço do amor divino não é acidental nem casual, nem impróprio, pois, como diz Balthasar «Ele fez-se obediente, não a um destino anónimo, mas ao Pai em pessoa»<sup>52</sup>.

---

<sup>47</sup>LEÃO MAGNO, *Sermões sobre as coletas, a quaresma e o jejum de Pentecostes*, I, 48, trad. Monjas Beneditinas de Santa Maria, Editora Vozes, Petrópolis, 1977, 57-58.

<sup>48</sup>H. U. von BALTHASAR, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, 175.

<sup>49</sup>Cf. IDEM, *Mysterium paschale*, 57.

<sup>50</sup>*Ibidem*.

<sup>51</sup>Cf. *Ibidem*, 57-58.

<sup>52</sup>*Ibidem*, 58.

A obediência de Cristo está inscrita no próprio ser de Cristo desde a sua encarnação<sup>53</sup>. Balthasar desenvolve a teologia da paixão de Cristo tendo em conta o mistério da *quenose*, como tema nuclear<sup>54</sup>. Por “*quenose*” entende-se o esvaziar-se a si mesmo ou despojar-se, como diz Paulo em Fl 2, 7. Segundo a *Bíblia de Jerusalém*, o verbo “despojar-se”, tirado de Isaías 53,12, enfatiza a decisão de Cristo: Ele escolhe morrer. A encarnação e a paixão de Cristo denotam a obediência ao Pai e implicam a expressão de sintonia com a vontade do Pai. Balthasar articula do seguinte modo:

«Enquanto, de um lado, a Pessoa que se rebaixa até à forma servil pertencente ao Filho Divino é, por isso mesmo, a expressão da sua liberdade divina – e, inclusivamente, da sua harmonia com o Pai – durante a sua existência de servo, do outro lado, a obediência que determina toda a sua existência é *não apenas* função daquilo que Ele *se tornou* (portanto, «a existência destinada à morte»), mas aquilo que Ele quis ser, rebaixando-se e esvaziando-se: alguém que, pelo despojamento da sua «forma de Deus» (e, por conseguinte, de sua autodisponibilidade divina) obedece ao Pai de um modo eminente e único, ou seja, de um modo tal, que a sua obediência deverá representar a tradução *quenótica* do seu amor filial e eterno para com o Pai [...]»<sup>55</sup>.

Vemos, então, que toda a existência de Cristo se destina *quenoticamente* à cruz, sob a vontade do Pai<sup>56</sup>. Assim, a inspiração que provém do Pai não consiste simplesmente num impulso interno do amor, mas na conformação com a regra que o Pai impôs a Cristo e Cristo aceitou obedientemente<sup>57</sup>. Não admira, pois, que a obediência ao Pai caracterize a vida de Cristo. Ele percorre o caminho da vida e realiza o projecto messiânico segundo a vontade do Pai. Cristo põe a vontade do Pai à frente da sua existência. É o que Balthasar atesta: «Veio ao mundo a fim de se revelar como a revelação do Pai, e a esse ato se entregou inteiramente, deu-lhe o sentido da sua existência, não querendo ser senão o espelho e o reflexo do Pai»<sup>58</sup>. Sob esta obediência, toda a sua vida se torna pertença do Pai. Esta relaciona-se entranhadamente com o Pai.

---

<sup>53</sup>Cf. IDEM, *Teologia da história*, 13.

<sup>54</sup>Cf. J. J. FERREIRA DE FARIAS, *Da incerteza à esperança*, 100.

<sup>55</sup>IDEM, *Mysterium paschale*, 58-59.

<sup>56</sup>Cf. *Ibidem*, 59.

<sup>57</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>58</sup>IDEM, *O coração do mundo*, trad. Madalena de Castro, Livraria Tavares Martins, Porto, 1959, 33-34.

Cristo vive sempre no 'espaço' do Pai. Logo no início do seu evangelho Lucas exprime precisamente isso: «Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa do meu Pai?» (Lc 2, 49).

Os textos neotestamentários evidenciam a obediência de Cristo ao Pai. Paulo diz que Ele «se rebaixou a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Fl 2, 8). A Carta aos Hebreus diz que Ele veio ao mundo precisamente para fazer a vontade do Pai: «Eis que venho para fazer a tua vontade» (Heb 10, 9). João relata que Jesus veio do alto não para realizar a sua própria vontade, mas a do Pai: «Porque desci do Céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou» (Jo 6, 38). Vemos aqui o sentido do mistério da *quenose*. Este explica-se por uma referência tanto ao 'negativo' como ao 'positivo'. A referência ao 'negativo' caracteriza-se pela expressão cunhada por João: «não fazer», «não cumprir», «não executar a minha vontade» (Jo 6,38), o que não se entende aqui como algo pejorativo. A referência ao 'positivo' vê-se pela expressão «realizar e cumprir a vontade d'Aquele que enviou» (Jo 6 38). Realizar a vontade do Pai torna-se a chave de toda a existência de Cristo e tem como fundamento a realização do projeto messiânico. Balthasar salienta do seguinte modo:

«O sentido [da *quenose* de Jesus] é visível, em primeiro lugar, como “não fazer”, “não cumprir”, “não executar” a sua própria vontade. Esta negatividade inicial [...] está ao serviço de uma positividade mais profunda [...]: o cumprir a vontade do Pai. A positividade tem, por sua vez, o fundamento constituinte de tudo na missão, que é, assim, a chave de toda a existência de Jesus»<sup>59</sup>.

Cristo vive conscientemente uma existência que caminha para a paixão<sup>60</sup>. Ele vai ao encontro da sua paixão e morte com plena consciência<sup>61</sup>. As suas palavras são indícios pertinentes e determinantes que nos permitem compreender melhor o seu

---

<sup>59</sup>IDEM, *Teologia da história*, 23.

<sup>60</sup>Cf. *Ibidem*, 23-24.

<sup>61</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*, nº 16.

caminho para a cruz desde o princípio da sua vida<sup>62</sup>. Os evangelhos sinópticos evidenciam que Cristo anuncia por três vezes «livre e abertamente» a sua futura paixão (Mc 8, 31; 9, 30-32; 10, 32-34; Lc 9,22; 9, 43-45; 18, 31,34; Mt 16, 21-23; 16, 22-23; 20, 17-19)<sup>63</sup>. No primeiro anúncio da paixão, vê-se que Cristo se apresenta aos seus discípulos como Filho do Homem que tem de sofrer. «Começou, depois, a ensinar-lhes que o Filho do Homem tinha de sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos-sacerdotes e pelos doutores da Lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias» (Mc 8,31). A designação “Filho do Homem”, vinda do próprio Cristo, dá a entender que o seu messianismo se destina à paixão<sup>64</sup>.

Marcos mostra também que Cristo se confronta com o sinal de uma morte imediata no seu ministério público<sup>65</sup>, pois os sacerdotes e os doutores da Lei procuravam maneira de O matar (Mc 11,18; 12,12). Mateus narra que Cristo começa a sua vida com uma grande ameaça. A vida de Jesus começa com a fuga e com um banho de sangue de inocentes (Mt 2, 13-18)<sup>66</sup>. E no seu ministério público, particularmente, no seu sermão programático (Mt 5, 1-12 e Lc 6,20-23), Cristo introduz a ética da cruz e mostra o verdadeiro *logos* do Crucificado<sup>67</sup>. Trata-se de um discurso que forma e informa uma existência de dádiva pelos outros: não só a dos discípulos, mas também a do próprio Cristo.

João detém-se na presença do Verbo encarnado que constitui a “luz” que resplandece nas trevas (Jo 1,5) e ilumina todo o homem (Jo 1,9). Fala do regresso de

---

<sup>62</sup>Cf. M. GOURGUES, *Jesus diante de sua paixão e morte*, trad. Monjas Dominicanas, Edições Paulinas, São Paulo, 1984/5, 15.

<sup>63</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 59.

<sup>64</sup>Cf. X. PIKAZA, *Evangelio de Marcos. La buena noticia de Jesús*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2012, 600.

<sup>65</sup>Cf. B. FERRARO, *A significação política e teológica da morte de Jesus à luz do Novo Testamento*, 108.

<sup>66</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 60.

<sup>67</sup>Cf. *Ibidem*.

Jesus ao Pai (Jo 16,25)<sup>68</sup>. Este regresso de Jesus ao Pai passa pela morte (Jo 19,30). Outro destaque importante em João é o tema da “Hora” que desempenha papel significativo relativamente à consciência de Cristo sobre a sua paixão. Balthasar evidencia que «ao viver para esta «Hora» e (mais ainda na dependência dela) todos os instantes de Cristo adquirem sentido»<sup>69</sup>, uma vez que as suas ações estão determinadas pela sua Hora. É em função desta Hora que Ele ordena toda a sua atividade, o que se constata em Caná: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora» (Jo 2, 4)<sup>70</sup>. Até qualquer tentativa de prisão ou de apedrejamento se torna impossível, enquanto a sua Hora não tiver chegado (Jo 7, 30; 8, 20; 12, 23.27; 13, 1; 16, 32; 7,1)<sup>71</sup>.

Verificamos que a vida de Cristo não é uma vida que terá a sua morte, como qualquer outra<sup>72</sup>. É a existência dependente da Hora estabelecida por Deus. Por isso, Balthasar afirma que «Jesus não antecipa nem o tempo nem o conteúdo da Hora, pois tanto o momento como a Hora [Jesus] entende-os como uma realidade estabelecida por Deus de modo inalterável [...]»<sup>73</sup>. Vemos, então, que o conceito de Hora não se refere a uma simples indicação temporal, mas liga-se, numa forma particular, a todo o conteúdo da paixão<sup>74</sup>. Na verdade, o chegar da Hora significa a entrega da vida de Cristo nas mãos dos pecadores<sup>75</sup>.

Os textos evangélicos acima referidos não só apresentam o enquadramento da consciência de Jesus sobre a sua paixão, mas também dão a perceber que a cruz é a

---

<sup>68</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>69</sup>IDEM, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, 167.

<sup>70</sup>Cf. R. MOTTE, “Hora”, in Léon-Defour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, 414.

<sup>71</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>72</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, 178.

<sup>73</sup>IDEM, *Teodramática*, vol. 4, *la acción*, 212.

<sup>74</sup>Cf. B. FERRARO, *A significação política e teológica da morte de Jesus à luz do Novo Testamento*, 112.

<sup>75</sup>Cf. *Ibidem*.

medida da existência de Cristo<sup>76</sup>. A sua existência destina-se à cruz desde a sua encarnação. Isso expõe o facto de que o aniquilamento de Cristo na quenosé da sua encarnação coincide já com o acontecimento histórico da cruz<sup>77</sup>. Com efeito, é posto em evidência o princípio de que a encarnação de Cristo está orientada para a cruz e de que a sua cruz é a realização plena da sua encarnação<sup>78</sup>. Na cruz, Cristo não cumpre apenas a vontade do Pai, mas também revela o amor supremo de Deus para com o homem e do homem para com Deus.

## 2.2. Monte das Oliveiras

A obediência de Cristo à vontade do Pai manifesta-se verdadeiramente no Monte das Oliveiras<sup>79</sup>. Neste, Cristo revela o verdadeiro amor até ao extremo de cumprir a vontade do Pai, pois aproxima-se a verdadeira Hora de se entregar definitivamente à vontade do Pai. No Monte das Oliveiras, Cristo inaugura, portanto, a sua verdadeira paixão. Os evangelhos sinópticos relatam de forma diversificada o começo da paixão de Cristo. Marcos narra que Ele começa por um cair por terra (Mc 14,35); Mateus relata que Ele inicia com uma prostração adorante: prostra-se com o rosto em terra (Mt 26,39); Lucas conta que Ele começa por uma genuflexão (Lc 22,41)<sup>80</sup>.

No Monte das Oliveiras, Cristo sentiu choque e perturbação. A Hora fê-lo tremer. Levou-O a sentir pavor, angústia e perturbação<sup>81</sup>. Cristo diz aos seus discípulos: «A minha alma está numa tristeza mortal» (Mc 14, 34; Mt 26, 38). Em João, Cristo diz: «Agora a minha alma está perturbada» (Jo 12, 27). A palavra

---

<sup>76</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 60.

<sup>77</sup>Cf. *Ibidem*, 61.

<sup>78</sup>Cf. J. J. FERREIRA DE FARIAS, *Da incerteza à esperança*, 100.

<sup>79</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 125.

<sup>80</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 66.

<sup>81</sup>Cf. IDEM, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, 179. Cf. B. FORTE, *Jesús de Nazaret, historia de Dios, Dios de la historia*, 252.

“perturbação” exprime a perturbação d’Aquele que está submetido diante do abismo de todo o poder da destruição<sup>82</sup>. Trata-se da perturbação d’Aquele que vai beber o cálice do sofrimento, pois vai ao encontro do traidor e da Hora da paixão<sup>83</sup>.

No Monte das Oliveiras, Cristo sentiu também solidão e isolamento. O Monte das Oliveiras é um lugar de encontro e desencontro, de fé e descrença, de certeza e dúvida, de solidão e consolo, de intriga e de traição<sup>84</sup>. O isolamento, segundo Balthasar, tem dupla referência: «o isolamento face ao Pai e o isolamento face aos discípulos»<sup>85</sup>.

Quanto ao isolamento face ao Pai, Cristo sente a ausência dele, uma vez que já não existe nenhuma outra comunicação a não ser o Anjo que desce à sua presença, confortando-O no seu sofrimento (Lc 22,43-44), ou, a voz que ressoa do céu para O fortalecer e afirmar a glorificação da sua morte (Jo 12, 28b-29)<sup>86</sup>. Por isso, Cristo dirige-se ao Pai com grito terno e suplicante: «*Abbá*, Pai!» (Mc 14, 36)<sup>87</sup>.

No que diz respeito ao isolamento face aos discípulos, Cristo sente a distância dos seus três discípulos escolhidos, Pedro, Tiago e João (Mc 14, 33). Estes tanto O acompanham como O abandonam. O afastamento dos discípulos não envolve apenas o sentido espacial, mas também o alcance teológico-espiritual. Balthasar fornece as suas razões interpretativas. Em primeiro lugar, a indicação de lugar que denota uma distância espacial: «Ficai aqui, enquanto eu vou orar» (Mc 14,32b); «sentai-vos aqui, enquanto Eu vou além orar» (Mt 26, 36b)<sup>88</sup>. Em segundo lugar, os três discípulos estão

---

<sup>82</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 130.

<sup>83</sup>Cf. *Ibidem*, 125.

<sup>84</sup>Cf. J. CARREIRA DAS NEVES, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 262.

<sup>85</sup>H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 66.

<sup>86</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>87</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>88</sup>Cf. *Ibidem*.

com Cristo. Contudo, permanecem distantes, pois adormecem (Mc14, 37; Mt 26, 40; Lc 22, 45), o que mostra a incapacidade de os discípulos acompanharem o seu Mestre no momento decisivo<sup>89</sup>. Em terceiro lugar, a união na oração, embora com circunstâncias diferentes, pois Cristo reza na prova, enquanto os discípulos devem orar para serem preservados da prova<sup>90</sup>. Em Marcos, Jesus diz aos três discípulos: «Vigiai e orai, para não cederdes à tentação; o espírito está cheio de ardor, mas a carne é débil» (Mc 14, 38). Em Mateus, Jesus diz-lhes: «Vigiai e orai, para não cairdes em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é débil» (Mt 26,41). Em Lucas, Jesus diz-lhes: «Orai para que não entreis em tentação» (Lc 22, 40).

Cristo está no momento derradeiro de cumprir tudo aquilo que o Pai lhe ordena. Nesta situação de grande prova do amor definitivo ao Pai, Cristo deixa tudo para o Pai decidir<sup>91</sup>. Assim, dirige-lhe a oração. A sua oração reveste-se de importância decisiva<sup>92</sup>; nela, expressa a sua vontade. Contudo, a oração de Cristo no Monte das Oliveiras contém, segundo os relatos evangélicos, a contraposição de duas vontades, a saber: a vontade de Cristo que quer pedir que o cálice passe d'Ele e a vontade de Cristo que se entrega totalmente à vontade do Pai<sup>93</sup>. Em Marcos, Cristo reza: «*Abbá*, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres» (Mc 14, 36); em Mateus, Cristo dirige-lhe a sua súplica: «Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. No entanto, não seja como Eu quero, mas como Tu queres» (Mt 26, 39); em Lucas, Cristo ora do seguinte modo: «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lc 22,

---

<sup>89</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>90</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>91</sup>Cf. H. SCHÜRMAN, *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, 48.

<sup>92</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*, nº 18.

<sup>93</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 131.

42). Em João, vê-se a afirmação de Cristo a assumir a Hora: «Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente para esta hora é que Eu vim!» (Jo 12, 27)<sup>94</sup>.

A oração de Cristo expõe o abandono total de si próprio, caracterizado pela afirmação: «Não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres» (Mc 14, 36); «Não seja como Eu quero, mas como Tu queres» (Mt 26, 39); «Não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lc 22, 42). A oração de Cristo mostra também uma fé consciente ligada a Deus-Pai. É por isso que Cristo deixa a última decisão ao Pai. Trata-se de uma oração do Filho ao Pai, na qual a vontade de Cristo foi arrastada totalmente para dentro do Eu do Filho, cuja essência se exprime no abandono total do Eu ao Tu de Deus-Pai<sup>95</sup>. O abandono total do seu Eu leva-O a assumir livremente a paixão, o sofrimento, a cruz, fazendo a vontade do Pai. Balthasar salienta que «o risco do encontro com o sofrimento é uma forma aguda de risco de abandonar o seu ser nas mãos do Pai»<sup>96</sup>. Assim, o abandono total de si próprio encerra a sua entrega total à vontade do Pai. O 'sim' extremo à vontade do Pai leva Cristo a autodoar-se. Com o 'sim' extremo, Cristo abre espaço no seu ser à paixão<sup>97</sup>.

### **2.3. Entrega**

O vocábulo “entrega” não é um elemento adicional. É um vocábulo pertinente na predição e no processo da paixão de Cristo. Cristo fala várias vezes da sua entrega (Mt 17, 23; Mc 9,31; Lc 9,44)<sup>98</sup>. O conceito de entrega na paixão de Cristo comporta três tipos de agente. Em primeiro lugar, diz respeito à atividade d'Aquele que se dá. Neste sentido, refere-se à autoentrega consciente de Cristo. Ele entrega-se à paixão que culmina na cruz. Em segundo lugar, a noção de entrega alude ao ato divino. Cristo

---

<sup>94</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>95</sup>Cf. *Ibidem*, 135.

<sup>96</sup>H. U. von BALTHASAR, *Teologia da história*, 50.

<sup>97</sup>Cf. IDEM, *Puntos centrales de la fe*, 170.

<sup>98</sup>Cf. IDEM, *Mysterium paschale*, 71.

foi entregue por Deus<sup>99</sup>. Deus-Pai entrega-O à paixão segundo o seu desígnio prefixado. Em terceiro lugar, o conceito de entrega diz respeito ao traidor, Judas Iscariote (Lc 6,16) que entrega Cristo aos sacerdotes e doutores da Lei.

A autoentrega de Cristo envolve, de certa forma, “impotência”, uma passividade, pois Cristo não se defende, e até proíbe os discípulos de O defenderem<sup>100</sup>. Ele deixa-se “dominar” pela fé em Deus e não pretende impor o seu projeto messiânico pela força física, nem quer ampliar em seu favor as armas de violência<sup>101</sup>. A Pedro, diz: «Mete a espada na bainha. Não hei-de beber o cálice de amargura que o Pai me ofereceu?» (Jo 18, 10-12). A paixão de Cristo visa conferir, no dizer de Balthasar, «um não-querer ativo, uma *noluntad*»<sup>102</sup>, pois Cristo dispõe-se a dar a sua vida voluntariamente. É Ele quem tem poder de a entregar. A paixão de Cristo compreende um ato de entrega deliberado. Ele bebe o cálice de amargura conscientemente.

Na reflexão teológica do Novo Testamento, depreende-se com maior clareza a autoentrega de Cristo, que aceita e assume a paixão e a morte na cruz<sup>103</sup>. Nas afirmações paulinas, encontra-se muito claramente a designação da autoentrega de Cristo: «Cristo amou-nos e entregou-se a Deus por nós como oferta e sacrifício de agradável odor» (Ef 5,2); «entregou-se a si mesmo como resgate por todos» (1 Tim 2,6); «Ele entregou-se por nós, a fim de nos resgatar de toda a iniquidade» (Ti 2, 14)<sup>104</sup>.

Contudo, se Cristo se entrega livremente à paixão, por outro lado, existe o ato divino que O entrega, a que se chama “passivo divino”. Este ato dá a entender que

---

<sup>99</sup>Cf. B. FORTE, *Jesús de Nazaret, historia de Dios, Dios de la historia*, 259. Cf. H. U. von BALTHASAR, *Puntos centrales de la fe*, 170.

<sup>100</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Puntos centrales de la fe*, 170.

<sup>101</sup>Cf. X. PIKAZA, *Evangelio de Marcos*, 601.

<sup>102</sup>H. U. von BALTHASAR, *Puntos centrales de la fe*, 170.

<sup>103</sup>Cf. IDEM, *Mysterium paschale*, 72. Cf. H. SCHÜRMAN, *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, 21.

<sup>104</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 72.

Cristo é entregue por Deus<sup>105</sup>. Encontramo-lo nas narrativas dos evangelhos sinópticos: «O Filho do Homem tem de *ser entregue* nas mãos dos homens, que O matarão» (Mt 17, 23-24a; Mc 9,31; Lc 9,44). A expressão “o Filho do Homem tem de ser entregue” expõe de modo saliente o passivo divino, o que se afigura como a intervenção do Pai na paixão de Cristo até à morte na cruz. Esta intervenção de Deus-Pai na paixão de Cristo não quer dizer a ação da ira divina como se apresenta no Antigo Testamento<sup>106</sup>. No Novo Testamento, Deus entregou o Filho do Homem por amor. Como João nos diz: «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito» (Jo 3,16). É por mérito do amor que Deus entregou Cristo ao mundo e que Cristo se entregou. Assim, Balthasar profere:

«Deus é o agente das formas passivas da «entrega nas mãos dos pecadores», mas de uma entrega que se realiza com a inexorabilidade e inevitabilidade de um ato judicial, mesmo quando já não se trata da «ira» daquele que entrega, mas do seu desígnio prefixado e da sua presciência (At 2,23) e, por fim, do seu amor, porque Ele não poupou seu próprio Filho, mas O entregou por nós (Rm 8, 32)»<sup>107</sup>.

Ora, já mostrámos que a entrega de Cristo na cruz passa pela permissão de Deus. Contudo, há um traidor, Judas, que entrega Cristo às mãos dos sacerdotes e dos doutores da Lei<sup>108</sup>. A figura de Judas desempenha um papel significativo na prisão de Cristo. Judas está solidário com o ideal messiânico universal dos chefes dos judeus e renega a sua fé no messianismo do Filho de Deus<sup>109</sup>. A intervenção de Judas significa também que aquele que entrega o Mestre é um dos doze. Não se trata dum homem da

---

<sup>105</sup>Cf. IDEM, *Teodramática*, vol. 4, *la acción*, 218.

<sup>106</sup>Cf. IDEM, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, 184.

<sup>107</sup>IDEM, *Mysterium Paschale*, 72.

<sup>108</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 62. Cf. H. U. v. BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 73. Cf. R. E. BROWN, *La morte del Mesías. Desde Getsemani hasta el sepulcro*, trad. Serafin Fernández Martínez, Editorial Verbo Divino, Estella, 2005, 315.

<sup>109</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 75.

rua, mas dum dos discípulos que Cristo escolheu para ser companheiro na realização do projeto messiânico<sup>110</sup>.

Contudo, a entrega de Cristo na paixão é um mistério. Significa que tudo está para além da compreensão do homem. A paixão de Cristo evoca o facto de que tudo está dependente do plano de Deus. É o plano do Pai que está por trás da paixão de Cristo na cruz. Por isso, Balthasar atesta que «a entrega de Cristo na paixão é um mistério da Providência de Deus»<sup>111</sup>. Nos Atos dos Apóstolos lê-se: «Este, depois de entregue, *conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus*, vós O matastes, cravando-O na cruz» (At 2,23). Deus permitiu este drama para realizar o seu desígnio eterno<sup>112</sup>. Tudo isso parece coadunar-se com a noção do cumprimento de um destino inevitável<sup>113</sup>. A vida de Cristo está destinada pelo Pai à paixão.

Os relatos dos evangelhos sinópticos narram que Judas chegou com uma multidão trazendo espadas e paus da parte dos sacerdotes e anciãos (Mt 26, 47; Mc 14, 43; Lc 22,47). João relata a mesma narrativa, sublinhando que Judas, levando a corte e guardas destacados pelos sacerdotes e pelos fariseus, chega com lanternas, archotes e armas (Jo 18,3)<sup>114</sup>. Os evangelhos sinópticos descrevem também a forma como Judas entrega Cristo à multidão. Judas deu o sinal com um beijo: «Aquele que eu beijar, é esse mesmo: prendei-O» (Mt 26, 48; Mc 14, 44-45; Lc 22, 47). Este gesto põe à vista

---

<sup>110</sup>Cf. P. BENOIT, *Paixão e Ressurreição do Senhor*, trad. Abadia Nossa Senhora das Graças, Edições Paulinas, São Paulo, 1975, 44.

<sup>111</sup>H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 73. Cf. P. BENOIT, *Paixão e Ressurreição do Senhor*, 44.

<sup>112</sup>Cf. P. BENOIT, *Paixão e Ressurreição do Senhor*, 45.

<sup>113</sup>Cf. D. JACQUES, *Introducción a la Cristología*, trad. Pedro Rodríguez Santidrián, Editorial Verbo Divino, Estella, 1994, 84.

<sup>114</sup>Cf. J. CARREIRA DAS NEVES, *Escritos de São João*, 258. A menção dos fariseus mistura as seitas - fariseus e saduceus -, e as categorias sociais - príncipes sacerdotes e escribas. A corte é o exército romano que tem um destacamento de tropas contando 600 homens. Cf. P. BENOIT, *Paixão e Ressurreição do Senhor*, 58.

uma má vontade e a queda do discípulo<sup>115</sup>. Após este gesto do discípulo que parece horrível e desagradável, os guardas prenderam e manietaram Cristo (Jo 18, 12)<sup>116</sup>.

Judas é o verdadeiro traidor que entrega Cristo às mãos dos outros. Contudo, importa afirmar também que na cena do processo de condenação de Cristo acrescentam os intervenientes<sup>117</sup>. Na intriga, liga-se um acontecimento a outro, o que aumenta a cadeia de entrega. Judas chegou com uma milícia armada ao Getsémani e entregou Cristo aos sacerdotes, doutores da Lei<sup>118</sup>. Estes levaram-no à autoridade religiosa e à autoridade política.

Quanto à autoridade religiosa, Cristo foi levado ao sumo-sacerdote (Mc 14, 53; Lc 22,54)<sup>119</sup>, ou à casa de Caifás (Mt 26,57) ou a Anás, depois a Caifás, que era sumo-sacerdote daquele ano (Jo 18,13)<sup>120</sup>. A intervenção de Caifás desempenha uma função crucial no processo de condenação de Cristo à morte na cruz. Caifás era aquele que tinha pronunciado a palavra decisiva: «Convém que morra um só homem pelo povo» (Jo18,14)<sup>121</sup>.

Quanto à autoridade política, Cristo foi conduzido a Pilatos (Mc 15, 1-15; Mt 27, 11-26; Jo 18, 28-40)<sup>122</sup>. Lucas narra que Pilatos não encontrou motivo de condenação. Então, pediu aos sacerdotes, doutores da Lei para levarem Cristo a Herodes (Lc 23, 7). Herodes tratou-O com desprezo e escárnio, vestindo-O com uma veste brilhante e mandou-O de novo a Pilatos (Lc 27, 11). Tudo isso dá a entender que Cristo está emaranhado numa cadeia de entrega e numa trama de condenação

---

<sup>115</sup>Cf. P. BENOIT, *Paixão e Ressurreição do Senhor*, 45.

<sup>116</sup>Cf. *Ibidem*, 47.

<sup>117</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 75

<sup>118</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 139. Cf. X. PIKAZA, *Evangelio de Marcos*, 1013.

<sup>119</sup>Cf. P. BENOIT, *Paixão e Ressurreição do Senhor*, 70.

<sup>120</sup>Cf. *Ibidem*, 75. A menção de nome está longe de ser unívoca entre os evangelistas. Este facto leva os exegetas a entrar numa larga discussão, mas convém não entrarmos na sua subtiliza do desenvolvimento histórico, porque não faz parte desta indagação. Importa-nos referir apenas a intervenção de Caifás.

<sup>121</sup>Cf. *Ibidem*, 82. Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 142.

<sup>122</sup>Cf. P. BENOIT, *Paixão e Ressurreição do Senhor*, 82.

extremamente insuportável. Balthasar descreve a trama da condenação de Cristo da seguinte forma: «Ele rola de um lado para outro como uma bola de jogo entre dois partidos, atirado de próximo em próximo sem ser retido por ninguém e indesejado por todos»<sup>123</sup>.

O processo de condenação de Cristo, que passa por várias mãos, deve-se à consequência das suas ações e palavras messiânicas<sup>124</sup>. «Os atos e as palavras são finitos, mas as suas consequências são infinitas, extravasam a mera condição histórica e espacial dos mesmos», diz Anselmo de Cantuária. A condenação de Cristo à morte na cruz tem os seus motivos<sup>125</sup>. Importa-nos agora indagar os motivos que levaram à condenação de Cristo à morte na cruz.

### **3. Os motivos da condenação de Jesus à morte**

A condenação de Cristo à morte é de carácter político e de carácter religioso. Estes dois motivos não se separam absolutamente, pois não existe o motivo político sozinho, nem o motivo religioso sozinho<sup>126</sup>. O motivo religioso atém-se à palavra de Cristo sobre a destruição e a reconstrução do Templo<sup>127</sup>. A sua predição acerca da destruição e da construção do Templo cria desgosto e inveja. Os sacerdotes dos judeus, os doutores da Lei entregaram Jesus por inveja (Mt 27,18). O problema mais agudo não consiste na profecia de Cristo de destruir ou de construir o Templo, mas na sua pretensão messiânica. Eis o maior problema. É sobretudo este que leva as autoridades religiosas a tomarem a decisão derradeira de fazer morrer Cristo na cruz. Vemos,

---

<sup>123</sup>H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 79.

<sup>124</sup>Cf. J. MOLTMANN, *El Dios Crucificado*, trad. Severino Talavera Tovar, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2009, 154.

<sup>125</sup>Cf. *Ibidem*, 155.

<sup>126</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 141.

<sup>127</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 77. Cf. B. FERRARO, *A significação política e teológica da morte de Jesus à luz do Novo Testamento*, 150.

então, que a causa imediata da morte de Cristo está na pretensão clara de Ele ser o Messias<sup>128</sup>.

O Templo possui na vida religiosa dos judeus uma importância significativa. É considerado como sinal da presença de Deus entre os homens e lugar onde se realiza o culto religioso<sup>129</sup>. Assim, quando Cristo afirma que construirá o Templo em três dias, Ele está a pôr-se ao nível do próprio Deus, o que parece em contraste com o fundamento da fé de Israel: a profissão de fé no Deus uno e único<sup>130</sup>. Por isso, os conservadores da Lei e da ortodoxia judia apresentam a acusação de que Jesus é um falso profeta e um blasfemo<sup>131</sup>. O preço a pagar é a pena de morte.

A pretensão messiânica e a reivindicação da dignidade divina de Cristo tornam-se evidentes no julgamento, através da pergunta do sumo-sacerdote e da resposta de Jesus que os evangelhos nos narram (Mc 14,53-65; Mt 26,57-68; Lc 22,54-71; Jo 18,12-27)<sup>132</sup>. Em Marcos, a pergunta de Caifás é do seguinte modo: «És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?» (Mc 14, 61). Esta pergunta mostra que o sumo-sacerdote interroga Jesus acerca da sua messianidade<sup>133</sup>, caracterizada pela designação “Filho do Deus Bendito”. A resposta de Cristo à pergunta de Caifás contém também o carácter messiânico: «Eu sou. E vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poder e vir sobre as nuvens do Céu» (Mc 14,62). Mateus exprime a resposta de Jesus de modo mais discreto: «Tu o disseste. E Eu digo-vos: Vereis um dia o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu» (Mt 26, 64)<sup>134</sup>. Lucas

---

<sup>128</sup>Cf. S. VIDAL, *Jesús el Galileo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2006, 193. Cf. J. MOLTSMANN, *El Dios Crucificado*, 156.

<sup>129</sup>Cf. F. AMIOT, “Templo”, in Léon-Defour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, 1002.

<sup>130</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 146-147.

<sup>131</sup>Cf. R. FABRIS, *Jesús de Nazaret, historia e interpretación*, 205.

<sup>132</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 76. Cf. B. FERRARO, *A significação política e teológica da morte de Jesus à luz do Novo Testamento*, 167. Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 147.

<sup>133</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 148.

<sup>134</sup>Cf. *Ibidem*, 150.

apresenta duas intervenções de Caifás. Por isso, há duas respostas diferentes de Jesus. À primeira solicitação do Sinédrio - «Declara-nos se Tu és o Messias» (Lc 22, 67a) -, Jesus responde com uma afirmação enigmática - «Se vo-lo disser, não me acreditareis e, se vos perguntar, não respondereis. Mas doravante, o Filho do Homem vai sentar-se à direita de Deus todo-poderoso» (Lc 22, 67b-69)<sup>135</sup>. À pergunta insistente feita por todos - «Tu és, então, o Filho de Deus?» (Lc 22, 70a) -, Jesus responde: «Vós o dizeis; Eu sou» (Lc 22, 70b)<sup>136</sup>.

Embora os relatos evangélicos contenham formulação diversa, vemos que Jesus declarou publicamente o título de Messias e assumiu-o, o que O leva à condenação à morte, pois o Sinédrio encontra na sua resposta o motivo de blasfêmia<sup>137</sup>. Mateus narra que o sumo-sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: «Blasfemou! Que necessidade temos, ainda, de testemunhas? Acabais de ouvir a blasfêmia» (Mt 26, 65). Também os sacerdotes O julgaram: «é réu de morte» (Mc 14, 64; Mt 26, 66). Após o interrogatório de Caifás e a resposta dada por Cristo, sucedem-se ações de hostilidade. Os príncipes dos sacerdotes e doutores da Lei cuspiram-lhe no rosto e bateram-lhe (Mt 26,67)<sup>138</sup>.

A declaração de blasfêmia de Jesus proferida pelo Sinédrio já previa a pena de morte, mas o poder de infligir a pena capital estava reservado aos romanos<sup>139</sup>. Desta forma, o processo tinha de ser transferido para Pilatos<sup>140</sup>. A condenação de Cristo à morte, por motivos políticos, deve-se à intervenção de Cristo na sociedade de Israel. Cristo foi considerado como um rebelde político, como um malfeitor (Jo 18,30), como

---

<sup>135</sup>Cf. *Ibidem*, 149.

<sup>136</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>137</sup>Cf. *Ibidem*. Cf. B. FERRARO, *A significação política e teológica da morte de Jesus à luz do Novo Testamento*, 169.

<sup>138</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 79. Cf. P. BENOIT, *Paixão e Ressurreição do Senhor*, 101.

<sup>139</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 151.

<sup>140</sup>Cf. *Ibidem*. Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 77.

revolucionário agitador político<sup>141</sup>. Os sacerdotes, os doutores da Lei apresentam a Pilatos a insurreição de Jesus: «Encontrámos este homem a sublevar o povo, a impedir que se pagasse tributo a César e a dizer-se Ele próprio o Messias-Rei» (Lc 23,2). Na razão desta acusação, verifica-se a questão da reivindicação da realeza: Cristo-Rei. Não é de estranhar que, por isso, a reivindicação da realeza de Cristo transpareça na inscrição da cruz: «Jesus Nazareno, Rei dos judeus» (Jo 19,19; Mc 15,26)<sup>142</sup>.

No diálogo entre Jesus e Pilatos, encontra-se a declaração de Jesus sobre a sua realeza. À pergunta de Pilatos «Logo, Tu és rei!» (Jo 18, 37a), Jesus responde: «É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz» (Jo 18, 37b). Esta “confissão” de Jesus mostra que Ele assenta a realeza e o reino na Verdade<sup>143</sup>. Ao sublinhar «Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade» (Jo 18, 37b), Jesus introduz a essência e o carácter particular do poder da realeza: a Verdade<sup>144</sup>. Ele situa o seu conceito de realeza e de reino na Verdade como categoria fundamental, não se tratando da indagação filosófica dos gregos, nem da posse do saber<sup>145</sup>. Jesus é a Verdade e dá testemunho dela<sup>146</sup>. Ele é a Verdade não só pelo facto de dar testemunho do Pai como Verdade, mas também pelo facto de ser enviado do Pai para a salvação do mundo (Jo 12, 47)<sup>147</sup>. Dar testemunho da Verdade” significa pôr em realce Deus e a sua vontade face aos interesses do mundo e às suas potências<sup>148</sup>.

---

<sup>141</sup>Cf. B. FERRARO, *A significação política e teológica da morte de Jesus à luz do Novo Testamento*, 135. Cf. H. SCHÜRMAN, *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, 27 e 31.

<sup>142</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 77.

<sup>143</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 156. Cf. J. CARREIRA DAS NEVES, *Escritos de São João*, 264.

<sup>144</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 157.

<sup>145</sup>Cf. *Ibidem*. Cf. J. CARREIRA DAS NEVES, *Escritos de São João*, 265.

<sup>146</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teológico*, vol. 2, *Verdad de Dios*, trad. José Pedro Tosaus, Ediciones Encuentro, Madrid, 1997, 17.

<sup>147</sup>Cf. *Ibidem*, 17-18.

<sup>148</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 159.

Assim, Cristo foi condenado à morte por dar testemunho da Verdade, por causa do Reino de Deus.

No processo da condenação, Cristo sofreu a ação hostil. Pilatos mandou-O flagelar (Jo 19,1). Os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e revestiram-no de um manto de púrpura e saudaram-no como rei (Jo 19, 2-3; Mt 27,27-29; Mc 15, 16-17). Após a flagelação, Jesus foi levado a Pilatos e este apresentou-O à multidão, dizendo: «Eis o homem» (Jo 19, 5). Pilatos tentava procurar maneira de libertar Cristo<sup>149</sup>, mas os judeus ameaçavam, gritando: «Se libertas este homem, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei declara-se contra César» (Jo 19, 12). Dada esta determinação política a favor de César, contrária a Jesus, Pilatos entregou este aos sacerdotes para ser crucificado e eles tomaram conta d'Ele (Jo 19,16)<sup>150</sup>.

Jesus foi, então, levado para Gólgota que significa lugar da caveira (Mt 27,33; Mc 15,22; Lc 23,33; Jo 19,17) ou Calvário onde O crucificaram. Na crucificação, o Filho do Homem foi escarnecido e injuriado por aqueles que passavam naquele lugar (Mc 15,29-30; Mt 27, 39-44; Lc 23,35-37) - sacerdotes, doutores da Lei - e aqueles que foram crucificados com Ele: os salteadores<sup>151</sup>. «Olha o que destrói o Templo e o reconstrói em três dias! Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!» (Mc 15, 29-30). João narra que um dos soldados trespassou-lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água (Jo 19,34). Por isso, não é de espantar que a crucificação de Jesus se afigure como a forma mais terrível, mais desumana e mais desonrosa da pena capital<sup>152</sup>.

---

<sup>149</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 79.

<sup>150</sup>Cf. J. CARREIRA DAS NEVES, *Escritos de São João*, 264.

<sup>151</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 172-173.

<sup>152</sup>Cf. M. GOURGUES, *Jesus diante de sua paixão e morte*, 26.

Cristo morreu na cruz de forma trágica e entregou-se ao Pai. Lucas diz-nos que Jesus se entregou ao Pai: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23,46). João narra que Jesus disse: «Tudo está consumado» (Jo 19,30). Estas últimas palavras de Jesus na cruz aludem ao último suspiro de Cristo: Ele morreu<sup>153</sup>. Cristo foi verdadeiramente mártir de Deus, derramando o seu sangue até ao fim, até ao limite e para além do limite<sup>154</sup>. Cristo deu-se a si mesmo incondicionalmente, como dádiva, à vontade do Pai e ao serviço da Humanidade. Entregou-se totalmente, mesmo aquilo que é o “motor” de toda a sua ação: o seu próprio coração, a sua própria vida<sup>155</sup>. Por isso, Cristo é o protótipo do mártir. D’Ele procede o martírio cristão.

---

<sup>153</sup>Cf. I. DE LA POTTERIE, *La pasión de Jesús según San Juan*, BAC, Madrid, 2007, 127.

<sup>154</sup>Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 183.

<sup>155</sup>Cf. I. DE LA POTTERIE, *La pasión de Jesús según San Juan*, 127. Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 183.

## II QUE SE ENTENDE POR MARTÍRIO?

Nos últimos anos, a temática do martírio tem vindo a ocupar um lugar central na reflexão teológica. Desde o Concílio Vaticano II, o Magistério da Igreja tem tratado a questão do martírio como uma dimensão inseparável da fé cristã. A Igreja cresce com o martírio de inúmeros homens e mulheres dos primeiros séculos do cristianismo. O martírio continua presente no tempo hodierno e, por isso, este tema permanece atual na reflexão teológica.

Dividimos este capítulo em três partes. Na primeira, pretendemos ver a etimologia da palavra “martírio”. Explicamos a origem, o sentido desta última. Na segunda parte, indagamos o conceito de martírio no Magistério recente da Igreja, em particular, no Concílio Vaticano II e nos documentos do Papa João Paulo II, quer encíclicas quer exortações. Na terceira parte, destacamos o fundamento bíblico da temática do martírio. Julgamos necessário confrontar a noção de martírio com as palavras de Jesus Cristo, uma vez que, no capítulo precedente, apresentámos a importância das suas palavras acerca do martírio. Elas permitem-nos compreender que Jesus Cristo é a “norma concreta” que determina a compreensão do martírio. Nesta indagação da fundamentação bíblica, pretendemos construir um enquadramento que nos ajude a compreender o martírio como elemento integrante e inseparável do ser cristão.

## 1. A etimologia da palavra “martírio”

A palavra “martírio” comporta a alusão a um suplício suportado em defesa da Verdade. Expõe o aspeto passional. Evoca, portanto, o sofrimento que se experimenta e se sente. A palavra portuguesa “martírio”, de origem grega *μαρτύριον*, designa testemunho, prova<sup>156</sup>. Por “testemunho” ou “prova” entende-se a morte e a tortura suportadas, que se estendem ao sofrimento físico e moral, em defesa da Verdade<sup>157</sup>. Tudo isso dá a entender que o martírio significa o testemunho prestado por alguém que dá a sua vida, pagando com o próprio sangue<sup>158</sup>, sem reservas, a sua adesão a Jesus Cristo<sup>159</sup> e a atestação da verdade do evangelho<sup>160</sup>.

Tal definição do martírio foi-se impondo pouco a pouco com o desenrolar das perseguições. R. Fisichella admite que, no primeiro século, «a terminologia bíblica do Novo Testamento *μαρτύριον* não está ainda relacionada com o significado do martírio, como prova da efusão do sangue»<sup>161</sup>. O vocábulo *μαρτύριον* do Novo Testamento alude ao facto de se dar testemunho da fé em Jesus Cristo e de testificar a verdade do seu evangelho<sup>162</sup>. De modo geral, o vocábulo *μαρτύριον*, no Novo Testamento, refere-se a um testemunho mais abrangente. É um termo usado para designar a proclamação

---

<sup>156</sup>Cf. J. BEUTLER, “*μαρτύριον*, ου,τό, Martyrian”, in Horst Balz – Gerhard Schneider, *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento (λ-ω)*, vol. II, trad. Constantino Ruiz-Garrido, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 181. Cf. A. LOUTH, “Martirio”, in Jean-Yves Lacoste (dir.), *Diccionario crítico de Teología*, 748. Cf. F. A. FIGUEIREDO, O.F.M., *Curso de Teologia patristica I. A vida da Igreja primitiva (Séculos I e II)*, Editora Vozes, Petrópolis, 1983, 46.

<sup>157</sup>Cf. M. PRAT e P. GRELOT, “Testemunho”, in Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, 1028.

<sup>158</sup>Cf. B. MONDIN, “Martirio”, in *Dizionario enciclopedico del pensiero di San Tommaso D’Aquino*, Edizioni Studio Domenicano, Bologna, 1991, 373-374.

<sup>159</sup>Cf. R. FISICHELLA, “Martirio”, in René Latourelle (dir.), *Diccionario de Teología fundamental*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1992, 859.

<sup>160</sup>Cf. B. SESBOUÉ, *O Evangelho na Igreja. Tradição viva da fé*, trad. Ir. Isabel Fontes Leal Ferreira, Edições Paulinas, São Paulo, 1977, 101. Cf. R. FISICHELLA, “Martirio”, 860

<sup>161</sup>R. FISICHELLA, “Martirio”, 862.

<sup>162</sup>Cf. TH. BAUMEISTER, “Martires y Perseguidos en el cristianismo primitivo”, trad. J. Larriba, *Concilium* 183 (1983), 313. Cf. R. FISICHELLA, “Martirio”, 862.

da Ressurreição de Cristo<sup>163</sup>. Tal facto encontra-se nos Atos dos Apóstolos e nas cartas de Paulo<sup>164</sup>. «Com grande poder, os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e uma grande graça operava em todos eles» (At 4, 33). «Assim, foi confirmado em vós o testemunho de Cristo» (1 Cor 1,6). «Este é o nosso motivo de glória: o testemunho da nossa consciência de termos procedido no mundo, e mais particularmente em relação a vós, com a simplicidade e a sinceridade que vêm de Deus, e não com a sabedoria humana, mas segundo a graça de Deus» (2 Cor 1,12). As referências, que acabámos de apresentar, dizem respeito ao ato de ver, assistir e ouvir. Contudo, o testemunho bíblico não significa apenas um “testemunho de factos” ou depoimento dos acontecimentos; designa também um testemunho de alguém que anuncia a verdade com as suas convicções, uma vez que o testemunho bíblico implica o testemunho ocular da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo<sup>165</sup>. Por isso, os discípulos são chamados “testemunhas”, já que testificam a verdade do evangelho em diversas circunstâncias da vida<sup>166</sup>.

Nos primórdios da Igreja nascente, existiu a perseguição que levou à efusão do sangue. Nos Atos dos Apóstolos, narra-se a perseguição de Estêvão que testemunha com a própria vida e com o derramamento de sangue<sup>167</sup>. A morte de Estêvão introduz a morte sangrenta por defender a fé em Cristo. Porém, a palavra “martírio” (cf. Ac 22, 18-20) não tem ainda o sentido específico do uso martirológico<sup>168</sup>. Este facto dá a entender que, embora a narrativa lucana já afirme que a existência cristã pode implicar

---

<sup>163</sup>Cf. J. BEUTLER, “μαρτυρία, ας, ή, Martyria”, 179. Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teológica*, vol. 3, *El Espíritu de la Verdad*, trad. José Pedro Tosaus, Ediciones Encuentro, Madrid, 1998, 401.

<sup>164</sup>Cf. J. BEUTLER, “μαρτυρία, ας, ή, Martyria”, 180.

<sup>165</sup>Cf. R. KOCH, “Testimonio”, in *Enciclopedia de la Biblia*, vol. VI, Q-Z, Ediciones Garriga, Barcelona, 1965, 985. Cf. M. PRAT e P. GRELOT, “Testemunho”, in Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, 1027-1028.

<sup>166</sup>Cf. D. R. BUENO, *Introducción geral*, in *Actas de los martires*, BAC, Madrid, 1951, 6. Cf. R. FISICHELLA, “Martirio”, 862. Cf. R. KOCH, “Testimonio”, 988.

<sup>167</sup>Cf. D. R. BUENO, *Introducción geral*, 11.

<sup>168</sup>Cf. J. BEUTLER, “μαρτυρία, ας, ή, Martyria”, 179 e 183.

o derramamento do sangue, o termo “martírio” não significa ainda um testemunho consumado pela morte sangrenta<sup>169</sup>. J. Beutler afirma que «difícilmente se provará de maneira suficiente que Lucas e com ele o Novo Testamento conhecem já o “testemunho de sangue” que mediante o derramamento do próprio sangue se transforma em testemunho, prova [como entendemos hoje]»<sup>170</sup>.

Tendo em conta a definição do martírio no contexto bíblico, entendemos que o termo “martírio” assume uma pluralidade de significados, e, desta forma, traz consigo uma polissemia. Ainda que haja divergências de compreensão da terminologia da palavra “martírio”, os estudiosos, como Daniel Ruiz Bueno, Baumeister, Balthasar, G. Bowersock, afirmam que o vocábulo “martírio” adquire o seu significado mais restrito, como testemunho sangrento, a partir do século II<sup>171</sup>. Tal significado desenvolve-se com os martírios ocasionados pelas perseguições contra o cristianismo<sup>172</sup>. No século II, o martírio foi um facto frequente na vida da Igreja. Foi um testemunho, por excelência, em favor de Cristo e do seu evangelho<sup>173</sup>.

O termo “martírio”, enquanto testemunho consagrado pela morte sangrenta, desenvolve-se a partir da carta da comunidade de Esmirna à Igreja de Filomélio, na Frígia<sup>174</sup>. Esta carta narra o martírio de São Policarpo. É considerada como o primeiro documento cristão que emprega o vocábulo “martírio” com o sentido de testemunho

---

<sup>169</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teológica*, vol. 3, *El Espíritu de la Verdad*, 401. Cf. P. MOLINARI, “Martir”, I, 1, in Stefano de Fiores e Tullo Goffi, *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, trad. Eloy Requena, et al, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, 869.

<sup>170</sup>J. BEUTLER, “μαρτυρία, ας, ή, Martyria”, 183.

<sup>171</sup>Cf. TH. BAUMEISTER, “Martires y Perseguidos en el cristianismo primitivo”, 312. Cf. H. U. v. BALTHASAR, *Teológica*, vol. 3, *El Espíritu de la Verdad*, 405. Cf. D. R. BUENO, *Introducción geral*, 12. Cf. G. W. BOWERSOCK, *Martyrdom & Rome*, Cambridge University Press, Cambridge, 1995, 13.

<sup>172</sup>Cf. TH. BAUMEISTER, “Martires y Perseguidos en el cristianismo primitivo”, 312. Cf. P. H. MENOUD, “Martyr”, in Georhe Arthur Buttrick (edit.), *The interpreter's dictionary of the Bible*, vol. IV, Abingdon Press, New York, 1962, 288.

<sup>173</sup>Cf. P. MOLINARI, “Martir”, 870.

<sup>174</sup>Cf. M. PRAT e P. GRELOT, “Testemunho”, 1028. Cf. D. R. BUENO, *Introducción geral*, 12.

dos cristãos perseguidos até à morte<sup>175</sup>. Desde então, o vocábulo “martírio” tem plenamente o sentido de testemunho de fé consumado pela morte. Assim, diz o autor da carta:

«Escrevemos, irmãos, acerca daqueles que sofreram o martírio, e sobre Policarpo, que fez cessar a perseguição, selando-a com o seu martírio. Pois todas as coisas precedentes aconteceram de modo que o Senhor, lá do céu, nos mostrasse como é o martírio segundo o evangelho. Policarpo esperou que fosse atraído, como aconteceu ao Senhor, para que nós também o imitássemos, «*não tendo só em conta o que nos diz respeito, mas pensando também no nosso próximo*». É próprio da caridade verdadeira e sólida, não só querer salvar-se a si mesmo, mas pensar em todos os irmãos»<sup>176</sup>.

Se, com o tempo, o vocábulo “martírio” varia, contudo, o traço predominante do martírio é o da morte sofrida por defender a verdade da fé em Cristo<sup>177</sup>. O martírio, enquanto testemunho da fé em Cristo selado pela efusão do sangue, requer a atitude de entrega de livre vontade<sup>178</sup>. Quer dizer que o martírio se radicaliza na entrega deliberada e total a uma causa. Ele exige dar-se, no dizer de Balthasar, «sem esperar nenhum proveito para a vida terrena, para a existência»<sup>179</sup>. Esta radicalidade de entrega, consciente e livre, constitui o empenho numa doação total. Deste modo, o martírio coaduna-se com a aceitação. Acolhe-se e aceita-se. Os cristãos, desde a Igreja antiga, compreendem o martírio como um privilégio, como um dos modos em que os seguidores de Cristo alcançam a perfeição da vida cristã<sup>180</sup>. Porém, isso não significa que o martírio possa ser conquistado por eles com as suas próprias forças<sup>181</sup>. O martírio, neste sentido, evoca precisamente um dom gratuito que se acolhe e,

---

<sup>175</sup>Cf. D. R. BUENO, *Introducción geral*, 12. Cf. A. LOUTH, “Martirio”, 749. Cf. G. W. BOWERSOCK, *Martyrdom & Rome*, 13. Cf. R. FISICHELLA, “Martirio”, 859. Cf. F. A. FIGUEIREDO, O.F.M., *Curso de Teologia patristica I*, 46.

<sup>176</sup>POLICARPO, *Carta aos Filipenses*, I, trad. P. O. Tosti, Edições Paulistas, São Paulo, 1960 [?], 89-90.

<sup>177</sup>Cf. P. MOLINARI, “Martir”, 870.

<sup>178</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teológica*, vol. 3, *El Espíritu de la Verdad*, 404.

<sup>179</sup>IDEM, *Puntos centrales de la fé*, 363.

<sup>180</sup>Cf. M. DI S. MARIA e A. CAPPELLETTI, “Mártir”, in Ermanno Ancilli, *Diccionario de Espiritualidad*, Tomo II, trad. Joan Llopis, Editorial Herder, Barcelona, 1983, 555-556.

<sup>181</sup>Cf. C. MIRANDA URBANANO, “Tipologias literárias do martírio na Hagiografia”, *Theologica* 41 (2006), 338.

consequentemente, um empenho que se assume. É aqui que reside o valor da doação do martírio<sup>182</sup>.

Ora, já vimos que o martírio implica a disposição a dar-se gratuitamente. Neste sentido, ele exclui o fanatismo<sup>183</sup>. Esta exclusão do fanatismo indica que o martírio não consiste numa paixão cega, nem num zelo excessivo. A Igreja, partindo da vida e das advertências de Cristo, ensina que o martírio se baseia na aceitação de morrer pela fé em Cristo, de forma livre e paciente. Tudo isso dá a entender que no martírio se morre e não se mata. Neste morrer, quem consola e sustenta o perseguido e o mártir é unicamente o Espírito Santo. Tertuliano, em *Ad Martyras*, exorta: «Tendes de sofrer um bom combate (1 Tm 6,12), no qual Deus vivo é o presidente»<sup>184</sup>. Estas palavras de Tertuliano ajudam-nos a compreender que no martírio se exige a atitude de suportar a morte sob a tutela do Espírito Santo. Suportar a morte, de modo paciente, encerra uma opção consciente e voluntária da fé<sup>185</sup>. Incorpora-se à paixão de Cristo. Neste sentido, o importante é a Pessoa de Cristo, por quem se dá a vida. Por isso, não se chega ao martírio por coação; antes implica a paixão do amor que corresponde ao amor d'Aquele que se deu previamente.

Já sublinhámos que aquilo que se concebe como martírio é uma defesa da fé em Cristo e do seu evangelho. Contudo, não podemos deixar de acentuar também que o martírio implica uma prova suprema de caridade. Esta acentuação encontra-se no recente Magistério da Igreja Católica, no Concílio Vaticano II, onde o martírio é visto como um grau elevado de fé e uma prova suprema de caridade. O amor é

---

<sup>182</sup>Cf. A. COUTO, *Como uma dádiva. Caminhos de Antropologia bíblica*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2002, 46.

<sup>183</sup>Cf. J. I. G. FAUS, *Calidad cristiana, identidad y crisis del cristianismo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2006, 86.

<sup>184</sup>TERTULIANO, *A Los mártires*, III, 3, trad. Constantino Ánchel Balaguer e José Manuel Serrano Galvón, Editorial Ciudad Nueva, Madrid, 2004, 93.

<sup>185</sup>Cf. K. RAHNER, “Dimensiones del martirio”, trad. J. Larriba, *Concilium* 183 (1983), 323.

imprescindível ao martírio. Por amor, Deus entregou à morte o seu Filho Unigénito e também, por amor, o Filho se entregou na cruz. É o amor que conduz ao dever. É o amor por Cristo que leva os cristãos a entregarem-se até à efusão do sangue. O Papa Bento XVI expõe de modo saliente que «o amor –“caritas”- é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se com coragem e generosidade»<sup>186</sup>. O martírio é a obra da caridade, o que se vê no martírio de São Policarpo.

## **2. O martírio no Magistério recente da Igreja**

### **2.1. Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, nº 42**

A contribuição da Constituição dogmática *Lumen Gentium*, nº 42, ajuda-nos a perceber o sentido do que é o martírio. A LG começa por citar a primeira carta de São João e o quarto evangelho. «Foi com isto que ficámos a conhecer o amor: Ele, Jesus, deu a sua vida por nós» (1 Jo 3,16). «Ninguém tem amor maior do que quem dá a vida pelos amigos» (Jo 15, 13). Estas duas referências bíblicas introduzidas no texto conciliar reforçam o alcance cristológico<sup>187</sup>. Também dão relevo à dimensão da caridade do martírio, enquanto expressão de amor, que encontra a sua prova decisiva na aceitação de um morrer em favor dos irmãos<sup>188</sup>. O texto conciliar refere:

«Visto que Jesus, Filho de Deus, manifestou a sua caridade entregando a vida por nós, ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida por Ele e pelos seus irmãos (cf. 1 Jo 3,16; Jo 15,13). Portanto, alguns cristãos, já desde os primeiros tempos, foram chamados a dar este testemunho máximo de amor diante de todos, principalmente diante dos perseguidores, e sempre haverá outros que continuarão a sê-lo. É por isso que o martírio, pelo qual o discípulo se assemelha ao mestre, que aceitou livremente a morte pela salvação do mundo, e a Ele se conforma na efusão do sangue, é considerado pela Igreja como doação insigne e prova suprema da caridade. Embora poucos cheguem a sofrê-lo, todos devem estar preparados e dispostos para confessar Cristo diante dos homens e segui-Lo pelo caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja»<sup>189</sup>.

---

<sup>186</sup>BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, 2009, nº 1.

<sup>187</sup>Cf. A. MARTINS, “A dimensão confessante da existência cristã: perspetiva antropológica”, in Maria Manuela Dias de Carvalho e Isabel Maria Alçada Cardoso (coord.), *Amor, História, Eternidade*, Atas das Jornadas Balthasarianas, Outubro de 2008 e 2009, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2010, 74.

<sup>188</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>189</sup>CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, nº 42.

Neste texto conciliar, vê-se claramente que a LG expõe traços fundamentais que apresentam o martírio como dimensão séria da existência cristã. Tais traços merecem atenção.

Em primeiro lugar, o martírio na Igreja assemelha-se ao martírio de Cristo. Quer dizer que o martírio tem como referência a paixão de Cristo. O martírio está ligado ao martírio de Cristo<sup>190</sup>. Por isso, todo o ato martirial corresponde à paixão de Cristo.

Em segundo lugar, a LG introduz uma definição decisiva do martírio. Considera este último como uma doação insigne, um dom supremo e uma prova da caridade. O martírio é concebido como ato que manifesta, no mais alto grau, a perfeição da caridade, porque ele é, por natureza, o mais perfeito dos atos humanos, pois, como diz o quarto evangelho: «ninguém tem amor maior do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13)<sup>191</sup>. Este facto dá a entender que a grandeza do martírio consiste no ato de dispor a dar-se, abraçando a tortura física e moral, em benefício de outrem. Aquele que tem amor maior é aquele que dispõe gratuitamente do seu “tempo e espaço” para o benefício dos seus irmãos. Quer dizer que não há amor maior do que dispor-se a dar a vida gratuitamente pelos irmãos, no amor de Cristo.

Em terceiro lugar, a LG adverte para o facto de as perseguições nunca faltarem à Igreja. Tomando consciência deste facto, a LG exorta à audácia de confessar Cristo diante dos homens e à disposição de seguir as pisadas de Cristo, através do caminho da cruz. «Todos devem estar preparados e dispostos para confessar Cristo diante dos homens e segui-Lo pelo caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam

---

<sup>190</sup>Cf. J. I. G. FAUS, *Calidad cristiana, identidad y crisis del cristianismo*, 97.

<sup>191</sup>Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, VII, 124, trad. Joaquim Pereira, Edições Loyola, São Paulo, 2005, 74. Cf. J. I. G. FAUS, *Calidad cristiana, identidad y crisis del cristianismo*, 97.

à Igreja»<sup>192</sup>. Esta advertência adquire singular relevância, porque torna claro o princípio de que o seguimento de Cristo e a adesão a Ele implica assumir a cruz. Esta faz parte da identidade dos cristãos. Seguir as pisadas do Mestre e aderir a Ele requer a audácia de dar a vida. Na verdade, a credibilidade do seguimento e da adesão a Cristo torna-se célebre onde se requer a valentia e a coragem de estar disposto a dar a vida.

## 2.2. Documentos do Papa João Paulo II

Reconhecemos que para a nossa indagação é fundamental recorrer aos documentos do Papa João Paulo II. Recorremos aos seus documentos por duas razões. A primeira diz respeito ao facto de, no decurso do seu pontificado, o Papa João Paulo II ter lançado constantemente, a ideia da recuperação da memória das provações dos cristãos que são fiéis a Cristo até à morte<sup>193</sup>. A segunda razão está relacionada com o facto de o Papa ter posto em relevo uma outra causa do martírio: *odium fidei*. O Papa, portanto, não tratou apenas, dum modo mais aprofundado, do conceito de martírio sofrido por causa da fé. Destacou também a importância do conceito de martírio infligido por causa do ódio à fé.

Dada a amplitude dos seus documentos, concentramo-nos em alguns que denotam o destaque do Papa João Paulo II acerca do martírio na Igreja.

O Papa João Paulo II, na sua carta encíclica *Dominum et Vivificantem* consagrada ao Espírito Santo, publicada em 1986, sublinha a relevância do testemunho da vida cristã, sobretudo a relevância do testemunho daqueles que sofrem por causa da fé, «até a selarem com o próprio martírio»<sup>194</sup>. Em 1988, na sua exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*, o Papa fala também da importância do testemunho da

---

<sup>192</sup>CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, n° 42.

<sup>193</sup>Cf. A. RICCARDI, *O século do martírio. Os extermínios coletivos e o martírio individual dos cristãos do século XX*, trad. Jorge Valente, Quetzal Editores, Lisboa, 2002, 15.

<sup>194</sup>JOÃO PAULO II, *Dominum et Vivificantem*, 1986, n° 60.

vida cristã no sofrimento e no martírio. O sofrimento e o martírio constituem um valor determinante na fé cristã. No sofrimento e no martírio, vê-se a prova que constitui um grau elevado da fé e do amor por Cristo. O martírio é a expressão mais alta da perfeição cristã<sup>195</sup>. Assim, o Papa diz: «o anúncio do evangelho e o testemunho de vida no sofrimento e no martírio constituem o ápice do apostolado dos discípulos de Cristo, assim como o amor ao Senhor Jesus até ao dom da própria vida constitui uma fonte de fecundidade extraordinária para a edificação da Igreja»<sup>196</sup>.

Dando realce ao significado que o martírio tem, o Papa considera este último como exaltação da santidade inviolável da lei de Deus. Na sua carta encíclica *Veritatis Splendor*, promulgada em 1993, o Papa manifesta que «no martírio refulge a santidade da lei divina e, conjuntamente, a intangibilidade da dignidade pessoal do homem, criado à imagem e semelhança de Deus»<sup>197</sup>. O martírio contribui para a exaltação da perfeita humanidade e da verdadeira vida da pessoa, embora ele contenha em si um paradoxo. O martírio não representa um sofrimento qualquer, mas a morte *por* Cristo. Deste modo, constitui o ato da perfeição da fé cristã. Em contrapartida, está o facto de que o martírio manifesta um aspeto negativo, na medida em que há violação da dignidade humana daquele que se dá e aceita deliberadamente a morte:

«O martírio desautoriza, como ilusório e falso, qualquer «significado humano» que se pretendesse atribuir, mesmo em condições «excepcionais», ao ato em si próprio moralmente mau; mais ainda, revela claramente a sua verdadeira face: a de uma *violação da «humanidade» do homem*, antes ainda em quem o realiza do que naquele que o padece. Portanto, o martírio é também exaltação da perfeita «humanidade» e da verdadeira «vida» da pessoa, como testemunha Santo Inácio de Antioquia, dirigindo-se aos cristãos de Roma, lugar do seu martírio: «Tende compaixão de mim, irmãos: não me impeçais de viver, não queirais que eu morra [...]. Deixai que eu alcance a pura luz; chegando lá, serei verdadeiramente homem. Deixai que eu imite a paixão do meu Deus»<sup>198</sup>.

---

<sup>195</sup>Cf. J. O. BRAGANÇA, “Martírio e Santidade”, *Communio* 2 (1987), 123.

<sup>196</sup>JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, 1988, n° 39.

<sup>197</sup>IDEM, *Veritatis Splendor*, 1993, n° 92.

<sup>198</sup>*Ibidem*.

Já referimos que no martírio resplandece a santidade da lei divina e a exaltação da dignidade humana daquele que dispõe a dar-se. O martírio comporta, portanto, um testemunho de precioso valor. O Papa salienta: «O martírio é, enfim, um preclaro sinal da santidade da Igreja: a fidelidade à lei santa de Deus, testemunhada com a morte, é o anúncio solene e o compromisso missionário *suque ad sanguinem* [até ao derramamento do sangue]. Um tal testemunho oferece uma contribuição de valor extraordinário»<sup>199</sup>. O martírio contém um valor extraordinário, porque os cristãos que dispõem a dar a sua vida «até ao derramamento do próprio sangue estão plenamente configurados com o Senhor crucificado»<sup>200</sup>. No martírio, os cristãos alcançam a união com Cristo<sup>201</sup>. Quer dizer que no martírio os cristãos relacionam-se com Cristo, permanecendo na sua Pessoa. Por isso, a morte violenta não os afasta desta relação. Na verdade, no martírio, vê-se o amor supremo por Cristo e a fidelidade a Ele<sup>202</sup>.

Vemos, portanto, que no martírio se descobre, de modo sublime, a doação e a fidelidade inquebrantável a Cristo. Isso dá a entender que o martírio atinge o nível do amor incondicional *por* Cristo. Deste amor ilimitado por Cristo, nem a morte, nem o sofrimento levam a desviar. Na encíclica *Fides et Ratio*, em 1998, o Papa diz: «o mártir é a testemunha mais genuína da verdade da existência. Ele sabe que, no seu encontro com Jesus Cristo, alcançou a verdade a respeito da sua vida, e nada e ninguém poderá jamais arrancar-lhe esta certeza. Nem o sofrimento, nem a morte violenta poderão fazê-lo retroceder da adesão à verdade que descobriu no encontro com Cristo»<sup>203</sup>. Paulo afirma solenemente que, quando a primazia do amor é dada a Deus e a Cristo,

---

<sup>199</sup> *Ibidem*, nº 93.

<sup>200</sup> IDEM, *Vita Consacrata*, 1996, nº 86.

<sup>201</sup> Cf. M. DI S. MARIA e A. CAPPELLETTI, “Mártir”, 556.

<sup>202</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>203</sup> JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, 1998, nº 32.

«nem a morte, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer criatura nos poderá separar d’Ele» (Rm 8,38-39).

Consciente de que as perseguições contra os cristãos não são um facto do passado, o Papa chama a atenção dos cristãos para se recordarem sempre daqueles que foram fiéis até à morte, no século XX. Esta advertência encontra-se na sua encíclica *Tertio Millenio Adveniente*, publicada em 1994, na qual ele diz: «[...] no final do segundo milénio, a Igreja tornou-se novamente a Igreja de mártires. As perseguições contra os crentes – sacerdotes, religiosos e leigos – realizaram uma grande sementeira de mártires em várias partes do mundo. [...] É um testemunho que não se pode esquecer»<sup>204</sup>.

O Papa João Paulo II não apresenta apenas a compreensão do ato célebre do martírio. Dá-nos também outros horizontes a respeito do conceito de martírio. Andrea Riccardi sublinha que a «visão do martírio, do Papa João Paulo II, se alarga ao conceito clássico de martírio em ódio à fé»<sup>205</sup>. A questão do ódio à fé está muito presente no Novo Testamento e na reflexão teológica. Mateus relata que aqueles que aderem a Jesus e abraçam a fé n’Ele são odiados por todos (cf. Mat 10, 22). Em 1950, Sebastianus Tromp, na sua obra *De Revelatione Christiana*, define o martírio deste modo: «*perpressio voluntaria poenae mortiferae, ex odio fidei vel legia divinae inflictiae, firmiter et patienter toleratae* [...] – a ação de sofrer voluntária de pena mortal, infligida por causa do ódio à fé ou à lei divina, suportada firmemente e pacientemente»<sup>206</sup>.

---

<sup>204</sup>IDEM, *Tertio Millenio Adveninte*, 1994, nº 37.

<sup>205</sup>A. RICCARDI, *O século do martírio*, 20.

<sup>206</sup>S. TROMP, S. I., *De Revelatione Christiana*, Apud Aedes Universitatis Gregoriana, Roma, 1950, 348.

A visão alargada do martírio, do Papa João Paulo II, permite-nos ler, de outro modo, os conceitos fundamentais que constituem a noção de martírio. Este pode ocorrer também por motivo da repulsa. Isto significa que existem motivos distintos que provocam o derramamento de sangue. Por isso, Balthasar diz: «estamos inundados de mártires de todo o tipo»<sup>207</sup>. Deste modo, quando falamos do martírio não nos devemos lembrar apenas dos mártires do cristianismo dos primeiros séculos que foram conduzidos para um tribunal e aí condenados à morte<sup>208</sup>. Os perseguidores modernos nem sempre darão aos cristãos de hoje a possibilidade de confessarem a sua fé ao estilo dos primeiros séculos do cristianismo<sup>209</sup>. Não lhes oferecerão a oportunidade de aceitarem uma morte imposta por sentença de um tribunal<sup>210</sup>.

O Papa João Paulo II, na sua homilia de beatificação de Dom Luís Versiglia, bispo salesiano, e do Padre Calisto Caravario, missionário salesiano, ambos martirizados em Fevereiro de 1930, afirma que «o martírio supõe nos assassinos “o ódio à fé”: é por causa dele, que o mártir é morto»<sup>211</sup>. O ódio à fé assinala a oposição ou a antipatia dos perseguidores em aceitar o cristianismo e tudo aquilo que este propõe. O ódio à fé ou ao cristianismo, por parte dos assassinos, expõe a atitude de hostilidade contra o cristianismo, por este impedir o que os assassinos pretendem adquirir<sup>212</sup>. Os missionários salesianos foram mortos por ódio à fé católica, por serem

---

<sup>207</sup>H. U. von BALTHASAR, *Puntos centrales de la fé*, 365. Cf. R. ROYAL, *Os mártires católicos do século XX. Uma história do tamanho do mundo*, trad. Ana Sassetti da Mota, Principia, Cascais, 2001, 29.

<sup>208</sup>Cf. K. RAHNER, “Dimensiones del Martirio”, 323.

<sup>209</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>210</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>211</sup>JOÃO PAULO II, *Homilia da solene beatificação de dois missionários-mártires salesianos D. Luigi Versiglia e Padre Calisto Caravario*, no Domingo, 15 de Maio de 1983, in [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19830515\\_due-beatificazioni.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830515_due-beatificazioni.html), acesso a 16 de Dezembro de 2014.

<sup>212</sup>Cf. P. MOLINARI, “Martir”, 871.

missionários católicos que pregavam o evangelho e também por defenderem algumas jovens catequistas que viajavam com eles<sup>213</sup>.

O ódio à fé ocorre e manifesta-se objetivamente de duas maneiras diferentes. Por um lado, o ódio à fé deve-se ao próprio anúncio da palavra de Deus<sup>214</sup>. Por outro lado, a oposição que se sucede é suscitada por uma determinada ação de caridade, que tem na fé o seu princípio e a sua razão de ser<sup>215</sup>. Quanto à primeira categoria, vê-se um testemunho explícito e direto<sup>216</sup>. Quanto à segunda, vê-se um testemunho implícito e indireto, mas não menos real e até, de certo modo, mais completo pelo facto de se realizar no contexto dos próprios frutos da fé, manifestos nas obras da caridade<sup>217</sup>. Isto visa afirmar que o martírio «inspirado [nas obras da] caridade não é impróprio»<sup>218</sup>, porque tal martírio tem no centro a fé na Pessoa de Cristo.

O que impele os assassinos a perseguir os cristãos consiste na fúria contra as obras da caridade dos cristãos, enquanto expressão de amor em favor dos irmãos. Os perseguidores manifestam a sua relutância em relação à fé dos cristãos, porque estes se comprometem, vivendo numa paixão por Deus e confessam que tal compromisso vem da mensagem de Cristo<sup>219</sup>. Notamos que, dado o compromisso de assumir os valores do Reino de Deus - o que é diferente do compromisso do mundo - os cristãos podem confrontar-se com a oposição. Por isso, o ódio à fé não se exclui da existência do cristianismo. Contudo, isso não diminui o sentido da fé cristã. Santo Inácio de

---

<sup>213</sup>Cf. A. L'ARCO, *Mons. Versiglia. Don Caravario*, Editrice S. D. B, Roma, 1975, 99. Cf. E. BIANCO, *I buoni pastori danno la vita. Mons. L. Versiglia e Don C. Caravario*, Editrice Elle Di Ci, Torino-Leumann, 1976, 45-48.

<sup>214</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Homilia da solene beatificação de dois missionários-mártires salesianos D. Luigi Versiglia e Padre Calisto Caravario*, no Domingo, 15 de Maio de 1983, in [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19830515\\_due-beatificazioni.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830515_due-beatificazioni.html).

<sup>215</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>216</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>217</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>218</sup>IDEM, *Redemptoris Missio*, 1990, nº 60.

<sup>219</sup>Cf. L. BOFF, “Reflexión sistemática sobre el martirio”, trad. García Díez, *Concilium* 183 (1983), 329.

Antioquia diz que «o Cristianismo não é o resultado da persuasão, mas grandeza, justamente quando é odiado pelo mundo»<sup>220</sup>. Nas linhas que se seguem, procuramos mostrar o fundamento bíblico do martírio que nos ajuda a compreender que o destino dos cristãos não é distinto do de Cristo. O Novo Testamento, sobretudo os evangelhos, proporciona-nos dados basilares a tal respeito.

### **3. O fundamento bíblico do martírio no Novo Testamento**

Cristo adverte aos cristãos o caminho da cruz. Nas suas advertências acerca do martírio, vemos claramente que os cristãos estão em 'tensão permanente'. Esta tensão consiste em que a opção absoluta dos cristãos de dar primazia a Cristo e ao seu evangelho suscita uma opção oponente dos que «pensam ou atuam diferentemente [dos cristãos] em matéria social, política ou até religiosa»<sup>221</sup>. Por consequência, não nos deve surpreender o destino da paixão.

O próprio Cristo não propõe aos cristãos um caminho apaziguante. Consciencializa-os que o conflito e o sofrimento fazem parte da adesão a Ele<sup>222</sup>. Deste modo, os ensinamentos de Cristo tornam-se exposição da exigência que requer uma fé firme e uma atitude de audácia daqueles que seguem as suas pisadas<sup>223</sup>. Ser cristão significa seguir Cristo. Seguir Cristo significa aderir a Ele, ao seu caminho, seguindo as suas indicações<sup>224</sup>. O percurso do seguimento de Cristo e da adesão a Ele não é distinto do seu. Por isso, o seguimento de Cristo exige uma atitude que não se contenta apenas com o dizer 'sim' a Ele, mas requer um ato de mergulhar na sua própria vida, na sua paixão.

---

<sup>220</sup>SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Romanos*, III, 3, Edições Paulistas, Lisboa, 1960.

<sup>221</sup>CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 28.

<sup>222</sup>Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes. Una lectura sociopolítica y religiosa*, trad. Serafín Fernández Martínez, Editorial Verbo Divino, Estella, 2007, 359.

<sup>223</sup>Cf. X. PIKAZA, *A perseguição religiosa na Sagrada Escritura*, 149.

<sup>224</sup>Cf. H. KÜNG, *Ser cristiano*, trad. J. M. Bravo Navalpotro, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1978, 691.

Jesus não predisse aos seus discípulos outro destino a não ser o seu: perseguição e paixão<sup>225</sup>. Vemos, assim, que o martírio é inerente à existência dos discípulos que O seguem. A propósito deste facto, o discurso missionário de Mateus 10, 16ss, entre outros textos paralelos, é uma referência. Este texto apresenta as advertências de Jesus sobre o martírio e visa afirmar o facto de que a fé cristã se apresenta sempre em tensão<sup>226</sup>.

O relato do discurso missionário integra o martírio num marco mais abrangente, tanto para o próprio Cristo como para cada um dos discípulos e para cada cristão contemporâneo<sup>227</sup>. Tal discurso de envio, no dizer de Balthasar, «confere um mandato universal que abarca todos os tempos e lugares, todas as culturas do presente e do futuro e faz uma exigência»<sup>228</sup>. Esta afirmação dá a entender que «[...] as palavras [de Cristo] são dirigidas, em primeiro lugar, aos discípulos, mas valem através dos tempos para todos aqueles que pela sua existência podem considerar-se discípulos. *Fideles* são não só os que creem na Palavra, mas também os que permanecem fiéis na vida»<sup>229</sup>.

Mateus, nesse discurso missionário, introduz a advertência de Jesus que remete para uma perspectiva de uma perseguição ativa<sup>230</sup>. «Envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos» (Mt 10,16). Aqui há um contraste manifesto entre o bem e o mal, entre “ovelhas e lobos”. Estes últimos são os escribas e os fariseus, a elite política e

---

<sup>225</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, trad. Artur Morão, Assírio & Alvim, Lisboa, 2009, 11.

<sup>226</sup>Cf. *Ibidem*. Seguimos a abordagem que o autor faz. No entanto, recorreremos também aos outros textos bíblicos.

<sup>227</sup>Cf. K. BERGER, *Jesús*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2009, 338.

<sup>228</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 11.

<sup>229</sup>IDEM, “Testemunho e Credibilidade”, trad. António Vieira, *Communio* 2 (1988), 172.

<sup>230</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangélio según San Mateo*, trad. P. R. Santidrian, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1975/6, 228.

religiosa<sup>231</sup>. Tudo isso indica significativamente a adversidade que os cristãos devem encontrar. Na verdade, o seguimento de Cristo e a adesão a Ele necessitam de audácia.

Face à situação adversa, Jesus adverte os discípulos para que sejam prudentes. Previne-os que se guardem dos adversários: «Tende cuidado com os homens: não-de entregar-vos aos tribunais e açoitar-vos nas suas sinagogas» (Mt 10, 17). Esta advertência de Cristo vislumbra, efetivamente, o intenso sofrimento que Ele próprio experimentou<sup>232</sup>.

No discurso missionário, Cristo expõe explicitamente a razão principal da entrega. Ela não está, em primeiro lugar, na ação ou no serviço dos discípulos<sup>233</sup>. A razão determinante da entrega e da perseguição está assente na Pessoa de Jesus Cristo e na consequência de proclamar o Reino de Deus (Mt 10, 7), pois este é visto como uma ameaça para o *status quo*<sup>234</sup>. Cristo apresenta-se como causa central de toda a contrariedade que vem ao encontro dos discípulos: «Sereis levados perante governadores e reis, *por minha causa*, para dar testemunho diante deles e dos pagãos» (Mt 10, 18). Nesta ênfase, vê-se que a perseguição, consequência da atividade missionária, é também uma oportunidade para confessar e testemunhar Cristo e o Reino de Deus<sup>235</sup>. Este elemento confessante constitui o traço fundamental que a LG, nº 42, sublinha. A proclamação ou anúncio traz consigo um carácter tanto público como político, pois os reis ouvirão falar de outro reino<sup>236</sup>, isto é, o Reino de Deus que relativiza o reino mundano, porque o Reino de Deus assenta na justiça, que dá a cada

---

<sup>231</sup>Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 359. Cf. SÃO JERÓNIMO, *Comentario al Evangelio de Mateo*, trad. Bernardo Bianchi di Carcano y María Eugenia Suárez, OSB, Editorial Ciudad Nueva, Madrid, 1999, 101.

<sup>232</sup>Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 360.

<sup>233</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 231.

<sup>234</sup>Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 360.

<sup>235</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 231. Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 360.

<sup>236</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 231.

um o que lhe compete, a honra a quem é devida (Rm 13,7)<sup>237</sup>. O anúncio do Reino de Deus, feito no reino mundano, pode trazer, como consequência, o perigo, a oposição e a condenação daqueles que se veem confrontados com tal diferença<sup>238</sup>.

Já aludimos anteriormente que no martírio se exige a atitude de suportar pacientemente a adversidade sob o auxílio do Espírito Santo. Mateus postula a concessão do Espírito de Deus. Os discípulos relacionam a sua ação do anúncio da fé em Cristo diante dos governantes e reis com o auxílio do Espírito Santo<sup>239</sup>. Os versículos 19-20 versam sobre o Espírito do Pai que sugerirá aos discípulos o que estes devem dizer em sua defesa. Isso dá a entender que Deus intervém, socorrendo o perseguido na perseguição<sup>240</sup>. Cristo adverte deste modo: «Quando vos entregarem, não vos preocupeis nem como haveis de falar nem com o que haveis de dizer; nesta altura, vos será inspirado o que tiverdes de dizer. Não sereis vós a falar, mas o Espírito do vosso Pai é que falará por vós» (Mt 10, 19-20). O Espírito do Pai inspira o empenho do perseguido em encarar a perseguição<sup>241</sup>. Deste modo, a força do Espírito de Deus é a “arma” principal do martírio cristão frente à perseguição. Vemos, então, que, em razão da fé e da Verdade a que os cristãos aderem, eles podem encontrar oposição, mas Deus dá-lhes o socorro e a força<sup>242</sup>. Deus atua e intervém no martírio do perseguido.

Já notámos que a decisão absoluta dos cristãos por Cristo pode suscitar o ódio daqueles que pensam e agem diferentemente dos cristãos em matéria social, política e

---

<sup>237</sup>Cf. K. BERGER, *Jesús*, 333.

<sup>238</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 231.

<sup>239</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, “Testemunho e Credibilidade”, 171. Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 360. Cf. X. PIKAZA, *A perseguição religiosa na Sagrada Escritura*, 150.

<sup>240</sup>Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 360-361.

<sup>241</sup>Cf. C. DUQUOC, *El Único Cristo. La sinfonía diferida*, trad. Milagros Amado Mier y Denise Garnier, Editorial Sal Terrae, Santander, 2005, 146.

<sup>242</sup>Cf. X. PIKAZA, *A perseguição religiosa na Sagrada Escritura*, 152. Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 360.

religiosa, como a GS, nº 28, nos proporciona. Contudo, o ódio à fé não surge apenas do ambiente exterior da vida do perseguido. O adversário pode ser encontrado também no ambiente familiar. Isso significa que, dentro da mesma família, alguns seguem Jesus e outros não, e, assim, surgem ódios por causa d'Ele<sup>243</sup>. «O irmão entregará o seu irmão à morte, e o pai, o seu filho; os filhos não-de erguer-se contra os pais e não-de causar-lhes a morte» (Mt 10, 21). Tal advertência de Cristo, que apresenta evidentemente o facto de que os membros da família entregarão os cristãos à morte<sup>244</sup>, continua a ser atual no nosso tempo. A experiência de perseguição de Joseph Fabelle, muçulmano iraquiano oriundo de uma família xiita que se converteu ao cristianismo, serve de exemplo. Ele foi perseguido pela família e parentes por se tornar cristão. Assim, ele dá testemunho da perseguição da sua família e parentesco:

«A tua doença é Cristo e não há remédio para ela. Nunca poderás curar-te... O meu tio Karim tira um revólver e aponta-mo ao peito: nem consigo respirar. Atrás dele, quatro dos meus irmãos desafiam-me com o olhar. Estamos sós neste vale desértico. Ainda agora não acredito no que aconteceu. Não! Não quero acreditar que os membros da minha própria família – e este meu tio a quem, no passado, ajudei – possam ter realmente a intenção de me matar. Como puderam chegar a odiar-me tanto, a mim que sou do seu sangue, a mim que em menino brinquei com eles e mamei do mesmo leite? Não compreendo...»<sup>245</sup>.

O ódio à fé é inevitável. Cristo apresenta-o: «Vós sereis odiados por todos, por causa do meu nome» (Mt 10, 22a). Deste versículo sobressaem duas possíveis interpretações justapostas. Por um lado, o ódio à fé dos cristãos ocorre por causa de Cristo. Por outro lado, tal repugnância surge também pelo facto de os cristãos serem cristãos. A designação “cristão” implica uma pertença<sup>246</sup>. Os cristãos pertencem a

---

<sup>243</sup>Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 361.

<sup>244</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 12. Cf. SÃO JERÓNIMO, *Comentario al Evangelho de Mateo*, 102. Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 232. Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 361.

<sup>245</sup>J. FADELLE, *O preço a pagar. Por me tornar cristão*, trad. António Maia da Rocha, Paulinas, Prior Velho, 2011, 7.

<sup>246</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 232.

Cristo. O nome pelo que os cristãos serão odiados é provavelmente o de cristãos, por serem cristãos<sup>247</sup>.

Diante da relutância dos opositores, exige-se ao perseguido a atitude de perseverança. Cristo diz: «Aquele que se mantiver firme até ao fim será salvo» (Mt 10, 22b, Mt 24, 13; Mc 13,13). Esta perseverança diz respeito à atitude de resistir, suportar, aguentar, sofrer com paciência<sup>248</sup>. A perseverança nas tribulações (Rm 12,12) não diz respeito apenas a aguentar fisicamente os maus tratos; diz respeito também a não renegar o Mestre<sup>249</sup>, pois «se nós O renegamos, também ele nos renegará» (2 Tim 2, 12). A palavra “fim” não se refere ao fim da perseguição, nem ao final dos tempos, nem ao último fim que Deus busca mediante esses sofrimentos<sup>250</sup>. Alude, portanto, à morte do perseguido. A ênfase “será salvo” assinala o *passivum divinum*, será salvo por Deus<sup>251</sup>.

No seguimento de Cristo e na adesão a Ele, os cristãos não têm outra experiência diferente da própria experiência trágica de Cristo. Cristo exorta os seus discípulos para o caminho da sua cruz<sup>252</sup>. Santo Ireneu afirma que «Cristo não pode exigir dos seus discípulos nenhum sofrimento que Ele próprio não tenha padecido na sua condição de Mestre»<sup>253</sup>. O próprio Cristo exorta: «O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do senhor» (Mt 10, 24). Este versículo encerra o facto de que os seguidores de Cristo não têm um percurso distinto do do próprio Cristo. Os seguidores devem beber o cálice e devem ser batizados no batismo do seu Mestre. Quer dizer que devem ser imersos na paixão de Cristo. Marcos parafraseia a exortação

---

<sup>247</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>248</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>249</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>250</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>251</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>252</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 62.

<sup>253</sup>SANTO IRENEU, *Adversus Haereses*, III, 18,6, trad. Adelin Rousseau, Les Éditions du Cerf, Paris, 1985, 365.

de Cristo: «Bebereis o cálice que Eu bebo e sereis batizados com o batismo com que Eu serei batizado» (Mc 10, 39). João narra que o Mestre crucificado diz: «Se o mundo vos odeia, reparai que, antes do que a vós, me odiou a mim (Jo 15, 18)»<sup>254</sup>. «Se me perseguiram a mim, também vos hão-de perseguir a vós» (Jo 15,20).

Tudo aquilo de que Jesus adverte os discípulos é fruto da sua vida e da sua experiência comprovada na paixão. É por isso que Balthasar diz: «O lugar donde Ele fala é o lugar em que Ele próprio se situa, ou seja, o lugar é Ele próprio, e existe só porque Ele ali está»<sup>255</sup>. O próprio Cristo expõe de modo saliente que o mestre e o discípulo, o servo e o senhor estão nas mesmas condições, pois sofrem a perseguição e a morte.

Durante a sua vida pública, Cristo foi objeto de troça por parte dos judeus e doutores da Lei. Neste sentido, foi chamado de Belzebu. Se é certo que os judeus e os doutores da Lei carecem da dignidade do Mestre, identificando-o como príncipe dos demónios, é certo também que os discípulos podem ser acusados da mesma forma. Isto vê-se nesta advertência de Jesus: «Se ao dono da casa chamaram Belzebu, o que não chamarão eles aos familiares!» (Mt 10, 25b). A expressão “o que não chamarão eles aos familiares” remete para o facto de a violência moral ser incontornável<sup>256</sup>. Vemos que tudo isso evoca um drama permanente. Este não diz respeito a uma eventualidade, a um acaso que pode ou não ocorrer<sup>257</sup>. Na verdade, a paixão é alcançada pelos discípulos, por mais diferentes que sejam os motivos. Assim, Balthasar evidencia:

«A ênfase («o que não chamarão») pode surpreender, porque com base no enunciado discípulo-mestre se poderia pensar que a posição de Jesus não pode ser alcançada, ou só dificilmente, por quem O segue. Infelizmente, neste caso, ela é mais do que alcançada, na medida em que as próprias palavras de Jesus demonstram, a saber: se “me odiaram sem razão” (Jo 15,25), será para vós suma graça e honra de ser “odiados por todos, por causa do meu nome” (Mt 10,22),

---

<sup>254</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 233.

<sup>255</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 12.

<sup>256</sup>Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 363. Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 235.

<sup>257</sup>Cf. J. CARREIRA DAS NEVES, *Escritos de São João*, 234.

embora possa haver muitos outros motivos diferentes para vos odiarem e vos chamarem Belzebu»<sup>258</sup>.

A paixão dos discípulos constitui um grande privilégio e honra. A graça não se concede apenas pelo ato de acreditar. Concede-se também pelo sofrimento e esforço pessoal em benefício de outrem. Paulo diz: «Pois vos foi concedida, em relação a Cristo, a graça não só de crer nele, mas também de sofrer por ele» (Fil 1,29). A paixão é uma honra na medida em que constitui o facto de que Jesus “revive” a sua perseguição (cf. Ac 9, 4) naqueles que dispõem a dar-se até à efusão do sangue<sup>259</sup>. Tudo aquilo que os opositores fazem aos cristãos por causa de Cristo, é a Ele que O fazem (cf. Mt 10, 40-42). Isso dá a entender que no sofrimento dos cristãos reproduz-se o sofrimento de Cristo. A primeira carta de Pedro afirma: «Bem-aventurados sois, se sofreis injúrias por causa do nome de Cristo, porque o Espírito de glória, o Espírito de Deus repousa sobre vós» (1 Pe 4,14). Na verdade, o que há de especial em suportar o sofrimento é que «se, fazendo o bem, sois pacientes no sofrimento, isto, sim, constitui ação louvável a Deus» (1 Pe 2, 20).

Toda a exortação de Cristo acerca do martírio tem por horizonte a sua própria cruz. Remete para a cruz histórica, concebida como supratemporal e como forma permanente para aqueles que pretenderem segui-lo<sup>260</sup>. Jesus realça: «Quem não tomar a sua cruz para me seguir, não é digno de mim» (Mt 10, 38). Optar por seguir Cristo traz consigo consequências e implica exigências a cumprir. Tudo isso implica a disposição a morrer em consequência da decisão de seguir a Cristo e de aderir a Ele<sup>261</sup>. Vemos, assim, que não existe seguimento decisivo das pisadas do Mestre que não requeira renúncia e que também não existe preferência dada a Jesus que não requeira

---

<sup>258</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 13.

<sup>259</sup>Cf. R. DEVILLE, “Perseguição”, in Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, 769.

<sup>260</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 13.

<sup>261</sup>Cf. H. KÜNG, *Ser cristiano*, 691.

valentia. Balthasar atesta que «quem opta pelo seguimento escolhe Jesus (que «vale mais» do que «pai e mãe, filho e filha»), mas quem prefere Jesus escolhe a cruz como lugar onde o morrer não é uma eventualidade, antes uma certeza plena»<sup>262</sup>.

A ênfase «tomar a sua cruz» evoca assumir a dor, o suplício, o destino sob a forma de paixão<sup>263</sup>. Designa um chamamento ao martírio<sup>264</sup>. Isso dá a entender que optar por Cristo implica um caminho de sofrimento como *conditio sine qua non*. Em consequência, a crucifixão, entendida como um suplício atroz e ignominioso, que tem como carácter principal entregar o perseguido à fúria e ao escárnio<sup>265</sup>, constitui o símbolo distintivo dos cristãos, enquanto expressão da identidade dos cristãos<sup>266</sup>. A cruz já não se afigura como uma ignomínia, mas sim uma exigência para os cristãos. Esta exigência torna-os aptos a encararem o martírio como a manifestação do amor a Cristo<sup>267</sup>.

Seguir Cristo e aderir a Ele implica dar-lhe preferência sobre tudo e todos. Significa uma opção que se coloca acima de todas as outras “hipóteses propostas” pelo mundo. Esta primazia dada a Cristo não se pode realizar sem perder a vida. Cada opção implica perder e ganhar. A opção por Cristo leva o cristão a perder tudo aquilo que lhe serve para a sua existência. Esta perda justifica-se explicitamente pela afirmação de perder a vida: «Aquele que conservar a vida para si, há-de perdê-la; aquele que perder a sua vida por causa de mim, há-de salvá-la» (Mt 10, 39)<sup>268</sup>. A expressão “conservar

---

<sup>262</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 13-14.

<sup>263</sup>Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 369.

<sup>264</sup>Cf. *Ibidem*. Cf. J. MOLTMANN, *El Dios Crucificado*, 80.

<sup>265</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 243.

<sup>266</sup>Cf. X. PIKAZA, *Diccionario de la Biblia. Historia y palabra*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2007, 245.

<sup>267</sup>Cf. J. AUDUSSEAU e X. LÉON-DUFOUR, “Cruz”, in Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, 196.

<sup>268</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teodramático*, vol. 4, *la accion*, 406. Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 370.

a vida” quer dizer ganhar, obter, alcançar, apropriar-se dela<sup>269</sup>. Conservar a vida para si implica decidir contra o caminho da cruz e supõe dar prioridade ao interesse pessoal<sup>270</sup>. Os cristãos não devem conservar a sua vida para si mesmos. Eles têm de seguir Cristo seriamente, tomando a cruz até dar a vida por Ele.

Privar-se da vida por interesse pessoal ou perdê-la por Cristo tem os seus efeitos. Aquele que se centra em si mesmo, suprimindo Jesus, não gera a vida, e, por isso, perde-a. Balthasar sublinha deste modo:

«Quem além de Cristo, como *conditio sine qua non*, quer dar lugar a si mesmo, à família, aos amigos, à profissão, à preocupação [...] pelo mundo, pelo presente, e pelo futuro, [...] esse perderá a sua vida, seja qual for o modo como esta se entender: ou a existência no meio de todos estes preciosos bens terrenos (com a supressão de Jesus) ou a vida (mas o resultado é idêntico) no meio destes bens numa síntese (com Jesus) arbitrária, posta como *conditio sine qua non*. No primeiro caso, o homem perderá a sua vida terrena, o mais tardar, na morte, enquanto no segundo caso, perdê-la-á, de modo muito mais radical e doloroso, porque essa síntese arbitrária, em sentido mau e estéril, está morta, e com base nela não se pode levar nem uma vida boa mundana, nem uma vida boa cristã»<sup>271</sup>.

Esta afirmação de Balthasar dá a entender que a vida sem doação se torna estéril, e, neste contexto, não produz vida. Um provérbio chinês diz que «aquele que olha para si mesmo não brilha». Na doação há mais vida e felicidade. Os Atos dos Apóstolos proporcionam a justificação de que «a felicidade está mais em dar do que em receber» (At 20, 35).

Em contrapartida, aquele que perde a sua vida por causa de Jesus, salvá-la-á (Mt 16, 25; Mc 8, 34, 35; Lc 17, 33). “Perder a vida” quer dizer concretamente morrer de morte violenta, não por uma razão qualquer, mas por causa de Jesus<sup>272</sup>. A ênfase “perder a vida por causa de mim” suscita por si a união com Cristo. Aquele que morre por Cristo, o Único, o Filho Unigénito, ganha tudo, embora perca todo o bem do mundo. Pode perder os bens terrenos, mas “fica com Cristo”. A adesão a Jesus Cristo

---

<sup>269</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 244.

<sup>270</sup>Cf. W. CARTER, *Mateo y los márgenes*, 370.

<sup>271</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 14.

<sup>272</sup>Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, 244.

requer romper os vínculos com a família, a profissão, etc..., até negar-se e tomar a própria cruz para ganhar o Reino de Deus como Verdade<sup>273</sup>. Assim, Balthasar afirma: «Quem aponta para o Único ganha tudo, mas deve contar com a perda de tudo o que não é o Único»<sup>274</sup>. Perder a própria vida por Jesus envolve um morrer cristão. Desta morte brota a vida de Cristo, como da morte de Cristo surgiu a vida de Deus<sup>275</sup>.

A autêntica adesão a Cristo consuma-se, quando os cristãos se entregarem a Ele até à última gota de sangue. Não há atitude mais preciosa dos cristãos do que a de derramar o próprio sangue *por* Cristo. Deste derramamento do sangue brota a vida. Na verdade, quando a perda de vida é «assumida como entrega voluntária, a morte muda de sentido. Deixa de ser trevas, vazio de Deus ou resultado fatal da maldade. [...] Quando uma pessoa ama de tal forma que, por amor, entrega o [seu] ser aos outros e morre, o que fica não é a morte; o que resta é a vida que surge dessa entrega»<sup>276</sup>.

Vemos que os textos bíblicos do Novo Testamento, que unanimemente ligam o destino dos discípulos com o do seu Mestre, determinam a inserção dos discípulos na mesma missão de Cristo e a necessidade de partilhar o mesmo sofrimento e a mesma morte<sup>277</sup>. Tudo isso quer dizer que, na verdade, o caminho da cruz faz-nos ver a fé cristã como autêntico seguimento de Cristo e autêntica adesão a Ele. Assim, a cruz de Cristo é o ponto principal da vida cristã<sup>278</sup>. Isto dá a entender que o martírio não é considerado como uma morte acidental ou eventual, mas como um momento decisivo da fé cristã. Em consequência, a opção radical de seguir Cristo e de aderir a Ele aponta para a sua cruz, pois desta brota a vida<sup>279</sup>.

---

<sup>273</sup>Cf. J. MOLTSMANN, *El Dios Crucificado*, 80.

<sup>274</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 14.

<sup>275</sup>Cf. X. PIKAZA, *A perseguição religiosa na Sagrada Escritura*, 144.

<sup>276</sup>*Ibidem*, 143.

<sup>277</sup>Cf. R. FISICHELLA, “Martirio”, 862.

<sup>278</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 14.

<sup>279</sup>Cf. *Ibidem*, 15.

Após a nossa indagação da etimologia da palavra “martírio”, das reflexões do Magistério da Igreja e do fundamento bíblico da compreensão do martírio, notamos que a paixão dos cristãos, consequência do seguimento e da adesão a Cristo, é incontornável. Deste modo, o martírio é uma dimensão séria da existência cristã, enquanto dimensão real, sem fingir e inerente à identidade dos cristãos. Seguindo a síntese de Balthasar, podemos concluir:

«O pensamento principal e dominante é que o sofrimento nas suas várias formas, a separação das pessoas mais queridas, a perseguição, e, por fim, o martírio fazem parte do destino do discípulo. Isto tem a sua razão na pessoa de Jesus, que obriga os homens a tomar decisão pró e contra. Com a sua pessoa e a sua palavra, Ele é a revelação de Deus que, por isso, ninguém pode ignorar. Os que a Ele aderem são, pois *necessariamente* objeto do ódio de todos os outros. *Por causa do seu nome*, eles são odiados por todos (Mt 10,22). [...] O martírio, em que o ódio do “mundo” contra os discípulos, por um lado, e o discipulado, por outro lado, alcançam a sua plenitude, tem a sua razão no escândalo que a pessoa de Jesus e o evangelho representam para o mundo. Mas, visto que ninguém se pode tornar discípulo de Jesus se não for chamado por ele próprio, o que faz os mártires não são as convicções humanas, nem sequer um fervor humano de fé, mas é o próprio Jesus que chama ao martírio e que dele faz, portanto, uma graça particular. E, por isso, as palavras proferidas pelo mártir diante dos órgãos dos poderes estatais públicos não são palavras humanas, uma simples confissão de convicção humana, mas palavras que o Espírito Santo diz pela boca dos confessores de Jesus Cristo (Mt 10, 20)»<sup>280</sup>.

---

<sup>280</sup>*Ibidem*. O autor faz a conclusão a partir da obra de Josef Schmid, *O Evangelho segundo Mateus*. Esta conclusão de Balthasar encontra-se nas notas de rodapé 1 em *Córdula*. A obra de Josef Schmid está traduzida de Alemão para Espanhol. Cf. J. SCHMID, *El Evangelio según San Mateo*, trad. Mercedes González-Haba, Barcelona, Editorial Herder, 1967, 260-264.

### III MARTÍRIO COMO DIMENSÃO SÉRIA DA EXISTÊNCIA CRISTÃ

O martírio faz perder a vida. Este perder a vida implica o empenho em entregar-se a Cristo e em servir o outro no amor de Cristo. Tal empenho estende-se ao dispor-se a responsabilizar-se pelo próximo que nos rodeia. Por este motivo, agora refletimos sobre o modo como os cristãos implementam na vida diária a sua fé em Cristo. Neste sentido, intentamos mostrar a razoabilidade da atitude dos cristãos no seguimento de Cristo e na adesão a Ele.

Dividimos este capítulo em três partes. Na primeira, falamos da realidade confessante que leva ao martírio. Afirmamos que o martírio encerra a confissão de fé. Ele é uma situação frequente da confissão de fé, ao longo da história do cristianismo. Na segunda parte, tratamos da “orientação de fundo” do martírio. Explicamos o princípio do martírio, enquanto realidade existente, *in esse*, isto é, realidade inerente à existência dos cristãos. Mostramos o princípio determinativo que constitui a credibilidade dos cristãos. Na terceira parte, falamos de martírio como radicalidade da existência cristã. Com esta designação, pretendemos apresentar e justificar que a existência cristã se orienta para arriscar e perder a vida em favor do próximo. Este último não se trata de um “alheio”; é a imagem de Deus e o espelho do Filho do Homem. Intentamos insistir no amor fraterno, isto é, amarmo-nos uns aos outros como irmãos em Cristo.

## 1. Da confissão ao martírio

O apelo insistente e imperativo de Cristo sobre o destino dos cristãos, como já vimos no capítulo precedente, dá-nos a consciência de que «o estado de perseguição é o estado normal para a Igreja no mundo, e o martírio cristão é a sua situação normal de confissão»<sup>281</sup>. O martírio comporta a dimensão confessante da fé, enquanto atitude de declarar publicamente a fé em Cristo como Verdade<sup>282</sup>. A realidade da confissão de fé em Cristo, que introduz o destino dos cristãos enquanto permanente abertura ao martírio<sup>283</sup>, aparece evidentemente nas afirmações do Concílio Vaticano II.

Na Declaração *Dignitatis Humanae*, nº 14, o Concílio afirma que «os cristãos, procedendo cordatamente com aqueles que estão fora da Igreja, procuram “no Espírito Santo”, com uma caridade não fingida e com a palavra da verdade (2 Cor 6,6-7), difundir com desassombro e fortaleza apostólica a luz da vida, até à efusão do sangue»<sup>284</sup>. No Decreto *Ad Gentes*, nº 24, o Concílio declara: «[...] mediante uma vida verdadeiramente evangélica, com muita paciência, longanimidade, suavidade, caridade sincera, [o enviado missionário] dá testemunho do seu Senhor até à efusão do sangue, se for necessário»<sup>285</sup>. No Decreto *Presbyterorum Ordinis*, nº 13, o Concílio afirma do seguinte modo: «Conduzindo e apascentando o Povo de Deus, [os presbíteros] são incitados pela caridade do Bom Pastor a dar a sua vida pelas ovelhas,

---

<sup>281</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 17.

<sup>282</sup>A nossa ideia inspira-se no artigo do Professor António Martins publicado pelo núcleo de Estudos Balthasarianos. Ele, na sua reflexão, proporciona uma dimensão confessante da existência cristã. Cf. A. MARTINS, “A dimensão confessante da existência cristã”, 73-90.

<sup>283</sup>Cf. *Ibidem*, 73.

<sup>284</sup>CONCÍLIO VATICANO II, *Dignitatis Humanae*, nº 14.

<sup>285</sup>CONCÍLIO VATICANO II, *Ad Gentes*, nº 24.

*prontos para o supremo sacrifício, seguindo o exemplo daqueles sacerdotes que mesmo em nossos dias não recusaram entregar a sua vida»*<sup>286</sup>.

Tendo em conta as afirmações conciliares acima referidas, entendemos que o Concílio põe de manifesto o destino dos cristãos. Este destino consuma-se pela entrega total de sangue. As afirmações conciliares dão a entender evidentemente que a existência cristã contém sempre uma abertura a morrer por Cristo e pelos outros, pelos próximos, pelos irmãos. Vemos, então, que a existência cristã se orienta para uma dádiva de si. A existência cristã decide-se nessa opção por dar a vida pelos outros como expressão do amor por Aquele que deu a sua vida previamente por nós<sup>287</sup>.

Optar por dar a vida em benefício de outrem expõe aquilo que é o núcleo do seguimento de Jesus. Seguir Cristo requer uma abnegação total, onde derramar o sangue por amor a Ele não é algo de adicional. No cristianismo, privilegia-se o testemunho do amor como Cristo fez, tanto pelas palavras como pela doação existencial, pelo dom da vida. Contudo, a fé cristã requer que quanto mais se vá dando tal testemunho, tanto mais se converta num testemunho de sangue<sup>288</sup>. Isso dá a entender que a vida dos cristãos tem de levar ao compromisso de toda a sua existência, o que indica que os cristãos têm de viver seriamente a sua fé. Portanto, o decisivo testemunho dos cristãos por seu Senhor não se pode circunscrever apenas às palavras. Tem de incluir o empenho de oferecer-se até à consumação de todo o ser, o corpo e o sangue<sup>289</sup>. Envolve a pessoa no seu todo<sup>290</sup>. O anúncio torna-se mais credível, quando se repercutir em dar-se totalmente, sem calcular os afazeres da vida.

---

<sup>286</sup>CONCÍLIO VATICANO II, *Presbyterorum Ordinis*, nº 13.

<sup>287</sup>Cf. A. MARTINS, “A dimensão confessante da existência cristã”, 74.

<sup>288</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teodramática*, vol. 4, *la accion*, 419.

<sup>289</sup>Cf. *Ibidem*, 420.

<sup>290</sup>Cf. D. TERRA, s. j., *A gramática da fé cristã*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2015, 67.

Dar testemunho do amor de Cristo tem de se fazer tangível por via de ação, pelas obras, até à última gota de sangue<sup>291</sup>, porque a fé em Cristo não se efetua apenas pelo simples facto de aceitar Cristo como Verdade, mas por uma entrega total a Ele até se consumir pela efusão do sangue<sup>292</sup>. A noção de entrega comporta a renúncia voluntária à própria vontade e implica a disposição para o empenho de vida baseado no amor<sup>293</sup>. A fé em Cristo requer a dádiva da vida que autentica a fé professada<sup>294</sup>. A dádiva da vida consumada pela efusão do sangue sela o discurso. Por consequência, se no discurso o amor revela-se, no dar-se o amor consuma-se.

Vemos, portanto, que os cristãos, na realização do compromisso de anunciar o amor de Cristo, têm de ter presente que o anúncio da fé - empenhamento de dar testemunho do evangelho e servir os homens<sup>295</sup> -, se faz com toda a existência<sup>296</sup>. Esta exigência pressupõe uma necessidade do 'êxodo', caracterizado por um 'sair de si mesmo' para ir ter com o outro, o próximo, para ir ao encontro do «tu»<sup>297</sup>. O seguimento de Cristo e a adesão a Ele não ficam apenas guardados no íntimo do coração, mas impõem o ato primordial de assumir o destino de Cristo, marcado pela disposição e obediência para o serviço dos outros. Tudo isso requer o despojamento, enquanto ação de não se preocupar consigo. Na verdade, o testemunho do amor exige a disposição para o martírio, para perder a vida em benefício dos outros em Cristo<sup>298</sup>.

---

<sup>291</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Puntos centrales de la fe*, 374.

<sup>292</sup>Cf. IDEM, *La verdad es sinfónica. Aspectos del pluralismo cristiano*, trad. Emilio Saura, Ediciones Encuentro, Madrid, 1979, 91.

<sup>293</sup>Cf. D. G. BENNER, *Entregarse al amor. Descubrir el centro de la espiritualidad cristiana*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2009, 77-79.

<sup>294</sup>Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, VII, 124, 78.

<sup>295</sup>Cf. J. L. O'DONOVAN, "Misión/Evangelización", in Jean Yves Lacoste (dir.), *Diccionario Crítico de Teología*, 785.

<sup>296</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Puntos centrales de la fe*, 374.

<sup>297</sup>Cf. B. FORTE, *La esencia del cristianismo*, trad. José María Carda, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2008, 101.

<sup>298</sup>Cf. J. RATZINGER, *A caminho de Jesus Cristo*, trad. Isaiás Hipólito, Edições Tenacitas, Coimbra, 2006, 73.

Vemos, portanto, que não há fé cristã em “repouso”<sup>299</sup>. Não há cristãos que estejam em caminho apaziguante. Aqui, podemos compreender o martírio como ato de audácia, tal como a cruz do Filho de Deus foi a expressão de uma audácia suprema<sup>300</sup>. Tudo isso indica a dimensão séria daqueles que dão primazia a Cristo<sup>301</sup>. É desta forma que Balthasar afirma que «cada cristão é um soldado. [...] O menor de cada um de nós é soldado»<sup>302</sup>. O soldado de Cristo, *milite Christi*, significa que os cristãos são chamados para “defender e infundir” a fé cristã em cada circunstância da vida. A coragem dos cristãos, que pode suportar toda a contrariedade, dá a entender que eles ousam pôr-se diante de toda a adversidade<sup>303</sup>.

O soldado de Cristo não se focaliza na via armada. A via do soldado de Cristo é a via do amor. Trata-se de um soldado que se reveste do amor de Cristo. Este amor não exclui o amor aos inimigos e orar por aqueles que se opõem à fé cristã. «Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem» (Mt 5, 44; Lc 6, 27). Eis a regra do soldado de Cristo. Paulo, na sua carta a Timóteo, exorta: «aquele que participa numa competição não recebe o prémio, se não competir segundo as regras» (2 Tim 2, 5). «Tem sempre bem presente Jesus Cristo» (2 Tim 2,8). O revestimento do amor de Cristo requer o despojamento como entrega de bom grado, preocupando-se apenas com a Pessoa de Cristo. Paulo afirma: «Nenhum soldado em campanha se deixa enredar pelos afazeres da vida, se quer agradar àquele que o alistou» (2 Tim 2, 4).

Ser soldado de Cristo pressupõe a valentia de exercer, no dizer de Balthasar, a «cruzada incessante na vida quotidiana»<sup>304</sup>, caracterizada pela luta por defender Cristo

---

<sup>299</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Puntos centrales de la fe*, 374.

<sup>300</sup>Cf. IDEM, *O cristão e a angústia*, trad. António Alves Guerra, Lisboa, Livraria Morais Editora, 1963, 63.

<sup>301</sup>Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013, nº 268.

<sup>302</sup>H. U. von BALTHASAR, *Puntos centrales de la fe*, 374.

<sup>303</sup>Cf. IDEM, *O cristão e a angústia*, 64.

<sup>304</sup>IDEM, *Puntos centrales de la fe*, 376. Na existência cristã exige-se uma cruzada incessante, porque a oposição que quer impor aos cristãos é evidente. A cruzada que aqui pretendemos não tem a ver com

como o caminho, a verdade e a vida. Desta forma, Balthasar diz que «o martírio está menos em morrer do que em viver cada momento, porque a morte é, para o cristão, uma situação-limite de luta diária por Cristo»<sup>305</sup>. Tudo isso alude àquilo que Paulo diz: «O amor de Cristo nos absorve completamente, ao pensar que um só morreu por todos e, portanto, todos morreram. Ele morreu por todos, a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou» (2 Cor 5, 14-15)<sup>306</sup>.

## 2. Orientação de fundo do martírio

Optar por seguir Cristo e aderir a Ele implica a liberdade de tomar a decisão<sup>307</sup>. A fé em Cristo comporta profundamente o esforço de viver, o caminho a percorrer e a decisão de agir<sup>308</sup>. A liberdade de optar não significa a possibilidade de escolher sem mais. Tem a ver também com a razoabilidade, enquanto carácter do que é capaz de executar tudo aquilo que Cristo propõe<sup>309</sup>. O seguimento de Cristo e a adesão a Ele requerem, portanto, a virtude de implementar os ensinamentos de Cristo na vida diária. Exigem a disposição estável para os pôr em prática. «Não é suficiente ter o poder de julgar, mas o principal é aplicá-lo bem»<sup>310</sup>.

As advertências de Cristo - «Se alguém vem ter comigo e não me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não toma a sua cruz para

---

a cruzada de andar à espadeirada, o que se tinha feito na Idade Média na expedição contra os hereges ou contra os muçulmanos para a libertação do Sepulcro de Cristo, em Jerusalém. A expressão «cruzada incessante» refere-se à resistência à tensão, adversidade, oposição daqueles que pensam e agem diferentemente em matéria social, política e religiosa dos cristãos.

<sup>305</sup>*Ibidem*, 377.

<sup>306</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>307</sup>Cf. IDEM, *Teodramática*, vol. 1, *prolegomenos*, trad. Eloy Bueno de la Fuente/Jesús Camarero, Ediciones Encuentro, Madrid, 1990, 399-400.

<sup>308</sup>Cf. D. TERRA, s. j., *A gramática da fé cristã*, 22.

<sup>309</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Teodramática*, vol. 1, *prolegomenos*, 401.

<sup>310</sup>R. DESCARTES, *Discurso do método*, trad. João Gama, Edições 70, Lisboa, 2011, 5.

me seguir não pode ser meu discípulo» (Lc 14, 26-27) – dão a entender que seguir Cristo e aderir a Ele implica o desprendimento, enquanto capacidade de deixar tudo<sup>311</sup>. Este desprendimento capacita os cristãos a mergulharem na vida de Cristo e a permanecerem nas suas palavras (Jo 8, 31). Este mergulhar, enquanto ato de incorporar nas exigências do Mestre, realiza-se sob a obediência a Ele. A obediência adquire o sentido mais credível, quando se desenvolve no empenhamento fiel na vida quotidiana. O martírio, neste sentido, é inseparável do agir. O agir cristão não é mais do que efetuar o amor fraterno. Isso dá a entender que o martírio é a expressão do dom da vida no amor de Cristo.

A dádiva de si constrói-se a partir da seguinte gramática: «Sim, o amor de Cristo nos absorve completamente, ao pensar que um só morreu por todos e, portanto, todos morreram. Ele morreu por todos, a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou» (2 Cor 5, 14-15). Deste modo, nas linhas que se seguem, apresentamos a “orientação de fundo” do martírio, enquanto expressão daquilo que serve de regra. É a partir dessa orientação que se vê a realização da dimensão séria do martírio. Esta orientação de fundo mostra aquilo que é real sem fingir, uma vez que o martírio se coaduna com o desenrolar da decisão e da confissão de fé. A fé implica a vinculação à Pessoa de Cristo. Os cristãos confessam o seu ‘sim’ a Ele, dispondo-se a tomar a cruz. Estão dispostos a arriscar a sua vida como momento decisivo. Vivem o que dizem. Assim, o martírio não é uma teologia de dizer, antes liga-se à vida.

---

<sup>311</sup>Cf. A. NOLAN, *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*, trad. Mário do Rosário Pernas, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006, 182.

## 2. 1. «O momento decisivo como forma»

Ponderando a nossa indagação do martírio até agora, percebemos que ele faz parte da essência da fé cristã. Está ligado, por certo, ao princípio determinativo do ser dos cristãos que regula a existência dos cristãos no modo de ser, de pensar, de agir ou de fazer. Esse princípio determinativo estipula a vida e a ação dos cristãos. Enquadra a decisão deliberada destes últimos. É nesta sequência que falamos do martírio como momento decisivo. A designação «momento decisivo» coaduna-se com o projeto de vida relacionado com a preferência dada à Verdade. O adjetivo “decisivo” não é apenas uma mera soma ao substantivo “momento”. Contudo, ele qualifica e realça a prossecução do seguimento de Cristo e da adesão a Ele. Isso visa afirmar precisamente a evidência do martírio. Este último ocorre em cada circunstância da vida dos cristãos.

A ênfase “momento decisivo” dá-nos a consciência do princípio que regula o empenhamento dos cristãos na vida diária. Significa que o martírio está no âmago da existência cristã, como momento suscetível de ser alcançado pelos cristãos. Isto quer dizer que toda a decisão tomada com liberdade abrange a cruz, enquanto consequência do seguimento de Cristo e da adesão a Ele. Por isso, esse momento decisivo é entendido como forma. O momento decisivo dá relevo àquilo que se professa e se vive na fé cristã e na decisão de dar primazia a Cristo<sup>312</sup>. A opção por dar preferência a Cristo suscita a atitude oponente daqueles que vivem diferentemente dos cristãos. Em consequência, o martírio não se exclui da existência cristã. Isto significa que «o estado de perseguição é o estado normal na Igreja e o martírio cristão é a situação normal de confissão de fé»<sup>313</sup>.

---

<sup>312</sup>Cf. H. KÜNG, *Ser cristiano*, 653 e 655.

<sup>313</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 17.

Contudo, temos de tomar consciência clara para não correremos o risco de legitimar a afirmação acima referida como “obrigação de provocar e de fazer”, uma vez que o conceito de martírio está ligado à virtude, enquanto disposição de se entregar conscientemente. Para Balthasar, a afirmação de que «o estado de perseguição é o estado normal na Igreja e o martírio cristão é a situação normal de confissão de fé» não significa que

«a Igreja deva ser perseguida continuamente em toda a parte; mas se for durante algum tempo e em determinadas regiões, ela deveria urgentemente recordar-se de que compartilha a graça que lhe foi prometida: “Deixo-vos ditas estas coisas, para que, quando chegar a hora, vos lembreis de que Eu vo-las tinha dito” (Jo 16,4). Estas palavras não podem ser ultrapassadas por nenhuma evolução do mundo. E não no sentido de que cada cristão individual deva sofrer o martírio cruento, mas na aceção de que ele deveria considerar o caso que se apresenta como a manifestação externa de uma realidade interna, da qual ele vive»<sup>314</sup>.

Vemos, portanto, que o martírio é uma realidade interna, enquanto dimensão real em que se vive e se envolve. Isso dá a entender que a vida cristã está impregnada da disposição para *morrer*. Por este motivo, a fé cristã exige a audácia de envolvimento na morte de Cristo na cruz. Ela requer a audácia de morrer por amor a Cristo. Este morrer é o ‘reflexo’ do amor de Cristo, como Paulo nos exorta: «o amor de Cristo absorve-nos completamente, ao pensar que um só morreu por todos e, portanto, todos morreram» (2 Cor 5,14)<sup>315</sup>. Cada cristão, deste modo, está destinado a *morrer* por Ele e pelos irmãos. O morrer cristão é a consequência do amor d’Aquele que se entregou por nós (Gal 2,20) e plasmou no ser dos cristãos esse amor de doação<sup>316</sup>. Em consequência, a fé cristã, enquanto resposta dos cristãos ao apelo de Deus em Cristo, implica, por certo, a entrega total, em que o morrer é normal.

O amor requer a adequação do amor. O amor só é credível e justo, quando se retribui com o mesmo amor. Cristo deu-se, com toda a sua existência, em serviço da

---

<sup>314</sup>*Ibidem*.

<sup>315</sup>Cf. IDEM, *Mysterium paschale*, 9.

<sup>316</sup>Cf. *Ibidem*, 10.

Humanidade. Assim, também os cristãos devem corresponder ao amor de Cristo com toda a sua existência, em benefício de outrem. Balthasar diz: «não se pode dar graças de modo adequado exceto com toda a existência»<sup>317</sup>. Esta afirmação dá a entender que os cristãos devem dar um consentimento congruente a Cristo. Ser discípulo de Cristo torna-se impossível sem um consentimento que tende a entregar-se totalmente até ao extremo. Assim, Balthasar afirma: «Embora [os cristãos], na sua disposição anímica, permaneçam muito *atrás de Cristo*, devem, no entanto, por princípio, consentir no amor pelo qual são redimidos. [...] Não podem contentar Deus com um amor e uma verdade diferentes do que Ele lhes assinalou»<sup>318</sup>. O consentimento dos cristãos consiste em envolver-se, mediante o dom do amor de Cristo, na entrega total a Ele. Portanto, não há outra alternativa dos seguidores de Cristo, a não ser dar-se inteiramente a Cristo – morrer por Ele -, uma vez que é da sua morte que esses seguidores vivem e pela qual têm acesso a Deus. A este respeito, Balthasar salienta:

«Tudo aquilo que eu sou, enquanto sou algo mais do que um ser caduco e sem esperança, cujas ilusões são todas destruídas pela morte, sou-o por causa desta morte que me abre o acesso ao Deus que cumpre. Floresço no sepulcro do Deus que morreu por mim, mergulho as minhas raízes no solo da sua carne e do seu sangue. Por isso, o amor que daí extraio na fé não pode ser de natureza diferente da do sepultado»<sup>319</sup>.

Quando se faz a opção por seguir Cristo e aderir a Ele, aí já se inicia a antecipação da dádiva da vida<sup>320</sup>. Os cristãos, ao dizerem 'sim' a Cristo, assumindo a forma do amor de Cristo, vivem no abandono, o que exprime o despojamento total do «eu» ao «Tu» de Cristo. Balthasar articula: «Assim como o Deus uno e trino, por amor inconcebível, justificável apenas no amor [...], projetou-se para fora de Si, pelo que desde a sua vida eterna caiu na morte do abandono divino, assim também a fé só pode

---

<sup>317</sup>IDEM, *Córdula ou Momento decisivo*, 19.

<sup>318</sup>*Ibidem*, 19-20.

<sup>319</sup>*Ibidem*, 20.

<sup>320</sup>Cf. *Ibidem*.

ser uma projeção que o homem, ao responder na graça, faz para fora de si mesmo em Deus»<sup>321</sup>.

A morte de Cristo na cruz por amor à vontade de Deus e ao serviço da Humanidade é de capital importância. É a partir da sua morte que os cristãos projetam a sua antecipação da dádiva da vida por outrem. Por isso, Balthasar afirma do seguinte modo:

«[...]A morte de Cristo é, para nós, o despertar da glória divina do amor, conceber-se a si mesmo, com base nesta morte, como existência que significa interpretar-se não desde um fenómeno terminal e marginal, mas a partir do centro absoluto da realidade. Isto não impede que o homem possa coincidir com este centro, tocando-o apenas com o seu termo, a morte própria, e tente compreender a seriedade do amor de Deus, mediante o seu momento decisivo»<sup>322</sup>.

Esta antecipação da morte dos cristãos como resposta à morte de Cristo é o momento sério de autenticar a fé n'Ele<sup>323</sup>. A antecipação da morte baseia-se no amor, o que dá relevo ao facto de que o martírio é visto como prova suprema da caridade, expressão cunhada pela LG, nº 42. A dádiva da vida como correspondência à morte de Cristo «é a implicação de toda a existência crente»<sup>324</sup>. Balthasar evidencia que «a existência crente seria, pois, a existência na morte por amor. Não numa doação qualquer, temperada pelo juízo do momento e manipulada pelo homem, mas numa antecipação da dádiva da vida em cada situação singular da existência cristã»<sup>325</sup>.

Para Balthasar, a dádiva da vida por Cristo e pelos outros não consiste numa dádiva humanística, antes numa dádiva cristológica, porque a preocupação principal de Balthasar está na cruz de Cristo, enquanto manifestação suprema do amor. A morte de Cristo na cruz é pedra de toque e pano de fundo do martírio cristão. Por isso, o

---

<sup>321</sup> *Ibidem*.

<sup>322</sup> *Ibidem*, 21.

<sup>323</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>324</sup> IDEM, *Teológica*, vol. 3, *El Espíritu de la verdad*, 401.

<sup>325</sup> IDEM, *Córdula ou Momento decisivo*, 21.

martírio cristão, por mais diversificado que seja o seu motivo, não pode estar exilado da *via crucis*. É sempre a partir da cruz de Cristo que se interpreta todo o momento decisivo. Balthasar sintetiza do seguinte modo:

“A dádiva da vida pelos irmãos não é uma dádiva doseada, humanística; retorna já sempre do horizonte da morte (de Cristo) à presente situação vital. Ao compreender com a fé que Jesus sofreu a morte por mim, adquirei pela fé (não de outro modo!) o direito de conceber a minha vida como resposta a ela; é um direito que tem por inverso o dever de tomar a sério o momento decisivo, a partir do qual me interpreto”<sup>326</sup>.

Tal afirmação visa afirmar que o acentuar do martírio cristão adota o princípio que lhe é particular. O centro é Cristo. É por isso que Balthasar afirma: «Um martírio não só humanista, mas também verdadeiramente cristão, testemunha, por conseguinte, a fé integral neotestamentária, sem recortes, que tem no seu centro o «por nós» do Credo: “se encarnou por nós e pela nossa salvação, foi crucificado, morto e sepultado por nós”»<sup>327</sup>.

Vemos, então, que o martírio cristão resulta do amor de Cristo. De tudo o que precede na paixão dos cristãos, dá-se a entender que os cristãos reconhecem em Cristo a fonte principal do momento decisivo, inclusive as ações concretas na vida do dia-a-dia<sup>328</sup>. É nesta lógica que Balthasar articula veemente que «não existe para [o martírio cristão] nenhum outro tipo do amor a não ser [a plena abertura ao martírio como amor] que foi proposta por Deus»<sup>329</sup>. Por este motivo, o que se pretende que façamos na nossa vida quotidiana, na realização do projeto do Seu Reino é sermos sujeitos participantes na obra de Cristo. A obra de Cristo consiste em potenciar os cristãos, perante o seu dom do amor na cruz, a ponto de os cristãos realizarem o projeto de Deus na vida quotidiana, projeto este que se expressa pela atitude de «considerar o próximo, sem

---

<sup>326</sup>*Ibidem*, 22.

<sup>327</sup>IDEM, *Puntos centrales de la fe*, 369-370.

<sup>328</sup>Cf. H. KÜNG, *Ser cristiano*, 685.

<sup>329</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 27.

exceção, como um “outro eu”»<sup>330</sup>. Trata-se do cumprimento da vontade de Deus, particularmente em matéria de caridade fraterna<sup>331</sup>. Qualquer participação nessa obra do amor de Cristo, até à efusão do sangue pelo próximo, só ganha pleno sentido, quando tiver a cruz de Cristo como ponto referencial<sup>332</sup>. Em consequência, o martírio cristão está baseado na cruz de Cristo. Porque não há Cristo sem cruz, nem há cruz sem Cristo. É na cruz que encontramos Cristo e em Cristo que descobrimos o sentido da cruz.

A cruz é o critério de discernimento no seguimento de Cristo. No Batismo, os cristãos são crucificados com Cristo, cravados com Cristo na cruz; o que supõe a negação de si mesmo<sup>333</sup>. São chamados a exercer-se na única forma de amor, como discípulos do Único Filho<sup>334</sup>. Nessa envolvência, vê-se claramente o horizonte do caminho para a morte. Por isso, pelo Batismo, os cristãos são inseridos no momento decisivo da cruz<sup>335</sup>.

O momento decisivo da cruz surge, quando os cristãos decidirem dar a sua vida deliberadamente. Isto dá a entender que o martírio cristão implica a consideração de um dispor-se, uma disposição firme e radical, como ato que se situa no nível mais elementar do seguimento de Cristo e da adesão a Ele. A disponibilidade é primeiro elemento constitutivo da fé cristã. Para Balthasar, a disponibilidade é de capital relevo, pois sinaliza uma configuração com o Crucificado. A entrega da vida alude à disposição para morrer. Assim, Balthasar explicita:

---

<sup>330</sup>CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 27.

<sup>331</sup>Cf. R. DEVILLE e P. GRELOT, “Reino”, in *Vocabulário de Teologia bíblica*, 876.

<sup>332</sup>Cf. J. D. LOURENÇO, *O sofrimento no pensamento bíblico. Releituras hermenêuticas de Isaías 53*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2006, 201.

<sup>333</sup>Cf. C. A. VALLEJO, *La santa Cruz en la fe de la Iglesia*, in Dionisio Borobio-Abundio Martínez (coords.), *La Cruz camino de luz. XLI Jornadas de Teología 2008*, 27.

<sup>334</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 27. Cf. B. FORTE, *La esencia del cristianismo*, 99.

<sup>335</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 27.

“A disponibilidade é tudo: a disponibilidade radical para a causa de Deus no mundo com Cristo, tanto com uma ação inteligente que leva aos homens os princípios de Cristo e o sentido da solidariedade com os pobres e os oprimidos, como com o sofrimento, colaborando com o Crucificado na transformação das almas. Tanto num como noutro caso deve o cristão aperfeiçoar-se para ser um testemunho válido da causa de Deus”<sup>336</sup>.

Vemos, então, que tudo remete para o sentido fundamental do momento decisivo. Este significa que «eu me deixo afetar pela ação do Verbo de Deus em mim. No momento decisivo, deverei estar disposto a morrer»<sup>337</sup>. Balthasar sintetiza:

«O momento decisivo é o melhor critério, porque nos põe à força diante da verdade cristã: a minha disposição para morrer por Cristo – com graça de Deus – é a única resposta adequada (que implica toda a conduta de vida) ao facto de Ele, por amor, se ter dignado morrer por mim. [...] Será para mim um critério na medida em que, ao empenhar a minha vida, atesto ter compreendido a verdade cristã como a revelação mais alta [...] do amor eterno [...]»<sup>338</sup>.

Não há adiamento da perda de vida na opção por dar preferência a Cristo. Balthasar diz: «o meu empenhamento efetivo na vida quotidiana»<sup>339</sup> faz decisivo todo o percurso do seguimento de Cristo. Cada opção por seguir seriamente as pisadas de Cristo, por mais pequena que seja, implica um morrer. Deste modo, os cristãos, ao optarem por dar primazia a Cristo e aos seus ensinamentos, são chamados à participação na paixão de Cristo, onde a paixão dos cristãos é evidente.

## 2.2. A imitação de Cristo

Os que aderem a Cristo, como discípulos que são, sabem que são interpelados a pôr a paixão de Cristo no centro da sua vida<sup>340</sup>. A paixão de Cristo é o coração da fé dos cristãos, da Igreja e da teologia cristã, pois os cristãos professam que Cristo «foi crucificado, morto, sepultado; desceu à mansão dos mortos». Esta convicção não se faz só na profissão de fé, mas também na vivência continuada; vivência esta que se pode manifestar no ato martirial. Na verdade, o martírio cristão está precisamente em

---

<sup>336</sup>IDEM, *Puntos centrales de la fe*, 372.

<sup>337</sup>IDEM, *Córdula ou Momento decisivo*, 72.

<sup>338</sup>*Ibidem*, 73.

<sup>339</sup>*Ibidem*, 75.

<sup>340</sup>Cf. B. FORTE, *La esencia del cristianismo*, 99.

sintonia com a paixão de Cristo. Isso dá a entender que o martírio implica a dimensão correspondente com a paixão d'Aquele que se deu previamente. Portanto, o martírio tem um carácter de conformidade com a morte sangrenta de Cristo. Este carácter não se coaduna com um sentido pejorativo. Esta conformidade não significa obedecer cegamente. Evoca, porém, a conformação com o derramamento do sangue de Cristo, como ato de se assemelhar ao Mestre, como acentua a LG, nº 42. Esta conformação implica uma disposição de se entregar livremente, que se consuma pelo martírio<sup>341</sup>. Em consequência, o martírio comporta a forma de imitar a morte de Cristo. A imitação da paixão de Cristo não quer dizer que deva ser um ato a adotar cegamente, sem ponderar. Ela encerra a apropriação da paixão de Cristo que passa pela aceitação consciente e livre.

O martírio expõe evidentemente a configuração com a paixão de Cristo, como expressão do empenho de dispor-se a dar a vida deliberadamente<sup>342</sup>. A configuração inclui o princípio da abnegação, enquanto abandono dos próprios interesses. Este princípio da abnegação mostra a participação da paixão de Cristo. Nesta participação já se principia a antecipação de morrer. Esta consiste em tomar parte do destino de Cristo: tomar a cruz<sup>343</sup>. Tomar a cruz não significa uma mera imitação ética da conduta de Jesus e também não quer dizer uma “cópia” ao modelo da sua vida<sup>344</sup>. Trata-se de revestir-se da paixão de Cristo, em que se manifesta a entrega livre. «Tomar a cruz» expõe a fidelidade a Cristo, pela qual se patenteiam a adesão a Ele como Verdade, a renúncia e a inteira disposição para morrer por amor por Ele<sup>345</sup>.

---

<sup>341</sup>Cf. K. BERGER, *Jesús*, 322-323.

<sup>342</sup>Cf. J. O. BRAGANÇA, “Martírio e Santidade”, 123.

<sup>343</sup>Cf. L. BOFF, “Reflexión sistemática sobre el martirio”, 328.

<sup>344</sup>Cf. H. KÜNG, *Ser cristiano*, 727.

<sup>345</sup>Cf. C. A. VALLEJO, “La santa Cruz en la fe de la Iglesia”, 26.

O princípio da imitação de Cristo está assente no Batismo, no facto de ser cristão, ser discípulo de Cristo. Os cristãos devem encarar-se com a atitude de indispensável renúncia, abandono de si; atitude esta que lhes possibilita revestirem-se do amor de Cristo. Por este motivo, os cristãos, configurados com Cristo pelo Batismo, entendem que a sua vida está vinculada à Pessoa de Cristo<sup>346</sup>. Nesta vinculação, vê-se a resposta do 'sim' dos cristãos a tudo aquilo que Cristo lhes propõe. Isso dá a entender que os cristãos, no seu 'sim' professado, dão também um 'sim' à cruz de Cristo. Neste sentido, a fé cristã põe-nos em contacto com a paixão de Cristo<sup>347</sup>.

A exigência de imitação encontra-se nas afirmações de Cristo. Cristo adverte os seus discípulos para realizarem também tudo aquilo que Ele faz. João evidencia tal advertência, fazendo da imitação de Cristo um mandamento: «Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também» (Jo 13, 15)<sup>348</sup>. A primeira carta de Pedro diz: «Cristo padeceu por vós, deixando-vos o exemplo para que sigais os seus passos». Notamos que a imitação de Cristo supõe fazer aquilo que Cristo fez e mergulhar na sua Pessoa como caminho a seguir (cf. Jo 14, 6), vida a viver e verdade a dizer<sup>349</sup>.

Seguir os passos de Cristo significa percorrer os caminhos que Ele traçou. Ser imitador de Cristo alude a ser discípulo de Cristo, como aquele que aprende e adere ao modo de viver e de agir do Mestre. Ser discípulo de Cristo pressupõe a vinculação pessoal a Ele. Notamos que, nos evangelhos, Jesus convidou os seus discípulos a segui-lo, sintetizando no convite: “segue-me”! O verbo “seguir” exprime a vinculação à

---

<sup>346</sup>Cf. H. KÜNG, *Ser cristiano*, 728. Cf. C. A. VALLEJO, “La santa Cruz en la fe de la Iglesia”, 26.

<sup>347</sup>Cf. H. KÜNG, *Ser cristiano*, 728.

<sup>348</sup>Cf. J. BRECK, “Imitación de Jesús Cristo”, in Jean Yves Lacoste (dir.), *Diccionario Crítico de Teología*, 598.

<sup>349</sup>Cf. *Ibidem*.

Pessoa de Cristo<sup>350</sup>. Seguir os passos de Cristo dita a apropriação destes, selando com a própria vida até à efusão do sangue. Tudo isso se denomina “condições de seguir Cristo”. Como os evangelhos sinópticos nos narram: «se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mt 16, 24; Mc 8, 34; Lc 9,23). Essas condições do seguimento exigem a participação na cruz de Cristo. Requerem a compaixão. Neste sentido, o martírio é sinal de amor.

### 2.3. O martírio como sinal de amor

O martírio assinala essencialmente o amor de doação de si por amor a Cristo, em quem se deposita a fé. É a expressão exímia do amor, que o quarto evangelho evidentemente nos proporciona: «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos» (Jo 15, 13). Deste modo, falar do martírio é, por certo, dizer o amor. A noção de amor cimenta-se no amor de Deus, no amor divino. O martírio como sinal de amor tem a sua origem no amor de Deus, amor infinito e eterno, que se realiza em Cristo. «Se o testemunho que Deus me dá é o da sua entrega existencial total, então tenho a certeza [...] [de que] Deus, em si, é amor (1 Jo 4,8.16)»<sup>351</sup>. Vemos, portanto, que o amor cristão tem o seu ponto de partida no amor de Deus, com o qual a existência cristã se compromete<sup>352</sup>.

Balthasar, no prefácio do seu livro *Só o amor é digno de fé*, coloca a pergunta, no que diz respeito à questão de fundo do cristianismo: «Qual é, no cristianismo, o elemento cristão?»<sup>353</sup>. Balthasar nada mais pretende do que interpelar-nos a compreender que «a autocompreensão cristã [...] só pode compreender-se como

---

<sup>350</sup>Cf. R. MOTTE, “Discípulo”, in Xavier Léon-Dufour (dir.), *Vocabulário de Teologia bíblica*, 242.

<sup>351</sup>H. U. von BALTHASAR, “Testemunho e Credibilidade”, 168. Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptor Hominis*, 1979, nº 9. Cf. BENTO XVI, *Deus Caritas Est*, 2005, nº 1.

<sup>352</sup>Cf. W. PANNENBERG, *Teologia sistemática*, vol. III, trad. Miguel García-Baró, Universidade Pontificia, Madrid, 2007, 192.

<sup>353</sup>H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, trad. Artur Morão, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008, 23.

autoglorificação do amor divino. [...] Esta glória majestosa revela-se como amor de Deus que, em Cristo, desce “até ao fim” da morte e da noite»<sup>354</sup>. Neste sentido, insistimos em salientar que o pano de fundo do cristianismo não se encontra para além do que é o próprio amor de Deus, em Cristo. Por conseguinte, o amor de Deus, em Cristo, é a razão de ser do amor cristão.

O amor divino caracteriza-se pelo ato de doar. Remete para o dom de si, a dádiva, a doação total. A fé cristã exige aos cristãos uma existência de dádiva, expressa pela virtude de dispor a dar-se sem reservas. Trata-se de virtude que se afigura como conduta de solidariedade, enquanto ato de prestar auxílio em benefício de outrem<sup>355</sup>. É um amor benevolente, pelo qual se expressa o querer bem para com o próximo. O martírio é, portanto, o amor constante daqueles que se dispõem a prestar a sua vida em defesa da fé em Cristo e em serviço dos irmãos, no amor de Cristo. A este respeito, temos de tomar em consideração que, se o amor supremo de Cristo passa pela cruz, o amor dos cristãos não vai descobrir-se senão através do caminho da cruz<sup>356</sup>. O amor divino comporta, portanto, o aspeto da paixão.

Já vimos que a autocompreensão cristã se resume no amor. Desta forma, aos cristãos cabe a tarefa de «fazer-se servo por amor»<sup>357</sup>, enquanto empenho de estar disposto a dar a própria vida como consequência da adesão à Verdade. Eles colocam-se ao serviço uns dos outros por amor (cf. Gal 5, 13). Tudo isso quer dizer a disposição e a audácia de ter o olhar posto no próprio amor de Deus-Pai e no do Filho que morreu previamente por nós. A ênfase “fazer-se servo por amor” designa a paixão que faz

---

<sup>354</sup>*Ibidem*, 24.

<sup>355</sup>Cf. K. BERGER, *Jesús*, 639.

<sup>356</sup>Cf. C. A. VALLEJO, “La santa Cruz en la fe de la Iglesia”, 26. Cf. H. U. v. BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 55.

<sup>357</sup>B. FORTE, *La esencia del cristianismo*, 101.

credível o anúncio da palavra de Cristo<sup>358</sup>. Se Deus se revelou como amor na paixão de Cristo, a existência cristã, partindo desse amor de Deus, tem de irradiar ao seu próximo<sup>359</sup>. Isso não se propaga segundo o amor humano, mas segundo o amor de Deus. Portanto, o amor dos cristãos é tanto mais verdadeiro e credível quanto mais ele rejeita o cálculo, quanto mais é marcado por não procurar o interesse egoísta (1 Cor 13,5)<sup>360</sup>. Tudo isso dá a entender que o amor divino constitui a expressão da gratuidade, como amor capaz de amar o outro enquanto tal, não para possuir o outro como objeto ou para submetê-lo<sup>361</sup>. Trata-se de amor que cria o bem do outro<sup>362</sup>.

Notamos que o seguimento de Cristo e a adesão a Ele requerem que empolemos o amor de Deus na vida quotidiana: amar a Deus e ao próximo, ao irmão. O autêntico discípulo de Cristo vive o amor para com Deus e para com o próximo<sup>363</sup>. «Se Deus nos amou, também nós devemos amar uns aos outros» (1 Jo 4, 11). Eis o ponto de partida de Balthasar. O empenhamento dos cristãos em amar o próximo está resumido sinteticamente nesse dever da carta de São João. É desta forma que a existência cristã penetra na sua radicalidade.

### **3. O martírio: radicalidade da existência cristã**

A carta de Tiago afirma que se «a fé não tiver obras, está completamente morta» (Tg 2, 17). Sendo a expressão da perfeição do amor, o martírio não se define por uma “teoria” do amor, por um “dizer” sobre amor, mas decisivamente por um “fazer”<sup>364</sup>. A fé cristã determina-se pelo fazer e não pelo dizer. Efetua-se pela práxis,

---

<sup>358</sup>Cf. *Ibidem*, 102.

<sup>359</sup>Cf. *Ibidem*. Cf. H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 57.

<sup>360</sup>Cf. B. FORTE, *La esencia del cristianismo*, 103. Cf. W. HAMILTON, *La nueva esencia del cristianismo*, trad. Luis Martín Donaire, Ediciones Sígueme, 1969, 221.

<sup>361</sup>Cf. B. FORTE, *La esencia del cristianismo*, 103.

<sup>362</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*, nº 18.

<sup>363</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, nº 42.

<sup>364</sup>Cf. J. E. BORGES DE PINHO, “Diaconia e Caridade. Uma aproximação eclesiológica”, *Communio* 2 (2009), 200.

pela ação. A primeira carta de João afirma: «não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade» (1 Jo 3, 18)<sup>365</sup>. O amor cristão, baseado no dom de si e no serviço, prova-se por atos. Este modo de agir e de amar estende-se à amplitude de ir ao encontro do próximo, do irmão<sup>366</sup>. Por este motivo, os cristãos não podem deixar de lado a responsabilização pelo seu próximo.

Responsabilizar-se pelo próximo implica comprometer-se, enquanto ato que procede da vontade de envolver-se na situação do outro - o que não significa a ocupação do lugar do outro<sup>367</sup>. O envolver-se na situação de outrem radicaliza-se no “morrer por ele” em cada dia, como expressão de dedicação e interesse. Tal morrer por outro encerra uma existência de doação e disposição para arriscar a vida em benefício do outro, no amor de Cristo<sup>368</sup>. Trata-se de uma existência que se orienta para o momento decisivo do amor fraterno. É por este motivo que os cristãos devem dispor gratuitamente da sua existência em benefício dos outros. Neste dispor, vê-se o ato verdadeiro do discípulo de Cristo, enquanto asserção da fé que se desenrola sob a radicalidade da existência cristã<sup>369</sup>.

A radicalidade da existência cristã diz respeito ao ato de mergulhar na raiz do amor de Cristo. Este ato de mergulhar implica a aptidão de levar seriamente o amor de Cristo até ao fim, até à última gota de sangue. Portanto, a radicalidade traz consigo a virtude de arriscar, de perder a própria vida em benefício de outrem. Neste sentido, o martírio como radicalidade da existência cristã encerra a negação do «eu», comovendo-se diante do «tu» - do próximo, como expansão de uma disposição interior

---

<sup>365</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 95.

<sup>366</sup>Cf. J. E. BORGES DE PINHO, “Diaconia e Caridade”, 200.

<sup>367</sup>Cf. E. LEVINAS, *Ética e Infinita*, trad. João Gama, Edições 70, Lisboa, 80.

<sup>368</sup>Cf. D. TERRA, s.j., *A gramática da fé cristã*, 113.

<sup>369</sup>Cf. K. RAHNER, *Prolixitas mortis*, in *Mysterium Salutis*, vol. 5, trad. Ephraim Ferreira Alves, Editora Vozes, Petrópolis, 1984, 235 e 243.

de dar a vida<sup>370</sup>. Esta disposição apresenta a virtude do amor a Deus e ao próximo. Nesta virtude, traduz-se o princípio programático do evangelho, resumido sinteticamente nos mandamentos de Cristo acerca do amor fraterno: «amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 13, 34); «amarás ao teu próximo» (Mt 22, 39; Mc 12, 31; Lc 10, 27; Gal 5, 14)<sup>371</sup>.

A fé cristã exige a práxis do amor para com o próximo que nos rodeia. Nesta práxis do amor, o que decisivamente se requer implementar é o amor plasmado por Cristo através da efusão do seu sangue na cruz. Assim, «o lugar a partir do qual o amor se pode deslindar e testemunhar não pode encontrar-se fora do amor [...]; só pode encontrar-se onde reside a realidade em questão, a saber, no próprio amor»<sup>372</sup>. Isso significa que «o amor só pode conciliar-se com o amor, jamais com o não-amor»<sup>373</sup>. Em consequência, os cristãos devem ser «alguém que empenha a vida pelos irmãos, porque eles próprios devem a sua vida ao Crucificado»<sup>374</sup>. Neste empenho, o que os cristãos têm de dar aos seus irmãos é «a dádiva»<sup>375</sup>, «o dom sincero de si»<sup>376</sup>. Esta dádiva é entendida «como oferta e sacrifício de agradável odor a Deus» (Ef 5,2) e aos outros<sup>377</sup>.

O amor fraterno, como expressão do querer bem ao próximo, não se baseia simplesmente na razão antropológica; tem de se cimentar no amor de Deus. O amor fraterno não tem sua medida no homem; a sua medida é o amor de Deus que foi

---

<sup>370</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*, nº 28. Cf. R. COSTA, *O amor que transforma o mundo. Teologia da caridade*, trad. Manuel J. L. Marques, Cáritas Portuguesa, Lisboa, 2011, 137.

<sup>371</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 76. Cf. J. NUNES, OP, “Missão e Transformação social”, *Didaskalia* XLIV (2014), 167.

<sup>372</sup>H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 76.

<sup>373</sup>*Ibidem*, 77.

<sup>374</sup>IDEM, *Córdula ou Momento decisivo*, 103.

<sup>375</sup>*Ibidem*.

<sup>376</sup>CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 24. Cf. JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*, nº 28.

<sup>377</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 103.

«derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo» (Rm 5,5)<sup>378</sup>. Os cristãos, no dizer de Balthasar, têm de «determinar o seu lugar para retamente poder agir»<sup>379</sup>. Eles devem «caminhar para os seus irmãos partindo de Deus e, com os irmãos, olham para Deus»<sup>380</sup>. Esta afirmação de Balthasar remete para o facto de que os cristãos trazem o testemunho do amor de Deus e irradiam este amor aos outros no mundo<sup>381</sup>. Aquele que transporta em si o amor de Deus compreende que o amor é superior à morte, e, por certo, entrega-se totalmente com alegria à morte<sup>382</sup>.

A existência cristã apresenta a necessidade do êxodo, marcado por pôr-se a caminho, ao encontro dos irmãos. Trata-se de caminhar em direção aos irmãos, ir ao encontro dos irmãos. Com estes, os cristãos dirigem-se, no caminho de Cristo, a Deus-Pai. Vemos que, impelida sob o amor de Cristo, a existência cristã está prestes a ir ao encontro dos irmãos, o que implica sair de si e abandonar toda a sua preocupação do cálculo egoísta<sup>383</sup>. Contudo, os cristãos só podem realizar o seu amor autêntico compartilhando aquilo que vem do amor de Deus manifesto em Cristo<sup>384</sup>. Portanto, o específico do amor fraterno dos cristãos, que leva até à morte, está em sintonia com o exemplo do amor de Cristo que se autoentregou à morte em favor de cada ser humano<sup>385</sup>.

O amor de Cristo é sempre o amor de paixão, no qual se vê o aspeto de sofrimento, de sacrifício, de entrega total de sangue e de redenção. Por este motivo, o

---

<sup>378</sup>Cf. IDEM, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7. *Nuevo Testamento*, 351. Cf. C. A. VALLEJO, *La santa Cruz en la fe de la Iglesia*, 23.

<sup>379</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 105.

<sup>380</sup>*Ibidem*.

<sup>381</sup>Cf. *Ibidem*, 106.

<sup>382</sup>Cf. *Ibidem*. Cf. IDEM, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, 352.

<sup>383</sup>Cf. IDEM, *Córdula ou Momento decisivo*, 106.

<sup>384</sup>Cf. IDEM, *El compromiso del cristiano en el mundo*, trad. Emilio Saura, Ediciones Encuentro, Madrid, 1981, 39. Cf. C. A. VALLEJO, *La santa Cruz en la fe de la Iglesia*, 23.

<sup>385</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Quién es cristiano?*, trad. Manuel Olasagasti, Ediciones Sígueme, 2000, 95.

testemunho do amor dos cristãos desencadeia uma práxis, uma ação que consiste em participar na situação de outrem. Esse testemunho do amor manifesta-se em empenhar-se em dar a vida pelos irmãos<sup>386</sup>. O empenhamento dos cristãos encerra, portanto, a empatia, na qual os cristãos sabem, sentem e assumem a situação do seu próximo<sup>387</sup>. Este modo de agir cristão pressupõe *estar com o outro* – o que não exprime apenas a simpatia -, enquanto expressão de disponibilidade, de atenção, de compreensão e de amor<sup>388</sup>. Na verdade, aquele que ama tem tempo para estar com o outro no lugar em que o outro se encontra<sup>389</sup>. Tudo isso dá a entender que «o que importa não é a morte física, mas o dom quotidiano da vida pelo Senhor e pelos irmãos»<sup>390</sup>, dom este que se manifesta em participar nas circunstâncias difíceis da vida do outro, no sofrimento do outro. Isso quer dizer que «entregar a vida pelos irmãos não significa que podemos morrer fisicamente [...]. Significa que devemos estar dispostos a não negar a ninguém no caso de necessidade»<sup>391</sup>. Cristo diz: «Se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas» (Mt 5,41).

O *morrer* por amor a Cristo e em benefício do próximo faz-se constantemente. Trata-se de uma exigência de encher todos os momentos da existência com o pleno empenhamento da vida<sup>392</sup>. Assim, o martírio é um morrer de cada dia pelo próximo como ato de agradecimento ao amor de Cristo. O amor cristão ao seu próximo não pode separar-se do amor de Cristo na sua morte de cruz<sup>393</sup>. Isso dá a entender que o amor, que vem de Deus a nós e vai de nós até aos irmãos, tem o seu centro no amor de

---

<sup>386</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>387</sup>Cf. D. L. VIERA, “A solidariedade cristã. Horizonte de sentido e Lógica de ação”, *Communio* 2, (2009), 189.

<sup>388</sup>Cf. J. J. FERREIRA DE FARIAS, scj, *Da incerteza à esperança*, 123. Cf. H. U. v. BALTHASAR, *Quién es cristiano?*, 58.

<sup>389</sup>Cf. J. J. FERREIRA DE FARIAS, scj, *Da incerteza à esperança*, 123.

<sup>390</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, 107.

<sup>391</sup>IDEM, *Quién es cristiano?*, 95-96.

<sup>392</sup>Cf. IDEM, *Córdula ou Momento decisivo*, 107.

<sup>393</sup>Cf. IDEM, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, 356.

Cristo, porque nos encarrega o amor como preceito (Jo 15, 12-15)<sup>394</sup>. Balthasar realça desta forma:

«O martírio significa testemunho. Quer aconteça uma só vez e de modo definitivo com a perda da vida corporal, quer aconteça uma só vez e de modo definitivo com a dádiva de toda a existência no voto de viver segundo os conselhos de Jesus, quer, por último, aconteça uma só vez e de modo definitivo na morte, juntamente com Jesus, no batismo, mas a fim de que esta morte e esta ressurreição para outra vida indefetível sejam verdadeiramente vividas (Rm 6,12): tudo isso não tem muita importância. A repartição dos dons de vida, quando o homem é dócil, é feita por Deus. Mas em qualquer estado cristão, o fiel vive sempre radicado na morte e na ressurreição, porque toda a sua existência é a busca de uma resposta de agradecimento “na fé do Filho de Deus, [que] me amou e a si mesmo se entregou por mim”»<sup>395</sup>.

Já sublinhámos que a fé cristã abre horizonte para a dimensão de construir a fraternidade e o amor. Significa que ela leva os cristãos a “entrar”, a partir de Deus, no meio dos seus irmãos, e, ao mesmo tempo, fá-los ver em cada ser humano o amor do Filho do Homem, uma vez que Ele sofreu por cada ser humano<sup>396</sup>. A fé coloca ao alcance dos cristãos a virtude de imprimir na sua existência o amor fraterno<sup>397</sup>. Este amor consiste em ir ao encontro dos outros, caminhando ao ritmo do amor de Cristo; ritmo este que assenta em servir e dar: «o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão» (Mt 20, 28). Ir ao encontro dos outros e responsabilizar-se por eles ao ritmo de Cristo significa fazer-se servo de amor. Este fazer-se servo de amor está impregnado no amor do Mestre. Tudo isso dá a entender que não é possível ser discípulo de Cristo, se não se servir os irmãos<sup>398</sup>. O serviço designa o empenho da existência inteira até derramar o sangue como sacrifício por amor a Deus e ao próximo (Fl 2, 17; 2 Tim 4, 6)<sup>399</sup>. Isso quer dizer que ser discípulo

---

<sup>394</sup>Cf. IDEM, *Quién es cristiano?*, 94.

<sup>395</sup>IDEM, *Córdula ou Momento decisivo*, 107-108.

<sup>396</sup>Cf. J. POLICARPO, “Identidade cristã”, *Communio* 1 (1984), 51. Cf. H. U. von BALTHASAR, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, 356. Cf. H. U. von BALTHASAR, *Quién es cristiano?*, 95.

<sup>397</sup>Cf. J. POLICARPO, “Identidade cristã”, 53.

<sup>398</sup>Cf. R. COSTE, *O amor que transforma o mundo*, 119.

<sup>399</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Mysterium paschale*, 186. Cf. R. COSTE, *O amor que transforma o mundo*, 137.

implica empenhar-se em responsabilizar-se por outros, tomando a situação do sofrimento destes.

Tudo isso significa que os cristãos só podem fazer compreender a fé através do empenhamento incondicional, enquanto expressão de arriscar a sua vida pelos outros, no amor de Cristo. Balthasar diz que «a primeira coisa que, na fé dos cristãos, deveria surpreender um não-cristão é que eles, de modo visível, arriscam demasiado»<sup>400</sup>. Este arriscar e perder da vida pelos outros, que exprime a verdade cristã, expõe um excesso, porque o martírio, enquanto perda de vida por amor do próximo, está realmente marcado por um dom gratuito de si, através do qual o sentido da morte martirial se transforma numa primordial fonte de vida<sup>401</sup>.

Todo o agir cristão que se realiza em tomar parte da situação do outro reconduz plenamente a Cristo<sup>402</sup>, porque «sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40). Os cristãos encontram Cristo no seu próximo, no seu irmão. Por isso, Balthasar realça: «Quando encontro um homem qualquer, tenho também diante de mim o “Filho do Homem”»<sup>403</sup>. Ele explicita profundamente do seguinte modo:

«Para o cristão, o próximo que lhe sai ao encontro é espelho donde se lhe aparece Cristo. O outro aparece anónimo, um vulto suspeito. [...] Se o encontro é autêntico, o anónimo converte-se realmente no outro, detrás do qual está a liberdade, a dignidade e a unicidade do totalmente Outro [- Deus]. [...] Ele adquire um peso e sobrepeso infinito, e descubro-me também a mim do anonimato: devo apoiá-lo, devo confessar minhas senhas de identidade, devo ser responsável de mim mesmo e dele. [...] Encontramo-nos, em todo o caso, com algo real que tem um perfil concreto. Detrás do meu irmão está o compromisso de Deus até a morte; isto demonstra que o meu irmão tem para Deus um valor eterno; a minha vista perde-se no insondável»<sup>404</sup>.

---

<sup>400</sup>H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 91.

<sup>401</sup>Cf. J. M. DUQUE, *O excesso do dom. Sobre a identidade do cristianismo*, Alcalá, Lisboa, 2004, 363. Cf. X. PIKAZA, *A perseguição religiosa na Sagrada Escritura*, 144.

<sup>402</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 98.

<sup>403</sup>*Ibidem*, 100.

<sup>404</sup>IDEM, *Quién es cristiano?*, 96-97.

Vemos, assim, que «o próximo pode ficar tão próximo de nós porque Deus está presente nele, e pode ser amado, porque o amor eterno de Deus, por meio de Cristo, [...], envolve todo o nosso encontro»<sup>405</sup>. Esta visão teológica, que vê brilhar a imagem de Deus e de Cristo no rosto do irmão, deve ler-se a partir da fé e da cruz de Cristo<sup>406</sup>. Assim, Balthasar afirma: «Os olhos que me permitem ver o próximo na situação concreta só me são dados a mim mesmo na fé: na fé de que eu próprio vivo em Deus em virtude da morte de Cristo por mim [...]»<sup>407</sup>. O amor por Cristo designa o empenhamento incondicional que vai até à morte<sup>408</sup>. Este empenhamento martirial expõe profundamente maior amor, pois «ninguém tem maior amor do que aquele dá a sua vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13).

As motivações pelas quais os cristãos morrem, enquanto empenhamento incondicional do amor, podem ser diferentes. Eles podem perder a vida por toda a espécie de motivos - humanitários, sociais, solidários, baseados na dignidade da pessoa humana, na justiça, no destino universal dos bens deste mundo<sup>409</sup>. Contudo, se morrerem pelos outros no amor de Cristo<sup>410</sup>, tal morrer adquire relevo particular que «carateriza a existência cristã»<sup>411</sup> e exprime a verdade cristã<sup>412</sup>. É no dar-se que os cristãos têm *o conhecimento cristão* do amor de Deus, porque «aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor» (1 Jo 4, 8)<sup>413</sup>. A primeira carta de São João oferece-nos tal razão: «Foi com isto que ficámos a conhecer o amor: Ele,

---

<sup>405</sup>*Ibidem*, 99.

<sup>406</sup>Cf. IDEM, *Só o amor é digno de fé*, 100.

<sup>407</sup>*Ibidem*.

<sup>408</sup>Cf. *Ibidem*, 101.

<sup>409</sup>Cf. IDEM, *Córdula ou Momento decisivo*, 111.

<sup>410</sup>C. A. VALLEJO, *La santa Cruz en la fe de la Iglesia*, 23.

<sup>411</sup>H. U. von BALTHASAR, *Córdula ou Momento decisivo*, p. 111. Cf. JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*, nº 28.

<sup>412</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*, nº 29.

<sup>413</sup>Cf. H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 101.

Jesus, deu a sua vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos»<sup>414</sup>. Balthasar diz que «os que amam são aqueles que sabem mais de Deus»<sup>415</sup>.

Notamos que a radicalidade da existência cristã está assente na afirmação de que se Deus nos amou, também nós devemos amar-nos uns aos outros. A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição (1 Jo 4, 11-12)<sup>416</sup>. Tudo isso dá a entender que «o desprendimento e a disponibilidade implicam que o ser humano [- o cristão -] tenha algo para dar»<sup>417</sup>. Contudo, temos de tomar consciência de que «a pessoa que quer prestar e doar, não pretende amontar para si; o seu tesouro está na sua tarefa e no seu coração»<sup>418</sup>. Está também no coração d'Aquele que não poupou o seu Filho Unigénito e no deste Filho Unigénito que se doou previamente na cruz. «Vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus» (Col 3,3)

---

<sup>414</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>415</sup>*Ibidem*, 25.

<sup>416</sup>Cf. *Ibidem*, 101-102.

<sup>417</sup>IDEM, *¿Quién es Cristiano?*, 113.

<sup>418</sup>*Ibidem*, 115.

## CONCLUSÃO

Justificamos que o ponto a partir do qual se fala do martírio é a cruz de Cristo. Na verdade, o martírio procede da morte sangrenta de Cristo. Parte, portanto, d'Aquele que se entregou previamente na cruz, segundo «o desígnio imutável e a previsão do Pai» (At 2, 23). Em consequência, o martírio não se realiza autonomamente em si, pois a cruz de Cristo é o ponto de partida e o fundamento para o compreendermos. Deste modo, o martírio só se esclarece a partir da cruz de Cristo. O martírio tem no seu centro a cruz e a Pessoa de Cristo.

O martírio, que alude a um suplício em defesa da Verdade, é um lugar *teológico*, onde se apresenta e se vê o amor de Cristo, amor capaz de dar a vida em benefício dos outros, sem pedir nada em troca. Aqueles que pagam com o preço do seu sangue, sem reservas, a sua fé em Cristo – o caminho a seguir, a verdade a dizer e a vida a viver -, expõem o que é profundamente o amor. Assim, falar do martírio é, ao mesmo tempo, falar do amor. Tal amor implica o empenho em dar a vida. Este empenho em dar a vida, quando é posto em evidência na existência, sem cálculo dos afazeres egoístas, torna-se lugar da manifestação do amor de Cristo. Manifesta concretamente o amor d'Aquele que «não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida» (Mc 10,45; Mt 20,28b). «O sangue do mártir é a semente da fé dos cristãos», diz São Justino. É por isso que o martírio é um lugar teológico e epifania agápica. O martírio é, na verdade, o que mais se assemelha à paixão de Cristo. Tem, portanto, um caráter de paixão que se consuma no dar a vida por Cristo e pelos outros, como dádiva e dom de si. O caráter de paixão evoca o destino dos cristãos.

Hoje, o martírio permanece atual no cristianismo. É um facto frequente na vida da Igreja. Por isso, o martírio é um elemento inerente ao ser cristão. É uma dimensão séria da existência cristã. Desta forma, falar do martírio no caminhar da fé, na vida quotidiana, na existência cristã, significa apreender a autocompreensão da fé cristã. Contudo, o martírio radicaliza-se na entrega deliberada e em consciência. Comporta a doação que se acolhe e o empenho que se assume. Não resulta de uma paixão cega ou um zelo excessivo. Assim, a grandeza do martírio consiste no ato de dispor a dar-se. Nenhum martírio pode pôr condições nem requisitos.

O martírio encerra a radicalidade de dar a vida. Os cristãos não devem conservar a sua vida para si mesmos. Têm de seguir Cristo seriamente, tomando a cruz até dar a própria vida por Ele e pelos seus próximos. Estes últimos são imagem de Deus e espelho de Cristo. *Morrer* por Cristo e pelos próximos é um ato de grandeza. João parafraseia: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos» (Jo 15,13). A cruz está sempre no horizonte dos que optam por seguir Cristo e aderir a Ele, não como instrumento de violência, mas como sinal da entrega total. A cruz é a doação da vida por amor, é dar a vida por amor.

A doação da vida não se deve apenas à morte sangrenta ou violenta, mas também ao dispor do “tempo” e do “espaço” para *estar com* o outro. *Estar com* o outro evoca o empenho da vida em “ter tempo” para o próximo, o outro «tu». Eis a práxis de amarmo-nos uns aos outros. É nesta práxis que podemos manifestar o que é o núcleo do evangelho. O martírio consiste no empenho, em todas as circunstâncias, em dar a própria vida como resposta ao amor d’Aquele que se deu previamente por nós. Se Cristo deu a sua vida por nós, enquanto expressão do seu supremo amor, nós também devemos dar a nossa vida pelos outros. À medida que os cristãos dão a sua vida, por defenderem a fé em Cristo e pelos seus próximos, configuram-se com Cristo.

## BIBLIOGRAFIA

### I FONTES

#### 1.1. Livros do autor

BALTHASAR, H. U. von, *El compromiso del cristiano en el mundo*, trad. Emilio Saura, Ediciones Encuentro, Madrid, 1981.

\_\_\_\_\_, *O coração do mundo*, trad. Madalena de Castro, Livraria Tavares Martins, Porto, 1959.

\_\_\_\_\_, *Córdula ou Momento decisivo*, trad. Artur Morão, Assírio & Alvim, Lisboa, 2009.

\_\_\_\_\_, *O cristão e a angústia*, trad. António Alves Guerra, Lisboa, Livraria Morais Editora, 1963.

\_\_\_\_\_, *Gloria. Una estética teológica*, vol. 7, *Nuevo Testamento*, trad. Vicente Martín/Filipe Hernández, Ediciones Encuentro, Madrid, 1989.

\_\_\_\_\_, *Meditar cristianamente*, trad. Felipe Hernández Rodríguez, Ediciones Encuentro, Madrid, 2002.

\_\_\_\_\_, *Mysterium paschale*, in *Mysterium Salutis*, vol. 3, trad. Dom Mateus Rocha, O.S.B, Editora Vozes, Petrópolis, 1974.

\_\_\_\_\_, *Puntos centrales de la fe*, trad. José Luis Albizu, BAC, Madrid, 1985.

\_\_\_\_\_, *Quién es cristiano?*, trad. Manuel Olasagasti, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2000.

\_\_\_\_\_, *Só o amor é digno de fé*, trad. Artur Morão, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008.

\_\_\_\_\_, *Teodramática*, vol. 1, *prolegomenos*, trad. Eloy Bueno de la Fuente/Jesús Camarero, Ediciones Encuentro, Madrid, 1990.

\_\_\_\_\_, *Teodramática*, vol. 4, *la acción*, trad. Eloy Bueno de la Fuente/Jesús Camarero, Ediciones Encuentro, Madrid, 1980.

\_\_\_\_\_, *Teologia da história*, trad. Maria Manuela da Conceição Dias de Carvalho, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2010.

\_\_\_\_\_, *Teológico*, vol. 2, *Verdad de Dios*, trad. José Pedro Tosaus, Ediciones Encuentro, Madrid, 1997.

\_\_\_\_\_, *Teológico*, vol. 3, *El Espíritu de la verdad*, trad. José Pedro Tosaus, Ediciones Encuentro, Madrid, 1998.

\_\_\_\_\_, *La verdad es sinfónica. Aspectos del pluralismo cristiano*, trad. Emilio Saura, Ediciones Encuentro, Madrid, 1979.

## **1.2. Artigo do autor**

\_\_\_\_\_, “Testemunho e Credibilidade”, trad. António Vieira, *Communio* 2 (1988), 167-172.

## **II DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO**

BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, 2009.

\_\_\_\_\_, *Deus Caritas Est*, 2005.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 1987.

\_\_\_\_\_, *Gaudium et Spes*, 1987.

\_\_\_\_\_, *Dignitatis Humanae*, 1987.

\_\_\_\_\_, *Ad Gentes*, 1987.

\_\_\_\_\_, *Presbyterorum Ordinis*, 1987.

FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013.

JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, 1988.

\_\_\_\_\_, *Dominum et Vivificantem*, 1986.

\_\_\_\_\_, *Fides et Ratio*, 1998.

\_\_\_\_\_, *Homilia da solene beatificação de dois missionários-mártires salesianos D. Luigi Versiglia e Padre Calisto Caravario*, no Domingo, 15 de Maio de 1983, in [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19830515\\_due-beatificazioni.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830515_due-beatificazioni.html), acesso a 16 de Dezembro de 2014.

\_\_\_\_\_, *Redemptor Hominis*, 1979.

\_\_\_\_\_, *Redemptoris Missio*, 1990.

\_\_\_\_\_, *Salvifici Doloris*, 1984.

\_\_\_\_\_, *Tertio Millenio Adveniente*, 1994.

\_\_\_\_\_, *Veritatis Splendor*, 1993.

\_\_\_\_\_, *Vita Consacrata*, 1996.

### **III BÍBLIA**

*Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2008.

*Bíblia de Jerusalém*, Nova Edição, revista e ampliada, Paulus, São Paulo, 2011.

### **IV INSTRUMENTOS DE TRABALHO**

#### **4. 1. Dicionários**

- BEUTLER, J., “μαρτύριον, ου,τό Martyrian”, in Horst Balz – Gerhard Schneider, *Diccionario exegético del Nuevo Testamento (λ-ω)*, vol. II, trad. Constantino Ruiz-Garrido, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 181-187.
- BRECK, J., “Imitación de Jesus Cristo”, in Jean Yves Lacoste (dir.), *Diccionario crítico de Teología*, Ediciones Akal, Madrid, 2007, 598-600.
- DOR, J., “Pasión”, in Jean Yves Lacoste (dir.), *Diccionario crítico de Teología*, Ediciones Akal, Madrid, 2007, 912-916.
- FISICHELLA, R., “Martirio”, in René Latourelle (dir.), *Diccionario de Teología fundamental*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1992, 858-871.
- MARIA, M. DI S. e A. CAPPELLETTI, “Mártir”, in Ermanno Ancilli, *Diccionario de Espiritualidad*, Tomo II, trad. Joan Llopis, Editorial Herder, Barcelona, 1983, 554-562.
- MENOUD, P. H., “Martyr”, in Georhe Arthur Buttrick (edit.), *The interpreter’s dictionary of the Bible*, vol. IV, Abingdon Press, New York, 1962, 288.
- MOLINARI, P., “Martir”, I, 1, in Stefano de Fiores e Tullo Goffi, *Nuevo diccionario de Espiritualidad*, trad. Eloy Requena, et all, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, 869-876.
- MONDIN, B., “Martirio”, in *Dizionario enciclopedico del pensiero di San Tommaso D’Aquino*, Edizioni Studio Domenicano, Bologna, 1991, 373-374.
- O’DONOVAN, J. L., “Misión/Evangelización”, in Jean Yves Lacoste (dir.), *Diccionario crítico de Teología*, Ediciones Akal, Madrid, 2007, 785-788.

PIKAZA, X, “Cruz”, in *Diccionario de la Biblia. Historia y Palabra*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2007, 244-248.

#### **4.2. Enciclopédia**

KOCH, R., “Testimonio”, in *Enciclopedia de la Biblia*, vol. VI, Q-Z, Ediciones Garriga, Barcelona, 1965, 985-988.

#### **4.3. Vocabulários**

AMIOT, F., “Templo”, in Léon-Defour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 1001-1007.

AUDUSSEAU, J. e X. LÉON-DUFOUR, “Cruz”, in Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 196-198.

AUGRAIN, C., “Mártir”, in Léon-Defour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 562-563.

DEVILLE, R., “Perseguição”, in Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 768-772.

DEVILLE, R e P. GRELOT, “Reino”, in *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 871-877.

MOTTE, R., “Discípulo”, in Xavier Léon-Dufour (dir.), *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 240-242.

\_\_\_\_\_, “Hora”, in Léon-Defour (dir.), *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 413-414.

PRAT, M. e P. GRELOT, “Testemunho”, in Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 1025-1028.

VIARD, A. e J. DUPLACY, “Mediador”, in Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia bíblica*, trad. Frei Simão Voigt, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1978, 563-569.

## **V ESTUDOS**

### **5. 1. Livros**

AGOSTINHO DE HIPONA, *A cidade de Deus*, vol. II, (livro IX a XV), trad. J. Dias Pereira, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000.

ATANÁSIO, *La encarnación del Verbo*, 20, trad. José C. Fernández Sahelices, Editorial Ciudad Nueva, Madrid, 1989.

BENNER, D. G., *Entregarse al amor. Descubrir el centro de la espiritualidade cristiana*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2009.

BENOIT, P., *Paixão e Ressurreição do Senhor*, trad. Abadia Nossa Senhora das Graças, Edições Paulinas, São Paulo, 1975.

BERGER, K., *Jesús*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2009.

BIANCO, E., *I buoni pastori danno la vita. Mons. L. Versiglia e Don C. Caravario*, Editrice Elle Di Ci, Torino-Leumann, 1976.

BONNARD, P., *Evangelio según San Mateo*, trad. P. R. Santidrian, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1975/6.

BOWERSOCK, G. W., *Martyrdom & Rome*, Cambridge University Press, Cambridge, 1995.

- BROWN, R. E., *La muerte del Mesías. Desde Getsemaní hasta el sepulcro*, trad. Serafin Fernández Martínez, Editorial Verbo Divino, Estella, 2005.
- BUENO, D. R., *Introducción geral*, in *Actas de los martires*, BAC, Madrid, 1951.
- CARREIRA DAS NEVES, J., *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.
- CARTER, W., *Mateo y los márgenes. Una lectura sociopolítica y religiosa*, trad. Serafin Fernández Martínez, Editorial Verbo Divino, Estella, 2007.
- COSTA, R., *O amor que transforma o mundo. Teologia da caridade*, trad. Manuel J. L. Marques, Cáritas Portuguesa, Lisboa, 2011.
- COUTO, A., *Como uma dádiva. Caminhos de Antropologia bíblica*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2002.
- DE LA POTTERIE, I., *La pasión de Jesús según San Juan*, BAC, Madrid, 2007.
- DESCARTES, R., *Discurso do método*, trad. João Gama, Edições 70, Lisboa, 2011.
- DUQUE, J. M., *O excesso do dom. Sobre a identidade do cristianismo*, Alcalá, Lisboa, 2004.
- DUQUOC, C., *Cristologia, o Messias. Ensaio dogmático*, II, trad. Atico Fassini, Edições Loyola, São Paulo, 1980.
- \_\_\_\_\_, *El Único Cristo. La sinfonía diferida*, trad. Milagros Amado Mier y Denise Garnier, Editorial Sal Terrae, Santander, 2005.
- FABRIS, R., *Jesús de Nazaret, historia y interpretación*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1985.

- FADELLE, J., *O preço a pagar. Por me tornar cristão*, trad. António Maia da Rocha, Paulinas, Prior Velho, 2011.
- FAUS, J. I. G., *Calidad cristiana, identidad y crisis del Cristianismo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2006.
- FERRARO, B., *A significação política e teológica da morte de Jesus à luz do Novo Testamento*, Editora Vozes, Petrópolis, 1977.
- FERREIRA DE FARIAS, J. J., *Da incerteza à esperança. Ensaio de uma soteriologia narrativa. Uma releitura teológica do motivo da Encarnação*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2012.
- FIGUEIREDO, F. A., O.F.M., *Curso de Teologia patrística I. A vida da Igreja primitiva (séculos I e II)*, Editora Vozes, Petrópolis, 1983.
- FORTE, B., *Jesús de Nazaret, historia de Dios, Dios de la historia. Ensayo de una cristología como historia*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983.
- \_\_\_\_\_, *La esencia del cristianismo*, trad. José María Carda, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2008.
- GOURGUES, M., *Jesus diante de sua paixão e morte*, trad. Monjas Dominicanas, Edições Paulinas, São Paulo, 1984/5.
- HAMILTON, W., *La nueva esencia del cristianismo*, trad. Luis Martín Donaire, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1969.
- HEINZ, S., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte? Reflexiones exegéticas y panorâmica*, trad. Vítor Abelardo Martínez de Lapera, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1982.
- JACQUES, D., *Introducción a la Cristología*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1994.

- KASPER, W., *Jesús, el Cristo*, trad. José Manuel Lozano-Gotor Perona, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1978.
- KÜNG, H., *Ser cristiano*, trad. J. M. Bravo Navalpotro, Ediciones Cristandad, Madrid, 1978.
- L'ARCO, A., *Mons. Versiglia. Don Caravario*, Editrice S. D. B, Roma, 1975.
- LEÃO MAGNO, *Sermões sobre as coletas, a quaresma e o jejum de Pentecostes*, I, 48, trad. Monjas Beneditinas de Santa Maria, Editora Vozes, Petrópolis, 1977.
- LEVINAS, E., *Ética e Infinita*, trad. João Gama, Edições 70, Lisboa.
- LOURENÇO, J. D., *O sofrimento no pensamento bíblico. Releituras hermenêuticas de Isaías 53*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2006.
- MESTRES, C., *Curso bíblico*, Edições Paulistas, Belo Horizonte, 1983.
- MOLTMANN, J., *Homem a desvendar*, trad. Ruth Delgado, Edições Paulinas, São Paulo, 1976.
- \_\_\_\_\_, *El Dios Crucificado*, trad. Severino Talavero Tovar, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2009.
- NINOT, S. P. I., *Tratado de Teología fundamental*, Agape, Salamanca, 1989.
- NOLAN, A., *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*, trad. Mário do Rosário Pernas, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006.
- PANNENBERG, W., *Teología sistemática*, vol. III, trad. Miguel García-Baró, Universidad Pontificia, Madrid, 2007.
- PIKAZA, X., *Evangelio de Marcos. La buena noticia de Jesús*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2012.

\_\_\_\_\_, *A perseguição religiosa na Sagrada Escritura*, trad. Luís João Gaio, Edições Paulinas, São Paulo, 1984.

POLICARPO, *Carta aos Filipenses*, I, trad. P. O. Tosti, Edições Paulistas, Lisboa, 1960 [?].

RAHNER, K., *Prolixitas mortis*, in *Mysterium Salutis*, vol. 5, trad. Ephraim Ferreira Alves, Editora Vozes, Petrópolis, 1984.

RATZINGER, J., *A caminho de Jesus Cristo*, trad. Isaiás Hipólito, Edições Tenacitas, Coimbra, 2006.

\_\_\_\_\_, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Principia, Cascais, 2011.

RICCARDI, A., *O século do martírio. Os extermínios coletivos e o martírio individual dos cristãos do século XX*, trad. Jorge Valente, Quetzal Editores, Lisboa, 2002.

ROYAL, R., *Os mártires católicos do século XX. Uma história do tamanho do mundo*, trad. Ana Sasseti da Mota, Principia, Cascais, 2001.

SESBOÜÉ, B., *O Evangelho na Igreja. Tradição viva da fé*, trad. Ir. Isabel Fontes Leal Ferreira, São Paulo, Edições Paulinas, 1977.

\_\_\_\_\_, *Jesús Cristo el Único Mediador. Ensayo sobre la redención y la salvación*, Tomo I, trad. Alfonso Ortiz García, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 2010.

SÃO JERÓNIMO, *Comentário al Evangelio de Mateo*, trad. Bernardo Bianchi di Carcano y María Eugenia Suárez, OSB, Editorial Ciudad Nueva, Madrid, 1999.

SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Romanos*, III, 3, Edições Paulistas, Lisboa, 1960.

SANTO IRENEU, *Adversus haereses*, III, 18,6, trad. Adelin Rousseau, Les Éditions du Cerf, Paris, 1985.

SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, VII, 124, trad. Joaquim Pereira, Edições Loyola, São Paulo, 2005.

SCHMID, J., *El Evangelio según San Mateo*, trad. Mercedes González-Haba, Barcelona, Editorial Herder, 1967.

TERRA, D, s.j., *A gramática da fé cristã*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2015.

TERTULIANO, *A los mártires*, III, 3, trad. Constantino Ánchel Balaguer e José Manuel Serrano Galvón, Editorial Ciudad Nueva, Madrid, 2004.

TROMP, S. S. I., *De Revelatione Christiana*, Apud Aedes Universitatis Gregoriana, Roma, 1950.

VERMES, G., *The passion*, Penguin Books, London, 2005.

VIDAL, S., *Jesús el Galileo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2006.

WALDENFELS, H., *Teologia fundamental contextual*, trad. Manuel Olasagasti, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1994.

## **5.2. Artigos**

BAUMEISTER, Th., “Martires y Perseguidos en el cristianismo primitivo”, trad. J. Larriba, *Concilium* 183 (1983), 312-320.

BOFF, L., “Reflexión sistemática sobre el martirio”, trad. García Díez, *Concilium* 183 (1983), 324-334.

BORGES DE PINHO, J. E., “Diaconia e Caridade. Uma aproximação eclesiológica”, *Communio* 2 (2009), 195-208.

BRAGANÇA, J. O., “Martírio e Santidade”, *Communio* 2 (1987), 123-234.

COLL, G. A., “La Cruz ¿sabiduría humana? puntos de vista antropológicos sobre la cruz”, in Dionisio Borobio-Abundio Martínez (coord.), *La Cruz camino de luz*, XLI Jornadas de Teología 2008, Publicaciones Universidad Pontificia, Salamanca, 2009, 31-45.

NUNES, J., OP. “Missão e Transformação social”, *Didaskalia*, XLIV (2014), 167-182.

MARTINS, A., “A dimensão confessante da existência cristã: perspectiva antropológica”, in Maria Manuela Dias de Carvalho e Isabel Maria Alçada Cardoso (coord.), *Amor, História, Eternidade*, Atas das Jornadas Balthasarianas, Outubro de 2008 e 2009, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2010, 73-90.

MIRANDA URBANANO, C., “Tipologias literárias do martírio na Hagiografia”, *Theologica* 41 (2006), 331-358.

POLICARPO, J., “Identidade cristã”, *Communio* 1 (1984), 47-53.

RAHNER, K., “Dimensiones del martirio”, trad. J. Larriba, *Concilium* 183 (1983), 321-324.

SCHILLEBEECKX, H., *Los sacramentos como órganos del encuentro con Dios*, in *Panorama de la Teología actual*, trad. Andres Pedro Sanchez-pascual, Ediciones Guadarrama, Madrid, 1961, 469-480.

VALLEJO, C. A., *La santa Cruz en la fe de la Iglesia*, in Dionisio Borobio-Abundio Martínez (coords.), *La Cruz camino de luz. XLI Jornadas de*

*Teología 2008*, Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca,  
Salamanca, 2009, 13-30.

VIERA, D. L., “A solidariedade cristã. Horizonte de sentido e Lógica de  
ação”, *Communio* 2, (2009), 187-194.

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	2
<b>SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	3
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>I CRISTO, O MÁRTIR</b> .....	7
1. A centralidade cristológica do martírio .....	8
2. «O caminho para a cruz: teologia da Sexta-Feira Santa» .....	13
2.1. «A existência na <i>quenose</i> como obediência até à morte» .....	15
2.2. Monte das Oliveiras .....	21
2.3. Entrega .....	24
3. Os motivos da condenação de Jesus à morte .....	29
<b>II QUE SE ENTENDE POR MARTÍRIO</b> .....	35
1. A etimologia da palavra “martírio” .....	36
2. O martírio no Magistério recente da Igreja .....	41
2.1. Concílio Vaticano II, <i>Lumen Gentium</i> , nº 42 .....	41
2.2. Documentos do Papa João Paulo II .....	43
3. O fundamento bíblico do martírio no Novo Testamento .....	49

<b>III MARTÍRIO COMO DIMENSÃO SÉRIA DA EXISTÊNCIA CRISTÃ</b> .....	61
1. Da confissão ao martírio .....	62
2. Orientação de fundo do martírio .....	66
2.1. «O momento decisivo como forma» .....	68
2.2. A imitação de Cristo .....	74
2.3. O martírio como sinal de amor .....	77
3. O martírio: radicalidade da existência cristã .....	79
<b>CONCLUSÃO</b> .....	88
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	90